

**A
VIDA
NOS
MUNDOS
INVISÍVEIS
(CÉU E TERRA)**

Robert Hugh Benson

3

Avisamos o leitor que

A Vida Além do Véu e A Vida nos Mundos Invisíveis,

esses dois livros, psicografados na Inglaterra, entre 1910 e 1920, representam o máximo já vindo, espelhando o mundo espiritual. Quem quer que tenha noção de que vai um dia desencarnar e prestar contas à JUSTIÇA DIVINA, tem por obrigação conhecê-los e divulgá-los. Eles representam o testemunho da VERDADE, quando ela se manifesta em sua culminância significativa, que é relatar como funciona a JUSTIÇA DIVINA, no mais profundo de cada pessoa ou espírito, obrigando cada um a receber o merecido, em Luz e Glória, ou trevas, pranto e ranger de dentes, segundo como tenha procedido durante a encarnação. Também, fugindo ao xaropismo e ao mediocrismo de caudais de obras mediúnicas, comportam relatos sobre os Altos Escalões Direcionais de Mundos e de Humanidades, de Planetas, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, na palavra de VERDADEIROS ALTOS MENSAGEIROS, culminando com algumas manifestações de Jesus, em circunstâncias divinamente preciosas, aquelas em que os fatos oportunos demonstram e provam o quanto superam intermináveis e nauseabundas comunicações de espíritos vazios de Verdade, de Amor e de Virtude. Ter esses dois livros à cabeceira da vida, ou do leito, é ter encontro marcado com as sublimes promessas do Princípio, Deus ou Pai Divino, através de todos os Grandes Iniciados, Profetas, Mestres ou Cristos, porque apresentam OS RESULTADOS DA ENCARNAÇÃO, boa ou ruim, em plena convergência com a JUSTIÇA DIVINA, com quem jamais alguém poderá discutir, por ser INFINITAMENTE ACIMA DE PALPITES HUMANOS, de encarnados ou de desencarnados, bem ou mal intencionados.

Também os condensados iniciáticos de Osvaldo Polidoro colocam o leitor a par das VERDADES BÍBLICO-PROFÉTICAS, na hora apocalíptica em que a Humanidade terá de enfrentar O NOVO CÉU E A NOVA TERRA, depois de tremendas comoções que tudo abalarão, como está assinalado no Sermão Profético de Jesus, e no Livro da Revelação, o Apocalipse. Aos inteligentes e honestos, portanto acima de fanatismos religiosistas, sectarismos, igrejinhas, painéis e painelinhos conchavistas, lembramos a indispensável leitura de:

ORAÇÕES E VERDADES DIVINAS

CRISTIANISMO VERDADEIRO E ORAÇÕES

ORAÇÕES MARAVILHOSAS E EVANGELHO DA JUSTIÇA DIVINA

A MENSAGEM DO ANJO DO SARÇAL

POR QUE, A HIPOCRISIA COMANDA O ESPETÁCULO?

livraria Freitas Bastos S/A
Rio – Rua Sete de Setembro, 113
São Paulo – Rua 15 de Novembro, 62 a 66
(editor deste boletim à época em que foi escrito)

P – Quais os livros mediúnicos que melhor retratam os reinos espirituais, ou sobre a vida depois do túmulo?

R – São muitos, porém, dois deles vieram com a chancela do Plano Diretor; **A VIDA ALÉM DO VÉU** é um, e **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS** é outro. Nas linhas e nas entrelinhas, falam mais do que muitos outros, porque a Direção Planetária assim ordenou. E deviam sair da Inglaterra, por motivos que Deus ensinou e a Direção Planetária executou. São duas séries, não apenas dois livros, que ensinam maravilhas.

(do livreto A Mensagem do Anjo do Sarçal)

P – Com ajuda de alguém superior, pode o inferior visitar planos ou reinos superiores?

R – O Exemplo fiel está no livro A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS, que todos os estudiosos da VERDADE deviam ler. Fatos dessa ordem dão-se, e muito, nos reinos espirituais. Basta que haja merecimento, da parte do pedinte, para que os seus mentores locais providenciem a viagem. (do livreto A Mensagem do Anjo do Sarçal)

SUBCROSTA, o pior em trevas e dores, ou terríveis expiações. A Lei do Peso Específico, ou das equidades vibracionais, é que tudo rege, TANGIDA PELA JUSTIÇA DIVINA. Já existem muitos livros mediúnicos, tratando do assunto, mas, lembrem-se bem os filhos de Deus, que, por DETERMINAÇÃO DA DIREÇÃO PLANETÁRIA, entre 1910 e 1920, surgiram DUAS SÉRIES DE LIVROS, a saber:

1 – A VIDA ALÉM DO VÉU, que trata também dos Altos Escalões Direcionais, dos Planetas, Sistemas Planetários, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, etc.

2 – A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS, contendo lições profundas, nas linhas e nas entrelinhas, e, como A VIDA ALÉM DO VÉU, apresentando a normal presença do Cristo Planetário, para os efeitos administrativos em geral, porém responsabilizando a cada filho de Deus, pelas suas opções, pelas suas obras.

(do livreto “Depois da Tempestade Apocalíptica)

Mestre Osvaldo Polidoro (trecho de preleção- Livro das Comunicações II)

20-11-96 Itaim Paulista

A *Vida além do Véu* foi publicado no Brasil em uma edição que ficou empacada, enferrujou, ninguém quis comprar, por dizerem: “Como é que pode, do outro lado ter espírito com corpo, com mão e tudo isto, e habitar em lugares deste jeito!”. Até que chegou o dia em que Deus falou para Jesus e ele mandou João Evangelista dizer que eu fosse buscar na Livraria *O Pensamento* o livro *A Vida Além do Véu*.

Lá, local bem acanhado, trabalhava uma moça que havia sido minha colega de escola no jardim da infância. Eu disse a ela que queria ler um livro que falava de véu, céu alguma coisa assim. Ela respondeu: - “Osvaldo, você já leu tudo o que aqui está!! Só se for aquela porcaria que está ali, que ninguém quer...”

Subi na escada, alcancei o livro e o reconheci: “É este!” Deus então mandou que eu fizesse um boletim fazendo ler este livro que tinha informações da vida depois do desencarne. Isto foi escrito de 1913 a 1920, na Inglaterra, e antes disso não havia nenhuma informação sobre a vida dos espíritos depois do túmulo, nada! Só havia uma comunicação de um grande médium de desdobramento que foi levado ao planeta Júpiter (depois ele desenhou o Castelo do Profeta Elias que lá está), era só isto que existia, (e na Inglaterra, não na França, onde deixei o Espiritismo).

Até 1913, no planeta inteiro não havia informações sobre as condições de vida dos espíritos depois do túmulo, segundo seus merecimentos! Eu sei que eu deixei como Hermes muita coisa, tanto que está escrito nos originais: *De toda aquela Sabedoria que Hermes deixou muita coisa está guardada e lacrada até que chegue o tempo em que a Humanidade possa ter conhecimento de coisas tão avançadas.*

24/11/96 (LC II)

(*João Paulo II*) É difícil rasgar estes planos, é difícil passar por esta Sociedade Divina mas, graças a Deus não há desrespeito. Eles dizem: - “É um Papa? É, mas é um filho de Deus e tem direito a voltar a Deus”.

(*Mestre*) É obrigação!!

(*João Paulo*) É obrigação.

Vocês, Comunidades, pelo seu caminho, pela sua abertura, meu senhor Jesus de quem tanto falo.. Foi o senhor, os senhores que me abriram este caminho.

Na casca vai prevalecer este mandato mas tenho certeza de que quando eu sair da carne tudo isto vai por terra. Eu volto a reforçar e pedir a minha liberdade quando eu sair da carne.

Vêm aí os nossos amigos Vale Owen e Anthony Borgia, por que são padres...

(*Mestre*) Foram padres!

(*João Paulo*) ... mas só que eles não falam comigo porque são muita autoridade. Mas o senhor está dizendo: “Vocês tem que falar com ele!”

(*Mestre*) Eu quero que eles falem com você e você fale com eles porque foram sacerdotes de idolatrias e formalismos, mas são filhos de Deus que foram também humanistas naquilo que puderam ser, o caso é este! Quem escolheu o Vale Owen e o Anthony Borgia para aquilo que escreveram fui eu... não tinha nada dito aos terrícolas ao desencarnar sobre o que teriam que ser e viver depois do túmulo. Só depois de 1913 a 1920 que eu e Jesus escolhemos, na Inglaterra sacerdotes, espíritos velhos, os dois, para sair a série *A Vida Além do Véu* e *A Vida nos Mundos Invisíveis*, que são 9 obras fundamentais. Eles dois eram sacerdotes anglicanos, mas Vale Owen escreveu um livro escrevendo do Espiritismo, dizendo que era coisa do diabo. Quando ele desencarnou foi para o outro lado e encontrou naquela Biblioteca o livro dele dizendo que o Espiritismo era coisa do diabo e pediu para se comunicar para desdizer tudo o que havia dito. Do outro lado disseram a ele: “Então você chamou tudo aquilo de coisa do diabo e satanás e agora quer ser diabo e satanás?”

(*João Paulo*) Agora, senhor, estão me trazendo ao rés do chão para que eu veja o que há por baixo, apesar de que isto já foi feito, mas o senhor é o Senhor Renovador de tudo e de todos.

É terrível, é terrível descer a estes planos, mas também é divino dizer que vocês saem das encostas, pegam a divina embarcação rumo a Deus.

Cortaram-me, não querem que eu fale mais porque vem o Anthony Borgia, mas, por causa de querer desdizer quando foram ler aquele folheto (*)... Eu quis desdizer... graças a Deus que não me foi permitido, porque senão teria eu mais uma fatia de quintos dos infernos.

Saio porque aí vem ele, Anthony Borgia.

(*) Na sessão de 22-11-96, em Santana, o Papa quis falar através de Luis Severo para dar testemunho contra os Dons, depois que houve a leitura do mais novo folheto escrito pelo Mestre neste tema.

Anthony Borgia(24/11/96)

“Tirar a batina e vestir os Dez Mandamentos”

Boa tarde a todos.

Mestre! Que divindade esta Terra está atravessando até esta hora! Todos os sacerdotes do mundo temos que nos curvar diante de você, Moisés, figura impassável e imortal diante de nós.

Eu pergunto: Com o seu pedido, quantas almas o senhor já entregou ao Céu? Por causa disto eu estou eu estou dando testemunho de que tudo o que é bom e belo conduz a Deus. Todo este Céu que aí está...

(Mestre) E como está, não é, irmão?

(Anthony) Todos um dia terão que deixar o fardo da matéria, quem está na carne e quem está fora dela tem que deixar a túnica sacerdotal e vestir o Divinismo! Mas Deus diz: “Meus Quatro Itens!”.

Nesta Celestialidade... Deus vem falar para nós!! Peguem vocês, na carne ou fora dela, para falarem coisas deste tipo... é coisa de diabo, mais uma vez!?!)

Mas o que importa para nós? Importa que estamos soltos, estamos fora do tacão romano, estamos seguros pelo Tacão dos Dez Mandamentos de Deus!

Tenho que dizer para todos: Os Dez Mandamentos agora são um renascimento, porque haviam matado os Dez Mandamentos, tinham acabado com eles. Na sua frente, Pedra Triangular e Imortal, Elias, o Profeta dos Profetas... o senhor Melquisedec, o rei de Salém, (quanto eu devo ao senhor, Melquisedec!) Mas que glória a sua! Só com muito tamanho, só com muito gosto, só com muita certeza para seguir esta Trilha à volta a Deus sem temer nada, muito menos as cotoveladas havidas por aí. Aos senhores, nós devemos muito.

Mestre Elias, Jesus e toda a Comunidade crística, eu não posso deixar de dizer desta graça que Deus enviou a toda a Humanidade, o Patriarca Jacó, por onde nós estamos falando. Acima do Evangelho Eterno não há nada, mas puxa vida... o Céu desce! Puxa vida, eu estou livre, completamente livre para falar através do patriarca da humanidade. Não é ele a Chave primeira, é seguimento, porque só você o é, Elias. É por isso que Deus entregou-lhe os Sete Céus Fundamentais para que explicasse tudo o que há, de alto a baixo.

Graças a Deus e a todos vocês, Mãe Maria, João Evangelista, o senhor Elias e o senhor Jesus. Mas eu digo uma coisa, graças a Deus por Jacó estar no planeta, graças a Deus. Haveria outros, mas agora é dele a vez!

Benção, Mestre!

21/3/97 – Livro das Comunicações II -

Oswaldo Polidoro:

Vocês vão pegar duas séries em que nós agimos sobre os autores, Anthony Borgia e Vale Owen, os dois da Inglaterra, “A Vida nos Mundos Invisíveis” e “A Vida Além do Véu”. No “A Vida nos Mundos Invisíveis”, seu autor ao sair da carne, quando se vê e conhece suas obras e sua biblioteca, demonstra desejo de voltar à carne para falar, comunicar-se dizendo de como é a vida após a morte (segundo ele, para nós não existe, é desencarne). A primeira coisa que ele iria encontrar entre seus familiares é que eles diriam que o diabo estava falando em seus ouvidos! Ele ficaria muito chocado, diz ele, por ouvir seus parentes dizendo tal coisa, mas, também diz ele, sabemos nós que a liberdade aqui ainda é um tanto pequena para quem é pequeno, mas temos para nós as nossas amizades, as nossas brincadeiras, as nossas festas, as nossas reuniões, lindos campos, pássaros... leiam que é assim que está! Tudo aberto!

Esta figura que aqui está aparece neste livro e eu apareço também, mas, para uma humanidade ainda tão tapada e tacaña como esta, saber de mundo não é saber do Céu, está bem? Podem se encher dos doutorados que quiserem, mas se estiverem fora dos Dez Mandamentos estão fora da Sabedoria do Céu, não tem por onde, não tem como, estarão fechados para isto!

13/5/97

Entre 1903 e 1920 eu e Jesus procuramos um bispo anglo-saxão e depois Anthony Borgia para a série “A Vida Além do Véu” e “A Vida nos Mundos Invisíveis” que tem 9 obras fundamentais. “A Vida Além do Véu” foi publicada e não ganhou do Espiritismo o reconhecimento, ficou no esquecimento.(Oswaldo Polidoro)

A VIDA ALÉM DO VÉU - Este livro mediúnico deveria ser muito mais lido por aqueles que vivem falando nas verdades bíblico-proféticas. Muitos são os livros realmente mediúnicos, porém bem poucos partiram com a chancela do Plano Diretor Planetário...A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS - Muito mais recomendável ainda, como obra mediúnica que surtiu por determinação do Plano Diretor...(Mensagem aos encarnados e desencarnados – boletim do Pai

Sobre Anthony Borgia...

Anthony Borgia foi um excelente médium com um poderoso dom de clariaudiência. Foi por causa deste aspecto em particular de sua mediunidade que foi capaz de auxiliar o Monsenhor **Robert Hugh Benson** na realização de seu maior desejo: imprimir o conhecimento e os fatos da vida depois da morte, e ajudar a banir o medo da morte que afeta tanta gente.

Os livros para os quais Anthony atuou como amanuense do Monsenhor são corretamente considerados entre os 'clássicos' da literatura Espiritualista. Sempre foi uma fonte de grande alegria para ele o fato de ter ajudado desta maneira a espalhar as verdades dos ensinamentos Espiritualistas.

Anthony desencarnou em 1989, com a idade de 93 anos, um homem de uma profunda inteligência aliada a uma mente inquiridora, cujos interesses eram muitos e variados, apesar de que os que foram mais fortes, e duraram até o final de sua vida, foram os estudos da música e da ciência psíquica, em ambos podendo ser considerado um expert. Homem de grande bondade, calor humano e generosidade, era um esplêndido exemplo do verdadeiro Espiritualismo, exibiu melhor tudo isto nos seus muitos anos de quase cegueira em sua velhice, quando a graça, humor e coragem com as quais afastou as aflições atraíram a admiração de todos os que o conheceram.

Este livro permanece como testemunho ao grande desejo do Monsenhor de dividir seu conhecimento da vinda porvindoura, e uma homenagem de Anthony à Verdade que o sustentou durante sua longa vida.



CÉU E TERRA

1948

ÍNDICE

1. Minha casa ampliada - 3
2. Passado, presente, futuro - 13
3. Cor - 23
4. Visões errôneas - 30
5. Beleza - 38
6. Servir - 44
7. Unidade cristã - 52
8. Paz na Terra - 61

CÉU E TERRA

(1948)

MINHA CASA AMPLIADA

Muitos de meus amigos leitores, estando penosamente cômnicos das grandes e abaladoras mudanças que aconteceram na terra, foram levados a ponderar sobre quais mudanças, se é que aconteceu alguma, ocorreram no mundo espiritual.

Eles sabem que nem nós nem os planos onde vivemos somos estáticos, que estamos sempre progredindo e avançando e, apesar de não experimentarmos o vasto confronto que tem abalado e sacudido tão violentamente a terra, trazendo destruição e ruína, por causa deles as coisas devem ter sido alteradas entre nós de alguma forma, em alguma medida, desde o tempo em que pela primeira vez ‘rompi o silêncio’ da sepultura com estes escritos.

Veja que frase obscura e melancólica: romper o silêncio da sepultura! Como pode o silêncio de qualquer sepultura ser rompido? O que está na tumba é apenas matéria sem vida. Eu – o verdadeiro eu – nunca estive em nenhuma tumba. Contudo, pensemos em algo mais alegre e prazeroso que túmulos.

Meus amigos, também, estão gentilmente interessados em meu próprio bem estar, e ficam imaginando como tenho ‘passado’ durante estes anos passados em seu calendário.

A primeira questão, discutiremos mais tarde. Por agora, em resposta aos muitos pensamentos amistosos que chegam até mim, posso dizer que verdadeiramente estou bem, feliz e supremamente contente. Não houve mudanças pessoais que valham seu interesse. Estou totalmente ocupado, colocando-me sempre para ser útil em várias formas.

Você, sem dúvida, lembrará que entre as minhas várias atividades está a de ajudar as pessoas quando fazem sua entrada, através de sua ‘morte’, nestes planos. Trabalho em companhia de outros, principalmente entre os dois que são meus velhos amigos, Edwin e Ruth. O primeiro, como se lembra, é um antigo colega de sacerdócio dos meus tempos terrenos, que veio ao meu encontro quando da minha chegada para cá, e cuja presença de boas vindas encheu-me de júbilo naqueles momentos iniciais que se seguiram imediatamente à minha transição.

Ruth é uma jovem de grande encanto a quem encontramos em nossos passeios, sob a cuidadosa guia de Edwin, para vermos as maravilhas destes planos. Ela juntou-se à nossa expedição a nosso convite, com grande alegria, porque estava num caso similar ao meu. Isto é, ela era recém-chegada e ignorava tudo concernente a esta gloriosa nova vida como eu.

Desde aquele momento de nosso primeiro encontro, temos sido amigos. Nós três trabalhamos juntos e bastante próximos, tão próximos, de fato, que Edwin e Ruth passam mais tempo em minha casa do que em suas próprias. Um arranjo dos mais felizes e agradáveis. O lar de Ruth é lindo, mas há algo que lhe traz um apelo na casa antiga que tem sido meu lar desde que vim a este reino.

Não há nada de notável nesta casa, apesar de que é incomparavelmente mais bela agora que a sua contraparte, na qual vivi quando estava na terra. Mas atende aos meus propósitos. De fato, posso dizer que atende aos propósitos de nós três. Mencionei a casa a você antes, e dei um ou dois detalhes dela, por isso não me farei tedioso andando em terreno já pisado. Devo dizer-lhe que Ruth reformou toda a disposição dela em todos os cantos, e estou perfeitamente contente por deixar tudo assim.

Apesar de não haver mudanças observáveis em mim, fizemos um acréscimo à casa. Aconteceu assim. Primeiro, devo explicar que há milhares de pessoas engajadas em trabalho similar ao nosso. Realmente somos partes de uma organização, mas trabalhamos em grupos pequenos. Edwin, algumas vezes, se encarrega – todos nós o fazemos, em maior ou menor

grau - de alguma tarefa sozinho, como na ocasião em que foi ao meu encontro na minha passagem.

Descobrimos pela experiência que quando vamos oferecer nossa ajuda às pessoas que acabaram de deixar a terra por suas 'mortes', e que, não sabendo de nada do verdadeiro estado de vida aqui, acreditam medrosamente e fervorosamente que vão ser tragados para um assustador Julgamento; descobrimos que é nestes casos que a força de nosso grupo soma poder às nossas palavras, como se cada um explicasse individualmente à alma extremamente perplexa que não há nada a temer, nada a causar a menor ansiedade. Aquela alma pode olhar cada um de nós, três personalidades diferentes, diferentes em feições e formas, reais e humanos na aparência e na voz, e ela pode buscar confirmação, - e achar.

Não temos nada da aparência angélica que, verdadeiramente, terrificaria o recém-chegado fora de controle de seu humor, e serviria para trazer à sua mente 'os anjos da morte' – seja lá quem sejam. Estive presente em muitas passagens, mas ainda não encontrei este ser peculiar. Ele é um dos estranhos adjuntos que são tão intimamente ligados, nas mentes de alguns, à 'passagem terrível', que é como o simples procedimento de passar para o mundo espiritual tem sido estupidamente chamado.

Nosso propósito é apaziguar qualquer temor e trazer tranqüilidade mental de tal forma que tudo que tenderia a obstruir nossos esforços e aumentar nosso trabalho é eliminado ou evitado. Quando Edwin me encontrou, ele estava nas vestimentas clericais, exatamente como eu me lembrava dele e estava similarmente habituado. Agora Edwin usa normalmente suas roupagens espirituais quando está em seu reino, mas se tivesse vindo vestido desta maneira, então certamente eu teria ficado assustado – disto estou certo. Mas vê-lo ali, olhando precisamente como fazia quando na terra, com seu rosto amável, num instante serviu para me tranqüilizar. E isto poupou a Edwin bastante trabalho.

Embora as mulheres, claro, estejam bem representadas entre nós, de longe grande parte de nossa seção nesta organização é de homens que eram clérigos durante suas vidas terrenas.

As transições variam tanto nas suas circunstâncias que achamos que é muito vantajoso encontrarmos, bem freqüentemente, todos os que estão ligados ao nosso grupo para discutir nossas experiências individuais para trocar e comparar anotações. Isto aumenta prodigiosamente nosso conhecimento e nos dá valiosas informações, onde podemos nos basear para as nossas futuras ações, quando fatos similares acontecerem! Nosso local de reunião varia conforme qual de nós seja o anfitrião ou presidente da mesa no encontro de nossos companheiros, exatamente como tantos encontros de pequenas sociedades são conduzidos na terra.

Quando coube a mim acomodar nossos amigos, até então tínhamos sempre nos encontrado num aposento no andar de cima de minha casa. O aposento que foi designado para estes encontros era extremamente agradável, mas não era grande o suficiente para nossa conveniência e conforto. É verdade, a paisagem deste andar de cima é encantadora, mas não nos reuníamos para observar o esplendor indubitável da cena.

Quando o número dos trabalhadores cresceu, senti que chegara a hora de providenciar outras acomodações e mais adequadas. Edwin e Ruth, que tinham percebido, como eu, a quantidade de afazeres, concordaram comigo. Em seguida fomos para fora, para os jardins, para inspecionar nosso pequeno domínio, e finalmente nos decidimos pelo local correto para se construir uma extensão ou um anexo à construção principal. Discutimos o estilo e a forma da nova sala, sua disposição interior e exterior, como seria mobiliada e detalhes deste tipo.

O primeiro passo ativo depois disto foi consultar o governante deste reino, colocar nossos propósitos e planos diante dele e buscar sua aprovação. Pois embora tenhamos nos colocado como merecedores do direito de aumentarmos as dimensões de nossa casa, isto não significa que vai se tornar "lei para nós". Você deve saber que nestes reinos tudo é feito conforme uma ordem certa, e dentro dela.

Pode confundir algum de meus amigos quanto a como sabemos quando atingimos o direito de possuir algo em particular, que neste exemplo acontece ser um incremento de tamanho de minha casa. É uma pergunta muito difícil de ser respondida. Não sou só eu que pensa assim.

Tantos processos e procedimentos tornam-se secundários aqui para nós, no curso de nossas vidas, que pouco paramos para ponderar quando esta questão aparece, por assim dizer, e passa a ser parte de nossas vidas. Algumas coisas, claro, são bem aparentes. Por exemplo, a primeira vez em que Ruth e eu tentamos nos mover pelo processo do pensamento em vez de usarmos nossas pernas no método antigo de locomoção, que empregávamos até então. Isto, jamais esqueceremos. Foi um evento revolucionário em nossas vidas.

Imagino que não haja muitos de nós que esquecerão uma experiência deste tipo, pois nos faz logo perceber o imenso poder de nossas mentes. O que posso dizer, então, considerando nosso conhecimento absoluto de que somos livres para ter uma ou outra coisa em particular, qualquer que seja ela, é que somos conscientes de que necessitamos daquele objeto, e que temos um forte e profundo desejo. Então percebemos que nosso desejo saiu de nossas mentes e, no lugar do desejo, aparece uma certeza inconfundível de que temos a liberdade de possuí-lo. Assim, o procedimento é: primeiro temos o desejo de possuir, e ele sai de nós. Aonde vai, não sou capaz de dizer.

Se, depois que o desejo de possuir tenha sido projetado de nossas mentes, formos determinados a possuir, o desejo logo será um anseio, pois em seu lugar virá o saber que nada se contrapõe a sermos possuidores daquilo que queremos. Somos, *ipsu facto*, possuidores virtuais. Apenas temos que dar os passos necessários para que seja propriedade real.

Mas se não atingimos o direito de possuir, então o desejo ficará conosco como um desejo vago, até que o tempo de termos progredido espiritualmente. Ficaremos cientes de uma barreira positiva.

Ao dizer que um *conhecimento* do direito de possuir toma o lugar do anterior *desejo* de possuir, eu não gostaria que entendesse que nosso interesse diminui. Não é assim. Nosso interesse, na verdade, realmente aumenta. Mas há uma enorme diferença entre o desejo que é somente um desejo e que deve ficar como vago, e um desejo que pode se cumprir imediatamente. Suas próprias experiências infelizes durante a vida terrena falarão com eloquência suficiente neste ponto!

Temo que tenha sido uma informação bastante insatisfatória de um processo bem natural nestas paragens, mas você entenderá que há muitos assuntos sobre os quais não estamos informados ainda. Quando é o caso, não posso dar-lhe as razões ou as explicações de algum processo ou outro, então, o melhor que posso fazer no momento é descrever o que acontece e deixar a questão de como acontece para algum especialista nestes temas, ou até a ocasião em que eu esteja bem mais evoluído no caminho destes conhecimentos especializados.

Há muitos temas sobre os quais meus amigos da terra gostariam de mais informações, tenho plena certeza, mas primeiro terão que reconhecer que há também muitas questões que são tão fáceis de se perguntar, mas mais que difíceis de responder. Alternativamente, há uma quantidade de questões cujas respostas não os deixariam mais sábios, não que a sua inteligência seja limitada, mas porque há muito mais para ser aprendido e desvendado primeiro. Este é precisamente o caso deste seu amigo que está transmitindo estas palavras para você, pois primeiro preciso entender sobre o que estou falando, antes de querer moldar tudo em termos suficientemente inteligíveis para a sua própria compreensão.

Nestes textos variados que lhe transmiti, sempre desejei ser tão claro e preciso quanto possa ser humanamente possível; para evitar, como você foi advertido para evitar, que aquele estranho e ilusório senhor, o demônio, de qualquer forma, de qualquer tipo, que é o vazio de significação. Os amigos que me aconselharam aqui sobre estes escritos deixaram-me esta máxima: atenha-se aos fatos, dizem, e deixe os enfeites de lado.

Voltando à nova ala de minha casa. Antes de sairmos para falar com o governante do reino, fizemos, num esboço rascunhado, um projeto do novo aposento, do jeito como gostaríamos que fosse. De forma alguma somos desenhistas consumados, mas tentamos produzir um projeto, bem simples, mas esperávamos que estivesse bem claro, para apresentar ao governante, e pelo qual pudesse ser possível a um arquiteto captar com bom entendimento os nossos requisitos. Enviamos uma mensagem ao governante explicando nossas necessidades, e no espaço de momentos a resposta retornou, uma resposta que não dizia que

ele nos concedia uma entrevista, ou que devíamos nos apresentar a ele, mas, simplesmente, que ele ficaria muito feliz em nos ver.

Penso que aqui você tem, em poucas palavras, o verdadeiro caráter desta grande personalidade. Ele não é um ser remoto ou inatingível, cercado de tantos satélites que, para chegar a uma pequena distância de sua real presença, seria quase impossível, exceto aos que também sejam ilustres.

Talvez eu seja desafiado sobre a rapidez da resposta dada à nossa requisição, já que, devido ao número tão vasto de habitantes deste reino, seria literalmente fora de questão para um homem dar entrevistas a qualquer um que a deseje, sem que passe um tempo considerável, conforme são estas coisas na terra. Mas o fato é precisamente como lhe contei.

Nós esperamos apenas uns instantes para que nossa mensagem viajasse ao governante e sua resposta voltasse a nós. Nenhum grau de privilégio pode ser colocado sobre nós neste caso. A verdade simples é que o governante nunca é acessado sem necessidade desta forma, a menos que a necessidade seja imperativa, ou, de outra forma, inevitável. Se podemos obter a ajuda de que necessitamos de outra forma, buscaremos sempre fazer assim, mas para se construir um prédio novo de qualquer espécie, aqui o governante é sempre consultado primeiramente. É um preceito do qual jamais nos desviamos, apesar de que os céus não desabariam se o fizéssemos.

O mais que poderia acontecer seria que cometeríamos uma falha de boa educação, colocando em nós um alto grau de presunção. Nossos sentimentos, nestas circunstâncias, entretanto, seriam a reprimenda suficiente. Nenhum dedo seria apontado a nós, nenhuma palavra pronunciada. Nossos pensamentos seriam suficientes. Não é somente nestes casos que estou mencionando agora que nos sentiríamos assim, mas em qualquer outro deslize do bom gosto e da ordem estabelecida por aqui.

Com nossa liberdade para chamarmos o governante, enviamos a mensagem com muita alegria, já que era um evento para nós. Já havíamos presenciado várias vezes a ‘subida’ de edifícios em diferentes partes do reino, mas esta era a primeira vez em que estávamos participando ativamente da construção de um prédio que seria nosso.

O governante mora na residência mais bela. Gostaria de deixar observado aqui que o chamo de ‘governante’ na busca de termo melhor. Alguém poderia chamá-lo de ‘chefe’, ou ‘diretor’, ou ‘líder’ destes reinos, e nenhum deles conviria adequadamente ao verdadeiro significado do cargo que ele detém. Eu uso o título de governante, portanto, com a ressalva que fiz.

Nós o conhecemos por aqui pelo nome. Sendo a sua posição e suas funções conhecidas e compreendidas por todos, a mera menção de seu nome é tudo o que se requer. Nós nos dirigimos a ele pelo nome. Suas funções são amplas e variadas, como você bem pode imaginar, já que ele atua como um pai para nós, mais que uma ‘autoridade investida’ sobre nós. *Servus servorum Dei* (servo dos servos de Deus, NT), diria ele verdadeiramente, sem afetação, e dentro do significado verdadeiro da frase.

O prédio que ele ocupa é grande, já que contém os serviços de muitos assistentes e colegas. Não há escassez de trabalhadores aplicados e há sempre algo a fazer. O resultado é eficiência da mais alta qualidade em tudo que seja concernente ao bem estar do reino e seus habitantes. Ele tem inúmeros especialistas para cada ramo das atividades humanas deste reino.

Os que trabalham para ele – ao trabalharem para ele, claro, estão trabalhando para si mesmos, em direção a um maior progresso espiritual e evolução – estão totalmente familiarizados com toda a organização deste reino, cada um no seu departamento. O governante deixa sua equipe fazer seu trabalho sem interferências problemáticas, sabendo que pode confiar nos conhecimentos, bondade e bom senso deles. Isto o deixa livre para praticar aqueles pequenos atos de bondade e auxílio pelos quais lhe devotam afeição todos os habitantes deste reino. É comum vê-lo andando pelos caminhos do plano, apreciando as belezas campestres e sendo cumprimentado ou saudado em qualquer lugar que vá.

Desta forma, fomos em busca desta grande alma. Seus aposentos, na espaçosa residência que ocupa, são modestos e despretensiosos; muito bem equipado, é verdade, mas sem aqueles adornos que se supõe que um grande líder deveria estar cercado. Na verdade,

deveria descrever seu 'escritório' e o apartamento pessoal como sendo decididamente 'simples'. Tivemos que esperar apenas um momento antes que nos levassem para ver nosso amigo, e é assim por aqui, fomos 'tratados como nobres' durante um breve período.

Tão logo tenhamos entrado no aposento do governante, ele nos saudou efusivamente e nos fez sentar em confortáveis cadeiras. Ele sabia do propósito de nossa visita, mas, apesar disso, pediu que lhe déssemos mais detalhes de nossos desejos, o que fez por puro interesse, não por uma arrogante atitude paternalista. Não era uma questão de estarmos de 'chapéu nas mãos', para usar esta expressão familiar.

Ele estava se deliciando com nossos planos e diretrizes para a ampliação desejada, fez uma ou duas sugestões capitais, bem além do que planejáramos, e finalmente deu ao projeto sua aprovação cordial e suas bênçãos. Com este assunto resolvido com tanta rapidez, em seguida perguntou sobre nossas respectivas atividades, fora aquelas nas quais nós três estávamos juntos, e então, revertendo ao propósito de nossa visita, convidou-nos a visitar um homem em quem ele estava muito interessado, um arquiteto de grande habilidade e originalidade que, ele sabia, ficaria deliciado em elaborar um projeto apropriado e efetuar os arranjos para o prédio em si.

Uma breve caminhada nos levou a uma casa encantadora, cercada de jardins de muito bom gosto, através dos quais corria um regato em seu límpido curso. O morador estava sentado do lado de fora; levantou-se ao nos ver e veio em nossa direção, para nos cumprimentar. O governante, claro, ele reconheceu logo. Uma breve apresentação, não para nos fazer conhecidos formalmente, mas para dar-lhe nossos nomes e mais alguns detalhes pessoais para se estabelecer uma relação cordial. Se fôssemos totalmente estranhos, receberíamos as calorosas boas vindas, por isso tais formalidades que cumprimos foram puramente nominais.

Nosso novo amigo era a jovialidade em pessoa. Foi profuso em seus agradecimentos ao governante quando este explicou a razão de nossa vinda até ele com tantas pessoas. Ficou feliz por fazer tudo o que pudesse e, explicou ele, como estava momentaneamente ocioso, meramente deixando o tempo passar, poderíamos iniciar logo a tarefa. Nós nos divertimos com a descrição de sua atual situação, porque tínhamos acabado de ouvir o governante dizer que ele era um espírito dos mais trabalhadores, que parecia jamais parar de trabalhar, nem por um instante.

O arquiteto nos levou para sua sala de trabalho, e sentamo-nos em torno de uma mesa onde havia folhas de papel enormes e os instrumentos de desenho. Modestamente, apresentei nosso esboço rascunhado, que certamente parecia mais ser um rabisco infantil na presença de tantos projetos e planejamentos habilmente desenhados, os quais podíamos ver em diferentes partes da sala. Ele riu por nossa hesitação e elogiou-nos dizendo que em muitas ocasiões ele não recebia nem o menor rascunho rabiscado num papel, e confiava apenas no que ele sabia que seu cliente queria.

Para a sorte de muitos de iguais a nós, não é necessário fazer projetos elaborados, contanto que mantenhamos em mente o que queremos. Se tivermos uma concepção bastante clara de nossas necessidades, as faculdades perceptivas dos arquitetos deste e de outros reinos podem rapidamente averiguar rapidamente o que, exatamente, está sendo requerido. Isto, é claro, se aplica a todos nós aqui. Os especialistas em numerosos ofícios rapidamente captarão o que desejamos, e na maioria das vezes darão sugestões excelentes, com as quais jamais sonhamos. O projeto final e completo é feito, entretanto, pelos pedreiros, e isto nosso amigável arquiteto vai fazer agora.

O novo ambiente deveria ser mais comprido do que largo, e retangular; uma espécie de 'grande hall' em escala menor. Haveria janelas em três dos lados, e portas duplas em cada extremidade, um par delas abrindo para permitir a entrada pelo prédio principal, e o par restante levaria diretamente aos jardins, de tal forma que para onde olhássemos, veríamos as árvores e as flores do campo de frente.

As janelas deveriam ser multicoloridas, com algum vitral colorido na parte de cima. Levantou-se a questão de cobrir com painéis, e ficamos um tanto indecisos sobre este ponto. Nesta hora Ruth virou para o arquiteto e sussurrou algo a ele. Como o governador, que ficara conosco, Edwin e eu obviamente não deveríamos ficar escutando, ficamos bem ocupados em

nossa conversação. Mas não podíamos evitar uma olhada ocasional àqueles dois. Havia, evidentemente, algum pequeno segredo progredindo. Observamos o arquiteto apontando para uma série de posições no projeto que estava fazendo. Ruth sorria e acenava com a cabeça quando o arquiteto sorria e concordava com movimentos de cabeça também. Ele parecia ter assumido muito bem a conspiração.

Finalmente o projeto ficou suficientemente completo para que víssemos como a nova sala ficaria, e logo pudemos admirar o planejamento geral com os acréscimos que o governante havia feito, juntamente com os que o próprio arquiteto fizera. Não nos demoramos nestes procedimentos e depois fizemos outro contato, desta vez no hall dos tecidos e, até que voltássemos para casa, encontraríamos todos eles reunidos para começarem as operações.

Como o arquiteto estaria presente para testemunhar seu trabalho sendo criado, demos um até breve e andamos até o hall dos tecidos. Aqui escolhemos um tapete para o chão, um lindo trabalho, espesso na textura e rico em cores; andar nele era como caminhar sobre um gramado bem cuidado. Arranjamos a mobília de que necessitávamos e finalmente fomos para a nossa casa.

Aos detalhes da real construção, não será necessário que eu me atenha, porque já lhe transmiti bem detalhadamente como os prédios são feitos nestes reinos. O método é o mesmo em todos os casos, e este não era exceção. É muito interessante, entretanto, e, como Ruth declarou firmemente, positivamente emocionante observar nosso próprio novo aposento surgindo para a vida, diante de nossos olhos. Nosso entusiasmo era compartilhado por muitas pessoas, e fomos os receptores dos cumprimentos corteses, como em outras numerosas ocasiões, quando cumprimentamos outros em iguais circunstâncias.

Antes que o trabalho realmente começasse, o solo havia sido preparado. Isto quer dizer que, já que iríamos construir num lugar que já estava arrumado cuidadosamente em canteiros e gramados, estes foram removidos para outros lugares, a fim de que nada fosse perdido. Uma vez que o espaço requisitado esteja limpo, então o trabalho começa, e assim que a estrutura principal foi criada, os poucos ornamentos que escolhemos foram acrescentados.

Por exemplo, a inserção de vidro colorido nas janelas. Finalmente, todo o aposento ficou pronto, e fomos convidados para andar por dentro e inspecionar. Com uma palavra convidativa para o grupo de amigos e vizinhos que se reuniram para observar os procedimentos, entramos. Ruth, Edwin e eu estávamos encantados com a absoluta perfeição do trabalho, e expressamos nossa gratidão ao governante e ao arquiteto por suas sugestões que, de fato, coroaram o trabalho.

Nesta hora o aposento estava sem móveis, completamente vazio. Eu me lembrei de uma ou duas peças que deveriam ser encontradas em partes diferentes da casa, e que eu selecionara em outras vezes. Elas tinham sido maravilhosamente entalhadas por artesãos hábeis, e pensei que poderiam combinar admiravelmente com nossa nova sala. Com esta idéia em mente, deixei meus companheiros por momentos, para buscar as várias peças – um gabinete, cadeiras, e assim por diante.

Passaram-se poucos instantes até que voltei. Assim que cheguei vi que o tapete que escolhemos tinha sido colocado, e uma mesa comprida e bem sólida tinha sido colocada no centro da sala com suas cadeiras em torno, e uma poltrona notavelmente bem talhada na cabeceira.

Possivelmente meus amigos puseram na minha cabeça para deixar a sala por causa da busca. Seja lá qual for a verdade, - e tenho minhas suspeitas - imagine minha surpresa e encanto quando observei, penduradas nas paredes entre as janelas, seis das mais lindas tapeçarias. Esta era a exteriorização da conspiração havida entre Ruth e o arquiteto, quando discutiram se deveríamos ou não cobrir as paredes com painéis. Ruth havia feito estas peças e as conservou, esperando a oportunidade certa para seu uso. O momento chegara, disse ela, e elas teria bom uso.

As tapeçarias descreviam cenas rurais, mostrando uma abundância de flores e árvores, e foram feitas de tal forma que se fossem penduradas em justaposição, formariam um panorama campestre longo e contínuo. Mas cada uma podia ser usada separadamente e apartada, se

fosse desejado, e ainda formaria um quadro completo, como se estivessem presentes, se fossem pendurados entre cada uma das janelas.

Logo quando Ruth chegou a estes reinos, ela estudou a arte da tapeçaria como uma ocupação proveitosa e uma diversão agradável, e aqui estavam pendurados os frutos, ou pelo menos alguns deles, de seu trabalho. Meus amigos sem dúvida porão na cabeça a espécie de tapeçarias que é comum na terra, com seus verdes-oliva e os marrons monótonos, todos exibindo algo de aparência desbotada, agradáveis o suficiente para sugerirem outras épocas e o efeito do tempo nelas.

Mas as tapeçarias do mundo espiritual são bem diferentes. As cores são luminosas e vivas, brilhantes e claras, mas sem serem extravagantes. As cores da natureza são reproduzidas acuradamente e minuciosamente. Enquanto ficamos ali, olhando para o difícil artesanato de Ruth, quase esquecemos que estávamos observando algo tecido, ou de fato material, de qualquer forma. Parecia que as paredes tinham desaparecido e que havia a vista real de um campo.

Conforme a luz passava através do vidro colorido das partes superiores das janelas, toda a sala ficava banhada com as cores mais primorosas e os matizes mesclados. Aqui havia um efeito que na terra não é possível, pois os focos de luz colorida vinham das três direções de uma vez, formando uma mistura perfeita no meio do aposento.

E assim, para esse assunto chegar ao fim, pois penso que já me prolonguei demais, nossa sala nova foi agregada à casa. Um evento extremamente pequeno, num mundo extremamente grande, mas eu o descrevi a fim de que vocês vejam como manejamos a vida por aqui nestes reinos em particular, e para dar a vocês uma idéia do que lhes espera em termos de contentamento e prazer mental quando acontecer de vocês, meus amigos, chegarem para cá e juntarem-se a nós nestes planos.

O que lhes descrevi neste tema anterior é apenas um evento corriqueiro nas vidas que são, entretanto, nada mais que corriqueiras. Se estes reinos que eu descrevo forem corriqueiros a nós, deveremos, então, ir em busca de outras partes, ou angariar energicamente o direito de assim fazer. Nem por um momento, desde que me transformei em um habitante do mundo espiritual, achei tempo para me arrastar, como vocês dizem; nunca cheguei à finalização do que faço, nunca me incomodei com as circunstâncias.

A vida, de fato, está plena de atividades de muitas espécies. Verdadeiramente, posso dizer que jamais trabalhei tanto em minha vida, desde que cheguei ao mundo espiritual! Sempre pensei que podia realizar trabalhos valorosos quando estava na terra e, realmente, meus amigos de lá declararam que foi trabalho em demasia o que me levou da terra.

A verdade é que não é apenas o aumento de trabalho aqui que sentimos, mas a capacidade e a energia para uma “produção incrementada” em usar o atual idioma de vocês, que parece ilimitado. E enquanto os trabalhos esperam por serem feitos – nós o fazemos!

Agora, como prometi no início, vamos às mudanças que aconteceram nestes reinos. Estas mudanças que ocorreram não são sensacionais, porque não atingimos grandes progressos como vocês na terra. Não se passa através de ‘provas e tribulações’ de duas grandes guerras sem as mudanças correspondentes acontecerem. Conosco, claro, é completamente diferente. A vida aqui continua placidamente, sem interrupções ou interferências. Nada pode transtornar nossa economia; sob este termo designo toda a imensa organização destes reinos, de forma que passamos nossas vidas aqui e vemos casas serem construídas e casas serem removidas, não em grande número, mas aqui e ali, como as circunstâncias demandem.

Se fôssemos um mundo que tivesse apenas a nós mesmos para considerar, se fôssemos completamente fechados à terra, o caso seria diferente, talvez. Mas meus amigos vão se lembrar de que cada alma que vive na terra deve eventualmente vir para o mundo espiritual! Durante tempos normais na terra, as muitas organizações do mundo espiritual são completamente capazes de lidar com o fluxo normal de gente nestes reinos. Mas imagine o que acontece quando uma guerra universal irrompe na terra, e as pessoas vêm a nós, não às centenas de milhares, mas às dezenas de milhões. O fluxo normal torna-se uma torrente.

Não há necessidade real de que cada um de nós, individualmente, trabalhe mais pesado, porque há muitos, ansiosos e desejosos de engrossarem nossas fileiras usuais, para se dar conta de todas as contingências. Mas enquanto nossos serviços podem ser suplementados sem acarretar nenhuma tensão na comunidade destes planos, as casas de repouso, da forma como existem e funcionam nas condições de normalidade terrestre, tornam-se totalmente inadequadas.

Você já sabe que a maioria das pessoas, à medida que chegam aqui em sua transição, precisa de descanso em maior ou menor grau, conforme as circunstâncias e a maneira pela qual passaram para cá. O período de descanso varia desde o que você chamaria de poucos dias, até o que seriam vários meses, se fôssemos julgar as coisas pelos parâmetros terrestres. Por exemplo, meu passamento não precisou de assistência por nenhuma condição aflitiva – aflitiva, quero dizer, para mim – e por isso meu período de descanso foi bastante breve. Mas os milhares de milhares cujo passamento foi causado por uma guerra é caso completamente diferente. Frequentemente atravessaram um choque severo. Eles foram, no verdadeiro sentido da palavra, projetados para o mundo espiritual, mas é uma irregularidade para o corpo espiritual. Ele não foi feito para passar por isso, mas para passar suave e gentilmente para estes planos.

A terra (realmente) pensa e acredita que assim que uma pessoa ‘morre’, não há nada mais a ser feito. (Eu não estou considerando, claro, as crenças do tipo ‘preces ao defunto’ e assim por diante). As guerras dizimam pessoas aos milhares, e elas passam fora das vistas da maioria dos homens encarnados. Mais tarde, terei umas palavras mais que quero contar sobre este aspecto importante do tema. Por agora, isto nos remete ao mundo espiritual, estes milhões de almas para serem cuidadas, – dezenas de milhões – que vieram a nós prematuramente, antes de terem vivido o lapso de tempo normal na terra. Desnecessário lembrar-lhe que o mundo espiritual não abandona a humanidade.

Quando suas guerras iniciam na terra, uma palavra nos é dada para que novas casas de repouso sejam construídas rapidamente por causa da matança horrível que está acontecendo. O espaço é vasto por aqui, por isso não falta espaço onde se construir as mais lindas casas de repouso nas quais, além das já existentes, as mentes torturadas e os corpos dilacerados podem recuperar sua calma e se sentir repousados e revigorados. Tais construções, - e a demanda tem sido por muitas delas -, são construídas rapidamente, mas eles não omitem nada.

Quando seu uso diminui e, por fim, cessa, elas são retiradas, mas apesar de serem temporárias, nada é esquecido ou omitido para que se façam estes edifícios muito bonitos e sua eficiência a mais alta possível. Transitórias que sejam, não devem ser bruscamente construídas, devem combinar em cada detalhe com as belezas permanentes destes reinos.

Esta é a grande mudança que acontece entre nós, meus amigos. Sensacional – não. Vital ou urgente – sim. Tomara nunca fosse necessária. Porque aqui estamos nós, emendando as asneiras colossais do pessoal da terra. Mas enquanto o homem, em sua abismal loucura, tolerar a guerra, assim também será necessário que nós construamos estas grandes casas de repouso novas, para os habitantes da terra que foram lançados de suas vidas terrenas para o mundo espiritual através dos atos maldosos do homem.

Recentemente, assistimos à remoção de várias destas casas. Não ficamos tristes de vê-las saírem, porque a sua saída significa que a necessidade que tínhamos delas também acabou, e isto é causa de grande alegria para nós.

Quando lhe digo que por outro lado não temos mudanças para eu lhe apontar, você não deve inferir que estamos numa brecha, por assim dizer, que estamos ‘à parte dos tempos’ ou que estamos perfeitamente satisfeitos ‘de estarmos vivendo sempre do mesmo jeito’, e que, por isso, nossas vidas devem ter uma monotonia infinita e melancólica. Este não é certamente o caso.

Nós estamos intensamente vivos, alegremente felizes, sempre ocupados com alguma coisa útil ao nosso próximo, e quanto a estarmos à parte dos tempos, são vocês que estão, porque estamos à frente deles como você mesmo verá qualquer dia destes. Então você verá que não exagerei o caso, mas que, decididamente, suavizei-o!

PASSADO, PRESENTE, FUTURO

Um tema que exercita muitas mentes inteligentes é o ‘passado, presente, e o futuro’, visto do ponto de visto terreno. Algumas vezes se pergunta em que momento preciso o presente se torna passado e, similarmente, quando o futuro torna-se presente?

Alguém comparará a vida de uma pessoa na terra a um lápis sobre uma folha de papel, a linha preta deixada pelo lápis sendo o passado, o ponto de contato do lápis com o papel é o presente imediato, enquanto que a página em branco é o futuro. O que considero o mais importante para nós agora é a visão de muitos no mundo espiritual; não tendo consciência do tempo, medido ou não (como se supõe), o presente e o passado são um só.

Podemos apenas sentir pena desta concepção quando lembramos que a idéia geralmente aceita de ‘céu’ é o lugar onde ‘os abençoados’, os anjos e os santos, são condenados – e estou persuadido de que é a palavra certa para se usar – a passar toda a eternidade cantando hinos e outras músicas espirituais. Neste caso, o passado seria indistinguível do presente, imagino, enquanto o futuro – uma perspectiva vaga - não prometeria nenhuma diferença do presente e do passado. Entretanto, temos algo mais substancial para deliberarmos, e é a nossa memória, uma função da mente que acho que seria de pouco valor naquela eternidade de esforços vocais.

Aqueles de nós que vivemos na terra temos uma memória completa de tudo que aconteceu conosco quando estávamos encarnados. A memória é perfeita. Todos os eventos e experiências de nossas vidas, nossos pensamentos e dúvidas, são infalivelmente e indelevelmente gravados nas placas da mente. Mas isto não quer dizer que em nossas vidas aqui estejamos constantemente na presença de toda a nossa vida terrena, que sejamos assombrados por todo o imenso conteúdo de nossas memórias. A vida com tais condições tornar-se-ia um verdadeiro pesadelo, e nossos céus instantaneamente seriam transformados em infernos. Nossas mentes seriam uma completa fantasmagoria de pensamentos e idéias, com a recordação de uma série infinda de eventos da mais heterogênea ordem, o trivial sendo mesclado com o importante.

Não, meus amigos; as coisas são muito melhor organizadas que isto. Nossas memórias são tenazes e exatas, mas não somos perpetuamente cercados pelo conteúdo completo de nossas mentes. Podemos mergulhar no passado se desejarmos. Se fizemos certas coisas na terra, das quais viemos mais tarde a sentir remorso na hora que viemos a ser habitantes permanentes destes planos, e por causa delas retardamos nosso progresso, então não teremos relutância em trazer de volta pois, pelas nossas ações, podemos compensar aqueles infelizes incidentes.

Poderiam perguntar, mas se não temos tempo no mundo espiritual, como pode haver um passado como é entendido na terra? É verdade que não temos noite, apenas dia eterno; nenhum inverno, mas um verão perpétuo. Não temos a medida do tempo através de relógios ou calendários. A vida é, apesar disso, uma contínua, literalmente contínua, sucessão da existência, e que se sentiria inclinado a dizer, é tudo o que há para ser dito a respeito dele. Nenhum passado, nem futuro, mas um eterno sempre presente *agora*. Vamos ver se o “nenhum passado” é realmente uma declaração verdadeira, apesar de que devo recordar-lhe que temos uma cognição da passagem do tempo.

Quando lhe falei pela primeira vez, isto foi há *alguns anos atrás*. Você sabe disto. E eu também. Para mim, nestes reinos isto está no passado, e para mim foi – e ainda é – um evento muito marcante. Ele me permitiu acertar algo que jamais deveria ter feito quando estive encarnado. E eu não estou grato para sempre pela oportunidade de ter feito isso? Naturalmente que estou. E eu, tanto quanto posso predizer, provavelmente não vou esquecer aquele acontecimento passado.

Como isto se apresenta a mim, esta memória do passado? Ora essa, exatamente da forma que a *sua* memória apresenta o seu passado a você. Quanto à minha memória, posso dizer – e é uma experiência essencialmente pessoal – que não vejo diferença entre as funções

de minha memória de quando estive encarnado e as funções de minha memória desde quando resido no mundo espiritual, todos estes anos na sua medida de tempo. (Não nos preocupamos precisamente com o conteúdo real da memória no momento)

Desde que cheguei a estes planos, múltiplos eventos aconteceram comigo, e para outras pessoas por aqui. Aconteceram, é passado, apesar de que todas as suas particularidades são passíveis de serem prontamente re-evocadas pela mente – lembradas num instante. Mais enfaticamente, não ficam mais comigo no presente quanto ficam com você as ações que você praticou ou experimentou ontem, e que estão em sua memória hoje. O efeito destas ações e experiências pode, claro, perdurar em você por muito tempo, mas isso é outro assunto.

Quando olho para trás, ao passado desde que vim para cá, posso lembrar tudo das mais agradáveis passagens, ocorrências e experiências, etc. Posso lembrar-me delas tão claramente da mesma forma que há poucos anos atrás, ou como agora estou relembando a você. Ao transmiti-las, usei o pretérito, não somente por que pelo seu ponto de vista estavam no passado, mas porque também do meu ponto de vista estavam no passado.

Morte? – dizem os professores espirituais, não existe morte. O que parece com isto é apenas uma transição para outro mundo e a vida é contínua, sem interrupções. A morte é um mero descarte do corpo físico. Esta é uma verdade espiritual. Uma continuidade da vida e, decididamente, uma continuidade da memória. Onde houver memória, há passado. Para que usaríamos a memória se não houvesse passado para recordarmos?

A história compõe-se de eventos e as pessoas envolvidas neles, ou por eles. Os eventos de caráter nacional serão transcritos nas crônicas terrenas. Os eventos em si estão no passado, apesar de que as suas repercussões podem se estender por muito tempo, podendo ser observadas ou sentidas nos dias atuais. A leitura destes eventos pode trazê-los diante dos olhos de sua mente, e os poderes de descrição do escritor podem permitir que você tenha uma percepção dos principais personagens envolvidos. Sabe-se apenas que uma grande inexistência interpolou-se nas narrativas históricas. As verdades absolutas da história só podem ser encontradas nas bibliotecas do mundo espiritual.

Na cidade, que posso ver de minhas janelas, passei momentos de lazer folheando volumes de história. Meu interesse não é totalmente vago porque, quando era escritor na terra, algumas vezes usei os eventos da história como tema central de livros. A história que expus era tão fiel quanto possível, e de acordo com os trabalhos-padrão sobre os temas. Quanto ao resto, usei de minha imaginação nas partes puramente de ficção de meu trabalho, com as minúcias históricas servindo para a aparência de verossimilhança. Algumas vezes, quando mergulhei nos livros de história da biblioteca da cidade, tive o prazer de ler pela primeira vez a verdade contida nos eventos particulares, alguns deles narrados realmente pelos participantes principais. Isto, entretanto, deixaremos de lado.

Tudo o que vocês têm na terra são crônicas dos acontecimentos do mundo. Mas aqui no mundo espiritual estão todos os personagens, grandes e pequenos, afamados e infames, bons e maus, masculinos e femininos, que são apenas nomes, e nomes somente, a vocês ainda encarnados. Eles estão bastante dispersos por este mundo: alguns nas alturas, outros ainda padecendo profundamente nos abismos e que, pelas minhas observações, parece que ficarão por lá, só o céu sabe por quanto tempo.

Todos os seus ancestrais, meus amigos, estão por aqui, em algum lugar. Não custa nada, portanto, durante o passar dos dias aqui – eu uso esta frase metaforicamente, entendam! – literalmente encontrar alguém que morou na terra há muitos e muitos anos atrás, em tempos que agora são tidos como históricos pelos encarnados. Tenho um bom número de experiências agradáveis neste sentido. Meus interesses musicais levaram-me a companhias prazerosas entre os mestres da música, alguns dos quais apareceram há bastante tempo e outros mais recentemente. Os músicos, assim como em outras artes, formaram uma sociedade entre si, bem antiga, à qual se agregam os novos membros de vez em quando, apesar de que a entrada de mestres da música da terra tenha perceptivelmente diminuído!

Eu me tornei bem unido a um certo número de mestres da música – um caso de grupos dentro do grupo. Muitos foram os encontros agradáveis que tivemos em minha casa. Aqui podiam ser vistos – e contatados através de um bate-papo – músicos de diferentes épocas da

história da terra. Uma espécie de fusão do passado com o presente. Não havia enganos a respeito do passado, portanto. Todos estes bons homens tinham algo a relatar de suas vidas na terra.

Uma das ligações mais interessantes com o passado – interessantes, pelo menos para mim – tem a ver com a minha casa. Vocês devem saber que sua contraparte terrena é um domicílio bem antigo, retrocedendo aos tempos históricos da localidade. Imagine minha surpresa quando um destes homens geniais se apresentou como um proprietário anterior da mesma casa em que vivi na terra, quando a edificação em si ainda era bem nova. Eu vi a minha casa aqui sendo erigida, e apesar de que os materiais de que é constituída diferem bastante dos materiais terrenos, mesmo assim havia algo nela que parecia familiar a ele.

Uma pesquisa por informações provou que ele estava certo, e nada o deixaria mais satisfeito que um passeio para eu mostrasse toda a casa. Fiquei feliz em fazer isso, retribuindo o fato de ele ter me dado alguns detalhes pessoais dele e por ter feito algumas observações sobre o tempo em que ali viveu. Agora se pode perguntar, se a contraparte terrena de minha casa é historicamente antiga, por que foi dado a mim possuir uma casa similar no mundo espiritual? O que aconteceu com as vontades dos inquilinos e dos proprietários anteriores à minha posse dela? Privilégio de alguma forma? Sem dúvida, não.

A resposta é simplesmente que os inquilinos ou os proprietários precedentes não desejaram uma contraparte espiritual quando vieram para cá. Para assumirem o direito de possuí-la não nada havia barrando, nem mesmo que todos tivessem a mesma idéia e todos decidissem construir casas similares para si mesmos. Isto significa que haveria numerosas casas de padrão idêntico, ao invés desta única onde moro. O gosto pessoal de cada um deles a respeito de uma moradia mudou. Meramente, aconteceu desta forma.

O interesse que o primeiro proprietário expressou pela minha casa foi apenas passageiro. Admirou-a, claro, pelo contraste vívido que apresenta com a sua sombra terrena. Quando me refiro a uma casa sólida de tijolos e massa com sendo uma sombra, isto pode provocar um sorriso em sua face, mas asseguro-lhe que para mim, agora, minha casa atual é muito mais substancial do que jamais foi a terrena, quando eu estava morando nela!

Quantas vezes pergunta-se na terra: os fantasmas existem, você já viu algum? Podemos responder a vocês. Sim, os fantasmas existem, e vocês são eles! Temos visto vocês. Entretanto, parece que estamos saindo do curso verdadeiro, e devo restringir meu hábito fatal de fazer digressões!

Este antigo proprietário da minha casa terrena sempre vem nos ver, e conversamos sobre os tempos em que ele lá viveu. Há alguma coisa de extremamente agradável conversar com um homem que viveu em uma época passada, quando a vida era mais simples, mas, de certa forma, mais arriscada. Meu amigo achava que a maneira mais segura de proteger a posse de sua vida terrena, no significado mais amplo, era abstendo-se cuidadosamente de externar suas opiniões, a não ser sobre certos assuntos manifestamente inócuos, como música e as artes, ou agricultura e assuntos afins, deixando a religião e a política resolutamente de lado.

Ele achava que era mais saudável para sua mente deixar de visitar as cidades e as universidades, ou mesmo fazer estas visitas, quando inevitáveis, da forma mais rápida possível, e ficar no campo cuidando de seus afazeres. Desta forma, ele não só preservava sua paz mental, como também sua vida terrena. Quanto sangue foi desnecessariamente derramado em causas políticas e religiosas, os livros de histórias revelam bem. Conforme cada facção subia ao poder, responsabilizava-se em produzir 'os mártires da fé' no lado oponente. Se, naqueles dias, a verdade fosse conhecida, os mártires da religião teriam sabido que estavam sacrificando suas vidas terrenas por uma causa errada, e teriam salvado a si mesmos.

Mas, certamente, perguntar-se-ia, um homem que dá a sua vida terrena em nome de sua fé, qualquer que seja ela, mesmo que possa estar errada, pode não ter jogado sua vida fora? Ele deve colher algum benefício de valor espiritual. Agora, quem vocês achariam que seria o melhor juiz disto? Desejando uma resposta para esta pergunta, meu amigo e eu buscamos e interrogamos alguém que ainda é reverenciado na terra como um mártir e foi elevado à santidade – título que ele se recusa a aceitar.

À luz da verdade espiritual, diz ele, ele estaria errado. Ao recusar-se a subscrever certas tendências, tanto religiosas como políticas, que por caminhos tirânicos foram impostas às gentes, ele perderia sua vida terrena. Era, de fato, uma invasão da lei em assuntos onde não haveria direito de ser, e a lei, naqueles dias, em tais casos, significava o domínio do estado. Não era que ele estivesse lutando pela liberdade num sentido geral, mas por outro sistema religioso que ele acreditava ser o único verdadeiro, mas que, depois de sua chegada ao mundo espiritual, ele descobriu que não era, de forma alguma, verdadeiro. Ele tinha, então, defendido uma causa falsa. Pensou que estava agarrando-se a uma substância e descobriu que era uma sombra. Os artigos nos quais foi obrigado a subscrever seu nome eram a exteriorização de conveniências políticas, e a verdadeira religião a que se opunham era falsa.

A posição de 'mártir pela fé' é infrutífera e ingrata quando vista à luz das verdades espirituais e leis espirituais. Fora as opiniões dos meus amigos terrenos sobre estas coisas, sempre há a visão da principal pessoa implicada – o próprio mártir – a ser considerada. Se ele expressa a opinião de que fez um sacrifício inútil e desnecessário, quem o contradirá à luz da verdade espiritual? Se nossos olhos estão firmemente fechados, podemos tropeçar brutalmente, ou nos imaginar em perigo mortal por onde andamos, somente para descobrirmos que, ao abrirmos os olhos, figurativamente falando, estamos em campo aberto, longe de qualquer obstáculo que nos causasse um acidente.

Mas certamente, pode ainda ser respondido se haveria *alguma* compensação pelo sofrimento que a pessoa passou? Claro. Mas é totalmente outro assunto. Não foi somente nos últimos tempos que as casas de repouso proliferaram. Existem desde tempos imemoriais, e muitos dos mártires de épocas passadas viram-se a salvo no abrigo de alguma delas, depois de suas passagens turbulentas. Suas intenções eram as melhores, mas seus pontos de vista errôneos e, ao sacrificarem-se por uma causa vazia, não alcançam nenhuma recompensa espiritual nos moldes de uma 'coroa celeste', como os devotos gostam de acreditar para estes casos; enquanto que, se tivessem vivido uma boa vida a serviço dos outros, suas vindas prematuras e violentas aos planos espirituais receberiam ampla compensação, e eles colheriam a boa colheita daquilo que semearam na terra.

Devemos sempre lembrar, também, que, como meu antigo e amistoso informante me apontou, falando em geral, os sentimentos elevaram-se naqueles dias. Havia uma certa medida de teimosia não percebida nestes últimos tempos em que o fanatismo era tido ao pé da letra, por assim dizer, e tinha uma chance para ser demonstrado. Isto foi feito em forma de martírio. As mentes das pessoas, em muitos aspectos, estava parcialmente formada. Eram supersticiosos até certo grau, e totalmente incapazes de distinguir um acontecimento natural e ordinário de uma manifestação alegada como sobrenatural.

Em muitas ocasiões estas pessoas expuseram-se a intrincadas penitências que seriam consideradas, nestes tempos mais sábios, como 'estupidez completa'. Quanto aos que estavam em comunicação direta conosco aqui, sua posição era tremendamente arriscada, pois qualquer pensamento de intercâmbio com os 'mortos' era uma abominação, já que era ensinado e crido que as boas pessoas no 'céu' nem sonhariam em práticas tão maldosas contra a Sagrada Escritura – uma noção que tem seus partidários até hoje -, o que competia somente aos demônios fora dos infernos, que devem ser evitados como pestilências.

Alguns efetivamente tiveram a coragem de falar a verdade, mas as chamas das fogueiras logo sufocaram as suas vozes blasfemas e hereges. Vocês têm que ser muito gratos, meus bons amigos, nestes tempos atuais, pelas dores terríveis que, entretanto, suportaram. Deixemos de ficar no passado, voltemo-nos ao futuro.

Misericordiosamente, vocês talvez diriam, o futuro é um livro fechado. Se tudo tivesse que ser exposto para todos verem, muitos predizem que o caos prevaleceria. Todavia, ouve-se numerosos casos onde o futuro foi acuradamente predito. Como isto acontece?

Primeiro, gostaria de observar que é muito estranho que tanta importância seja agregada às predições que vêm do mundo espiritual. Acontece muito de colocarem mais peso neste tipo em particular de comunicação do que em muitos outros, se a predição se cumprir completamente. Parece estabelecer a *bona fides* do interlocutor de forma marcante. Qualquer

espírito que, de fato, prediz corretamente um certo evento, pessoal ou público, parece logo provar ser confiável, exato e ser pessoa totalmente desejável.

O oposto, claro, é uma abominação: um enganador, um representante do bem, mas impostor, ou, o que é pior, um demônio. Isto faria as boas pessoas do mundo espiritual serem infalíveis, uma distinção que imploramos que deixem que neguemos terminantemente. Reciprocamente, se erramos em alguma declaração, então, somos diabos, o que é igualmente falso.

Se não temos medida de tempo no mundo espiritual, como podemos falar do futuro e dar qualquer embasamento às palavras? Ainda que tivéssemos o futuro à nossa frente, como vocês viram no que eu disse neste e em outros escritos, como o progresso espiritual pode ter qualquer significado se não houvesse futuro para obtê-lo? Aquelas almas infelizes dos reinos mais baixos das trevas – cujo número aumentou tanto nos últimos anos – todas as criaturas miseráveis têm um *futuro* diante delas.

O tempo, para eles, permanece estático, aparentemente, desde o momento em que entraram naquelas regiões fétidas. O tempo não conta, para eles. Alguns deles ficam neste estado por centenas de anos. Mas cada alma dali, não importa o quão humilhado possa estar, não importa quanto tempo esteja ali afundado, pode elevar-se daquela miséria, e no final das contas o fará, mesmo que leve eras neste processo. Mas o *futuro* está diante de cada alma das trevas, como está diante de todos nós, e neste futuro também está a potencialidade de atingir os planos mais elevados. Quais são os limites do progresso espiritual? Não há ninguém aqui que ousaria arriscar uma suposição.

A concepção de que vivemos um eterno presente é errada. Todos nós esperamos pelo futuro. Observe quantos de nós temos nossas esperanças cumpridas até o último detalhe. O número é incontável. Quanto maiores os nossos esforços, maiores as nossas conquistas, e tanto mais rápida será a nossa progressão. As circunstâncias sobre as quais não temos controle, para se usar uma frase comum, podem retardar o cumprimento de nossos desejos, mas há muito com o que cada um pode se ocupar neste meio tempo. Meu próprio caso exemplificará isso a você.

Quando cheguei a estes planos e descobri a verdade, perturbava-me com um livro que escrevi na terra, o qual, desafortunadamente para mim, não podia agora ser apagado. O que havia para ser feito? O pensamento que me veio à idéia foi que eu devia retornar à terra e falar a verdade como eu agora a conhecia, eu poderia contrabalançar a injustiça e as inexatidões que expus, pois o livro tratava justamente deste assunto de comunicabilidade com o mundo espiritual.

A ajuda e o aconselhamento vieram logo, e de uma fonte que, em meus momentos mais otimistas, jamais teria sonhado ser possível. Mas este é o jeito do mundo espiritual que ajuda, sendo sinceramente procurado, pode e realmente traz das mais elevadas fontes. Meu pedido foi concedido, mas havia uma qualificação. Se eu quisesse me comunicar com a terra, deveria esperar por um tempo futuro, quando as circunstâncias permitissem. Vários eventos menores deveriam acontecer nas vidas de várias pessoas. No período intermediário, eu poderia me ocupar de várias maneiras, em meu próprio benefício. Aqui estava um caso onde eu tinha um olho, como vocês dizem, no futuro, de uma maneira bem específica.

Finalmente chegou o dia em que eu poderia quebrar o meu silêncio. O que foi, uma vez, um evento futuro tornou-se um evento bem no presente, e agora ele está distanciado no *passado*, onde o levo em consideração exatamente como vocês, com qualquer evento de *suas* vidas. Vocês têm seus dias marcantes, nós também. Este foi um dos meus.

O que aconteceu neste íterim da espera do cumprimento de meu pedido?, vocês perguntariam. Meus sábios amigos e conselheiros colocaram-me na posse total de todos os fatos e circunstâncias. Apesar de eu não ter realmente me comunicado com a terra antes do momento de meu 'novo' escrito, mesmo assim eu estava familiarizado com tudo o que estava acontecendo entre as diversas pessoas que seriam, como assim aconteceu, agregadas ao cumprimento de meu grande desejo. Fui, portanto, avisado da passagem do tempo na terra, e que os eventos estavam calmamente levando ao ponto focal, quando então me diriam: *agora* você pode falar.

Isto leva a uma nova questão: como foi sabido que meu desejo seria cumprido? Vocês diriam que foi uma profecia, sem dúvida. Mas de onde veio, e de quem? Isto, na verdade, é algo que sempre fiquei conjecturando, e não estou perto de encontrar uma resposta conclusiva. Tudo o que posso dizer sobre esta conjuntura é que nos reinos superiores do mundo espiritual vivem seres que são infinitamente mais sábios que nós, e que seu conhecimento é, correspondentemente, grande. Seu conhecimento e sabedoria combinados permitem que eles façam prognósticos acurados, baseados em diagnósticos acurados. Mas isto não pode ser encarado de forma alguma como fatalismo ou predestinação.

Da forma como eu olho as coisas, com minha experiência acumulada, posso ver que houve muitos acontecimentos incidentais, contingências, correntes cruzadas, que poderiam ter transtornado completamente os planos e arranjos que vieram a culminar quando escrevi novamente. O sempre-presente e o sempre-respeitado livre arbítrio dos outros foi o principal entre eles. Mas aconteceu que, em nenhuma hora, em nenhuma ocasião, os arranjos conflitaram com os desejos ou os sentimentos de alguém, conseqüentemente aquela parte do plano foi concluída sem arrancos ou retrocessos.

Era sabido, sem a menor sombra de dúvida, que não encontraríamos nenhuma obstrução séria ou outros impedimentos no caminho que não pudéssemos superar. Tão logo a corrente dos eventos começou a chegar ao final, eu tive uma percepção ainda mais clara de que tudo estava progredindo de forma a levar a término com sucesso. Lembrei-me as antigas palavras das sanções oficiais: *nihil obstat:imprimatur* (nada obsta, imprima-se).

Havia, entretanto, um ligeiro retardamento encontrado, e vinha do meu amanuense terreno. Não era, segundo ele, o tempo mais propício para se encarar tal desígnio. A guerra espalhou-se pelo mundo, a mente das pessoas estava inevitavelmente desviada para assuntos de natureza completamente material, e ainda por cima (na opinião dele, não na nossa!) a perspectiva era sombria e as chances de sucesso, problemáticas. Logo pudemos dispor daquilo, entretanto, porque estávamos certos de nossa meta.

Bem, apresentei agora estes detalhes a vocês – espero que não tenha sido tedioso – para mostrar que tais previsões do futuro como somos capazes de dar de vez em quando, pelo menos em assuntos materiais como discutimos aqui, são baseadas em um número de fatores definidos, e não em alguma condição misteriosa e bastante indefinível de trâmites, ou sob a ação de uma lei estranha, complexa e incompreensível, onde os eventos futuros são colocados em algum livro de registros cronológicos, cada um esperando seu inevitável cumprimento.

Também não podemos, de uma forma algo confusa, projetar nossas mentes ao tempo infinito, escolher algum evento da coleção de sombras das ocorrências futuras, e então contar a vocês sobre elas. Da forma que é esta descrição, - vaga, incompleta e insatisfatória -, assim também tem gente que a julga uma tentativa de explicação do que é previsão de acontecimentos futuros. O que é toda a verdade, não sei, mas posso dizer-lhes isso: Depois que deixamos o mundo não nos tornamos imediatamente dotados de conhecimento profundo, mas *somos* capazes de exercitar os poderes de nossas mentes, e *podemos* algumas vezes ver as mentes das pessoas.

Com este conhecimento que colocamos, podemos declarar que certos resultados serão observados em alguma situação apresentada, mas sem detalhamento da corrente de eventos e das circunstâncias que levarão, eventualmente, a tais resultados. Podemos achar uma analogia, apesar de elementar, num serviço bem conhecido na terra – e igualmente denegrido: as previsões do tempo. Se vocês tiverem numerosos observadores, situados em diferentes partes do país, e que, em tempos certos, estiverem preparados para descreverem as condições do tempo naquele distrito em particular e suas vizinhanças para uma central, pode-se obter uma leve idéia do tempo que prevalecerá em todo o país. Os peritos podem, então, dar uma previsão bastante correta das condições futuras.

Mas se apenas um envio de condições for feito durante o período de vinte e quatro horas, pode acontecer muita coisa no intervalo que nem ficam sabendo, e que acaba por tornar falsa toda a previsão. Se uma certa tendência foi notada pelos observadores, se ela persistir, tudo leva à previsão original, mas se alguma nova condição se instalar – o vento, por exemplo, soprando para outra direção – toda a previsão meteorológica ficará alterada.

Quando se considera a mutabilidade das mentes humanas, seria de se pensar que certas tendências, as quais percebemos nas atividades de algumas pessoas, podem ser tão influentes a ponto de perturbar ligeiramente alguma declaração profética que possamos fazer? A verdade é que poucas pessoas na terra estão completamente cientes da extensão em que suas atividades materiais estão sendo assistidas e conduzidas por seus amigos invisíveis do mundo espiritual. Fazemos o melhor que podemos, para darmos a ajuda que podemos dar, sem, ao mesmo tempo, nos encarregarmos de suas vidas terrenas, o que seria errado e completamente proibido.

Favorecer os afazeres de vocês envolve muito trabalho de nossa parte, onde devemos influenciar gentilmente as mentes a seu favor. Conforme vemos as coisas progredindo, podemos dar a vocês um informe de nossos esforços e seu provável desenlace. Dizemos, com efeito, que, como as coisas estão no momento, tudo está se movendo favoravelmente, e temos o desejo real de atingir nossas metas, sejam lá quais forem, em seu benefício. Então, antes que tenhamos a oportunidade de falar com vocês novamente, algum incidente, pequeno até, mas grande em suas conseqüências, pode se intrometer e desmentir totalmente nossas palavras anteriores.

Naturalmente vocês ficam desapontados, e talvez um pouquinho descrentes de nossas declarações, apesar de que não fiquem necessariamente descrentes de nossas intenções. É óbvio, vocês podem dizer entre si, que nossos amigos invisíveis não podem fazer tudo o que pensam ou desejam fazer. Assim nosso prestígio pode cair! – enquanto a falta está, na verdade, não em nós, mas nas mentes mutantes e algumas vezes incertas dos homens.

Talvez fosse uma precaução sábia, ao discutirmos os assuntos de nossos amigos terrenos, se acrescentássemos uma cláusula ou outra para nos proteger no caso de falha completa ou parcial.

Lembro-me do tempo em que estava encarnado. Como pregador popular, cobri grandes distâncias, literalmente e teologicamente. Apesar de que, do último, o mínimo diz o melhor! Conseqüentemente, os horários dos trens eram familiares a mim. O que você pensaria se em cada horário você percebesse algum aviso do tipo: "Embora esforços sejam feitos para que todos os trens partam pontualmente, nós não podemos garantir que qualquer um deles chegue em tempo ou, de fato, nem mesmo que ele chegue!"

Durante o auge do inverno, a chegada pontual dos trens pode ser um assunto arriscado. Isto é algo que quase não preciso lembrar você. Sempre pode haver uma eventualidade infeliz, um acidente, que pode impedir sua chegada ao seu destino. Mas as tabelas dos horários, por sua vez, são uma série de profecias impressas nas quais se deve colocar um certo grau de confiança, sem se considerar que um pequeno acidente pode tornar falsas aquelas afirmações. A mente dos homens pode, sem dúvida, colocar obstruções em todo o sistema ferroviário, uma situação que não é desconhecida, você concordará com isso.

Então vocês podem ver que o resultado de quaisquer planos ou arranjos dos quais vocês participem com a nossa ajuda são cercados por complicações de um tipo ou outro, qualquer um deles podendo subverter o todo e compelir a um reinício, talvez bem lá do começo. Ao darmos a vocês o que achamos que seja um resultado final, nós o fazemos sem lhes apresentar o conhecimento de todo o contexto de eventos que levam à conclusão. Assim fica bom, já que por causa da ansiedade vocês, poderiam ficar tentados a precipitar as ações por conta própria e estragar completamente o plano.

Estou persuadido de que os seres dos planos mais elevados estão completamente cômicos de tudo o que há diante de cada indivíduo e do mundo em geral. Talvez vocês pensem que os espíritos deviam ter algo melhor a fazer que se interessar tanto com os assuntos dos terrenos. Temos muito o que fazer, certamente, mas o que fazemos pelo mundo e sua população é feito a serviço, e não porque não tenhamos ocupação, ou porque sejamos intrometidos. Tudo é feito porque a terra desempenha um papel importante no esquema universal da vida, e porque, sem a ajuda do mundo espiritual, a terra estaria em profunda angústia.

Apesar dos seres daqueles reinos elevados saberem o que há no futuro, isto não quer dizer que todo o futuro esteja pré-determinado, fixo, imutável e, digamos, irrevogavelmente

inscrito numa gigantesca carta ou mapa cósmico. Creio que a verdade está no vasto conhecimento em todos os assuntos que estes grandes personagens possuem, e que tal conhecimento pode ser passado para baixo através de uma cadeia completa e indestrutível de pessoas, até que chegue a te nós, nestes reinos inferiores. Esta é a minha opinião e, como tal, transmito-a.

Eu não estou deixando que minha imaginação flua, mas estou me baseando em minhas próprias experiências a respeito destas almas sábias, cujo conhecimento é simplesmente prodigioso, inacreditável. Eu tive demonstrações disto em meus afazeres, que eu achava insignificantes demais para merecerem a menor atenção da parte deles. Mas estava completamente errado pensando desta forma.

Quando abordei pela primeira vez a questão da comunicação com a terra, o tema foi levado a uma “autoridade superior”. Desde então, visitei este personagem na companhia de Ruth e Edwin, em sua residência, nos planos mais elevados. Não é exagero dizer que ficamos encantados com o imenso alcance que ele tinha de nossas ocupações tão simples. Não poderíamos, nem por um momento, acreditar que ele fora instruído, como diriam vocês, com informações completas concernentes a nós três. Embora saibamos que ele não tenha o conhecimento total, mesmo assim tivemos a evidência de que seu conhecimento é enorme.

Novamente pode-se perguntar, por que um ilustre ser, como este que acabo descrever, mostraria tamanho conhecimento de três pessoas que estão situadas espiritualmente tão longe dele? Tudo o que posso dizer é que se fôssemos *apenas* três pessoas nestas circunstâncias, então seria marcante e inexplicável, mas enfaticamente, não somos. Seu conhecimento é usado em benefício dos planos como um todo – e mais além. E também há a sua sabedoria. É a aplicação de ambos que experimentamos aqui.

Conversei com muitos amigos sobre este assunto, e estamos todos convencidos de que é do grande reservatório de sabedoria e conhecimento destes reinos mais elevados que vem a inspiração que se difunde através do mundo espiritual e, em seguida, é transmitido à terra. O cientista daqui dirá a vocês que quando ele pede ajuda em seus laboratórios, esta ajuda vem em forma tangível, de algum outro reino. Ele não sabe de que direção vem, tudo o que ele sabe é que vem, - sem falha. A mesma coisa se aplica ao engenheiro, ou ao músico, o pintor, ou o arquiteto, e aos outros numerosos departamentos de atividades humanas.

Pode parecer que divaguei para longe de nosso tema, mas, na realidade, não, porque estive tentando provar um pouquinho as coisas a vocês, buscando descobrir de onde ou como as previsões do futuro podem vir. Disto podemos ter certeza, isto é, que cada um de nós, sem exceção, sendo dotados do livre arbítrio, nossos variados e respectivos caminhos não são dispostos diante de nós como se fôssemos uma locomotiva confinada a uma direção permanente, da qual não podemos desviar.

De que não temos um destino definitivo, não há dúvida possível; devemos, por isso, progredir espiritualmente para que, finalmente, possamos atingir o céu mais elevado e, portanto, a maior felicidade. Mas cada um de nós alcançará tal altitude através de uma miríade de formas diferentes.

Nosso caminho é mais facilmente percebido quando nos tornamos residentes do mundo espiritual. Enquanto estamos encarnados, nossa visão é limitada – muito limitada – mas sempre podemos clamar pelo direito de exercer nosso livre arbítrio, e ninguém tem o direito de nos impedir. É verdade que, com a cooperação do indivíduo, podemos sugerir e mapear uma certa estrada para que ele possa viajar sua jornada terrena, e podemos fazer tudo para atingir este alvo, mas, se o objeto de nosso interesse ou esforços expressar sua desaprovação e desejar continuar do jeito dele, é-nos proibido que façamos mais do que permitir que ele faça a sua escolha e exercite seu livre arbítrio.

Vocês devem saber que depois que passamos da terra para estes reinos maravilhosos do mundo espiritual, temos passado por experiências que esperam por vocês, e estamos mais informados nisto. Andamos um pouquinho mais na estrada que vocês, e estamos num plano mais elevado, de onde nossa visão é menos restrita e nossa perspectiva mais ampla, mais compreensiva, e onde podemos reunir todas as muitas mentes sábias que habitam aqui.

É completamente errôneo dar tanta importância às predições, como se todos os temas e práticas da comunicação entre o mundo espiritual e a terra dependessem delas. Há muitas mentes vazias na terra que só acreditariam profundamente se lhes fosse dada a previsão correta do resultado de algum evento esportivo, então estaria provado que *existe* um lugar como o mundo espiritual, e que existem *coisas* – como eles nos chamam! – como espíritos. Eles imaginam que alcançaram algo, quando na realidade nada mais provaram além de sua própria estupidez, que nunca esteve em questão.

Que dizer de seus entes queridos e parentes que já foram? Será que acham que eles estão vivendo entre os grandes do céu superior? Talvez, em sua presunção, eles achem que é assim. Será que julgam que a previsão certa dos resultados esportivos é suficiente para estabelecer a identidade e a *bona fides* (credibilidade) de seus queridos amigos que passaram para cá antes deles? Ah, não. Isto nunca aconteceria; este tipo de coisa é ridículo. Seus parentes não se comunicariam. Tudo isso é marcadamente tolo, meus queridos amigos.

Nós não estamos aqui no mundo espiritual especialmente para pensar por vocês nem para dar a certas pessoas com mentes comuns a posse de informações que lhes dariam uma vantagem material sobre seu próximo. É somente necessário responder a tais tolos de acordo com suas tolices. Não somos “adivinhos”, mas estamos ansiosos para ajudar nossos amigos na terra a superarem suas dificuldades incidentais de suas vidas terrenas, para suavizar um pouco seus caminhos.

E tudo isso é parte de um grande projeto para o nosso progresso espiritual.

COR

Mais ou menos na metade de uma passagem no andar de cima de nossa casa há uma pequena sacada na qual um pequeno lance de escadas leva a uma porta. Através desta porta levei muitos amigos, especialmente os recém-chegados aos planos espirituais, pois esta porta abre-se diretamente para uma parte do telhado que é plano.

Deste lugar se obtém uma vista magnífica de uma vasta área do campo, com a cidade vislumbrada à distância. Aos que ainda não viajaram por estes planos, ou pelo menos por este pequeno trecho dele, a vista do telhado torna-se uma revelação inspiradora a eles. Com raras exceções, recebemos a mesma resposta à pergunta que um ou outro de nós aprecia fazer aos nossos novos visitantes, que é: o que mais lhe causa impacto quando você encara esta paisagem? A resposta: a revolução das cores.

Mais que certo, é assim. É uma visão que jamais falha em nos preencher com um maravilhoso frescor e encanto, por mais acostumados que estejamos. A razão pode ser encontrada não somente no deliciar do senso físico da visão, mas o que é mais importante de muitas maneiras, a cor, em si mesma, é estimulante. Este sentimento de estímulo não é alguma experiência espiritual duvidosa, inatingível e pronta para evaporar depois de um curto intervalo. É muito mais que isso. Rejuvenesce, mesmo nestes reinos de juventude. Dá suporte, como vocês dizem, e atua como um tônico.

O contraste entre o nosso mundo e o seu, neste fator das cores, é enorme. Os dois mundos nem podem ser comparados. De fato, o que a terra não tem e precisa urgentemente em alguns rincões, é cor, muito mais cor. Suas cidades são pardacentas, tristes, incolores. Talvez eu seja chamado a responder por esta afirmação, mas vocês devem lembrar que já vivi na terra, e que agora estou vivendo no mundo espiritual.

Minha afirmação é comparativa. Se vocês pudessem dar mesmo que fosse uma olhada rápida nestes reinos, logo ficariam convencidos. Penso no desbotado de seus edifícios. Considerem, claro, que estou falando de tempos normais na terra, e não agora, depois de todos os horrores da guerra terem deixado suas marcas severas, e os anos de negligência obrigatória aumentarem a escuridão.

Logo que seus prédios são erigidos, eles mantêm seu imaculado frescor e são mais ou menos toleráveis, porque estão limpos e livres de qualquer encardido que os envolverá com o passar do tempo. Algumas pessoas admirarão o cinza escuro dos edifícios antigos, como as grandes catedrais góticas. Dirão que o tempo suavizou a pedra nova e acrescentou beleza e grandeza às obras-primas dos tempos antigos.

Como uma opinião expressa, temos de respeitá-la, mas posso dizer isto: espere até verem um de nossos prédios, e a força de minhas observações se fará manifesta. Vocês instantaneamente exclamarão quão felizes estão de saberem que não há sujeira e encardidos, nem dilapidações estruturais para estragar a beleza eterna de nossas obras primas da arquitetura, ou da mais simples e mais desprezível cabana.

É verdade, claro, que vocês têm certas condições na terra que não poderíamos ter aqui. A fumaça das vilas e cidades, por exemplo, que rapidamente sujam e escurecem os prédios. Mas o tempo chegará, em que a fumaça não estará mais presente para ser a ameaça que hoje é. Outros métodos serão inventados, e a fumaça desaparecerá para não mais reaparecer. Pelo menos, isto asseguraria que suas cidades fossem tão limpas quanto seus prédios. Mas a cor ainda estaria faltando se nada for feito.

A tendência, no passar dos anos na terra, tem sido na direção de cada vez menos cor, e o lugar onde mais se nota mais isto é nas roupas que vocês usam. Houve tempos na terra em que as pessoas usavam as cores mais alegres e brilhantes. Não era apenas quanto às mulheres apenas, pois os homens também se vestiam igualmente coloridos.

Se as pessoas na terra soubessem o valor real e a influência das cores nas mentes, e em seguida no corpo, o qual, por sua vez, age sobre toda a nação, ficariam literalmente pasmas.

Entenda que não estou defendendo uma tentativa de reforma no vestuário, apesar de que há bastante campo para isso também!

Os homens são os piores culpados pela roupagem sombria e monótona, do ponto de vista das cores. Creio que a experiência mais escura e lúgubre é ficar diante de uma audiência ou congregação de clérigos, todos vestidos com seu preto clerical – é assim que me parece agora. Nada pode sugerir mais um funeral ou qualquer coisa que seja melancólica ou depressiva. Certamente alguns dos clérigos tornaram-se mais audaciosos desde o tempo em que estive na terra, e com grande atrevimento vestiram-se com um sóbrio – bem sóbrio – cinza. Pelo menos é uma virada na direção certa, pois a religião deveria ser alegre e jovial, e seus ministros deveriam se vestir assim, a fim de proclamarem esta característica. Tudo o que é associado à religião está vestido de negro.

Nunca a deterioração do uso da cor esteve tão notória quanto no mundo espiritual. Quando as pessoas chegam aqui, usam as roupas às quais estavam acostumadas quando encarnadas; elas parecem completamente deslocadas por causa de suas roupas sem colorido. Usualmente isso não demora muito, porque elas mudam ao novo modo de se vestir.

Este é um tema que não pressionamos sobre nossos amigos recém-chegados, mas no instante em que se sentem deslocados com suas vestimentas terrenas, a mudança acontece. Há exceções, mas bem poucas. Lembro-me quando meu antigo superior eclesiástico, um ‘príncipe da Igreja’, veio morar aqui. Seguindo os costumes usuais, usou suas roupas terrenas, porém entendam que quero dizer que são a contraparte delas. Como elas já eram coloridas e ricas, pareciam esplêndidas nestas paragens, tanto que ele foi persuadido a não se descartar delas por enquanto. E, claro, sentiu-se perfeitamente confortável vestido assim. Por onde passava, pessoas que não o conheciam pessoalmente ou pela reputação, conheciam-no pelo que havia sido na terra. Eventualmente, entretanto, ele usava suas roupas espirituais, que eram igualmente coloridas e graciosas aos olhos.

No mundo espiritual, as cores têm papel vital em nossas vidas, pois não só nos provêm de prazer visual, como também das cores vêm sons musicais de beleza e pureza e insuperáveis. Isto também contribui na força vital da qual deriva nossa existência.

Depois de gastar tanto tempo na terra usando a cor preta, nossos amigos clérigos deste e de outros reinos ficam encantados quando podem finalmente trocá-la pelo brilho natural das cores de suas roupagens espirituais.

Muitas religiões na terra desviaram-se do uso de cores, além dos vitrais, ao abolirem o uso das vestimentas que seriam, pelo menos, agradáveis aos olhos. Uma Igreja, entretanto, evitou-as completamente. Apesar de que suas cores litúrgicas sejam emblemáticas, ainda servem ao propósito útil de acrescentar brilho e colorido aos procedimentos, independente do valor real que estes últimos possam ter.

O preto tem sua aparência contundente nos serviços ‘fúnebres’, para dar solenidade às observâncias que não podem ser nada mais que reverentes, pois o que poderia ser mais *terrível* do que a *morte*? – assim eles pensam. Alguém poderia pensar em algo bem pior que a morte: é o tipo de céu que se segue a esta morte e que construíram nas mentes das pessoas!

A cor preta ficou associada com os vários ornamentos dos funerais, apesar de que houve tempo em que a cor do luto era amarelo, não preto. É marcante que algumas pessoas tenham favorecido esta cor em particular, já que o amarelo é decididamente uma cor tranquilizante aos encarnados, se usada apropriadamente, por isso, naqueles tempos, quando as pessoas, como as de hoje, sentiam a dor da perda de alguém querido – pois as afeições humanas sempre persistiram – o uso das vestimentas amarelas exercia uma influência calmante e confortante sobre elas. É de se recomendar o uso desta cor brilhante e agradável em tais circunstâncias. Seria bem melhor se nunca tivesse sido trocada pela cor preta.

A cor na terra apresenta um amplo campo para a investigação, pois suas potencialidades são pouco conhecidas. Pode ser percebida uma influência bastante benéfica sobre a saúde e o temperamento do encarnado, se for empregada corretamente.

Aqui no mundo espiritual, a cor é utilizada particularmente para devolver a estabilidade às mentes perturbadas e nos tratamentos das pessoas cuja passagem para estes planos tenha sido violenta e atormentada. Quando vi uma casa de repouso pela primeira vez, observei uma

coluna de luz azul que descia sobre o edifício, envolvendo-o completamente. Isto, contaram-me, providencia tudo o que é necessário para o tratamento inicial.

Há raios de muitas cores que podem ser vistos descendo sobre as casas de repouso, cada uma para um propósito especial. Não é somente a cor que produz os resultados desejados, mas os elementos de seus raios em si. De fato, a cor desempenha um papel menor, apesar de que quando o raio é realmente percebido, a natureza agradável da cor trará muita alegria ao que recebeu.

Quando você chega a considerar a ampla diversidade das transições e suas causas, cada uma necessitando de um tratamento especial e os cuidados de uma casa de repouso ou outro local, você percebe a necessidade de que a gama de cores dos raios seja igualmente diversa. Mas como não há fim – ou aparentemente não há – no número de cores ou matizes que podem ser derivados, verá que há uma ampla provisão para *cada* tipo de transição.

Estes raios são maravilhosos de se ver operando, pois suas cores e as miríades de matizes são realmente emocionantes – não há outra palavra para descrevê-los. Você deve entender que *não* são meramente luz colorida. As nuances do azul, por exemplo, eu as vi desde o mais profundo e rico, até o mais pálido e delicado, e de tal tipo que mesmo o primeiro era brilhante e luminoso, apesar de mais escuro que a safira mais colorida. Você não conseguiria simular uma cor como esta sem reduzir muito o poder de iluminar e a magnitude da luz.

Da mesma forma, você não conseguiria o mais pálido azul sem perder o brilho e a intensidade da cor. Tirando-se a luz do sol, claro, a luz de vocês seria sempre artificial, enquanto a nossa é real e intrínseca à vida. Poderia se dizer que a luz de vocês seja morta, ou ainda, sem vida, enquanto a nossa é uma luz vívida. Isto se aplica a todas as cores do mundo espiritual, seja nas flores, nos prédios, nas águas ou nas roupas que usamos. A nossa cor significa luz; ausência de cor significa escuridão.

A grande maioria das pessoas na terra tem o que chamam de cor predileta. Da mesma forma, nós do mundo espiritual também, até mesmo entre as galáxias que podem ser encontradas para todos os lados. Alguns vão ponderar sobre esta parcialidade em particular – estou falando de vocês agora – dizendo que as cores lembram várias circunstâncias agradáveis. As pessoas dizem, por exemplo, que o amarelo e os seus diferentes matizes é a cor que mais lhes agrada porque amarela é a cor do sol e, assim, lembra-lhes o verão; outros preferem o verde, dizendo que lhes recorda os campos, as pradarias e as florestas fechadas. O azul brilhante leva outros à lembrança do mar e dos céus limpos, enquanto o vermelho dá a sensação de calor e conforto, e assim por diante. Estas imagens mentais diversificadas poderiam ser multiplicadas quase indefinidamente. Há também outro lado da história, já que as pessoas expressam grande desgosto por certas cores, porque lhes relembra coisas desagradáveis. Não consideraremos estas últimas.

Tal ‘associação de idéias’ com as cores provê uma certa base para a predileção, mas a razão verdadeira é muito mais profunda que isso. Exatamente como o seu corpo físico dará sinais exteriores de que requer algum elemento - especial, mas facilmente obtido, para manter-se saudável, da mesma forma o nosso eu superior também requisita o que é parte de sua substância – isto é, cor. Esta necessidade traduz-se na predileção pela cor de que precisa. Ao falar do eu superior, eu pediria que lembrassem que cada alma, encarnada ou desencarnada, tem seus elementos divinos em si.

Pode ser abafado pela natureza bruta e pela moradia bruta até quase se extinguir, mas nunca, absolutamente, será extinta. Mesmo naquelas regiões trevosas onde tudo é imundo, mesmo lá, mora dentro de cada uma destas almas infelizes o elemento celestial – chame de centelha divina, se quiser. Esta não pode, em nenhuma circunstância, morrer ou ser extinta. É daquele microscópico vislumbre que o progresso se inicia, apesar de que pode levar milhares de anos terrenos antes de mostrar o menor sinal de atividade ou aumento.

O eu superior manifestar-se-á de maneiras variadas, inclusive aquele gosto especial por certa cor. Com vocês da terra, isto significa que alguma cor ou outra está sendo requerida em sua contraparte etérica que, desta forma, será suprida através do corpo físico, e se revela desta forma ao implantar-se em vocês a preferência por uma cor específica. A cor que vocês assim

favorecem está *sintonizada* completamente com vocês, por isso a inconfundível sensação de agrado em relação àquela cor.

Se ela, neste processo, trazer à mente coisas agradáveis como o mar, ou os bosques, ou dias ensolarados, e assim por diante, tanto melhor, porque tais imagens ajudarão a fortalecer a preferência por tal cor e assim levar a introduzi-la e empregá-la, ou suas diferentes nuances, onde quer que seja praticável. Ao fazer isso, benefícios excelentes serão alcançados, tanto fisicamente, quanto mentalmente. O que é ainda mais importante, seu corpo etérico, para o qual seu corpo físico é apenas uma cobertura visível, também se beneficiará.

Talvez vocês digam que, da forma como as coisas são conduzidas agora, não é fácil de se incorporar a cor favorita de alguém na medida em que é necessária. Os homens, de fato, com suas roupagens sem cor e monótonas, e a sua costumeira timidez em relação a tudo que não esteja estritamente de acordo com as idéias dominantes, vão achar que a questão das cores é impossível de ser levada além de colocarem alguma corzinha extra em suas casas.

Esta é uma situação que, espera-se mesmo, será totalmente remediada no futuro. Sem dúvida levará algum tempo, por causa daquela timidez que acabei de expor. Mas a mudança para um vestuário mais colorido vai se tornar um movimento mundial da forma correta. Não estou pretendendo profetizar, mas apenas dar a vocês uma idéia da tendência geral que será percebida, cremos, daqui a bastante tempo.

Desta tendência é possível perceber – de acordo com o que já discuti com vocês antes, nestes escritos de agora – o que todos no mundo espiritual esperamos que aconteça, que é uma introdução melhor e mais adequada da cor em toda a vida na terra. Não importa que seja no vestuário ou em seus edifícios, contanto que a cor esteja lá.

Quando a fumaça tiver diminuído tanto que se esvaia de uma vez de nossas cidades e vilas, seus prédios terão uma chance melhor de preservar um pouco a mesma limpeza de superfície de quando eram novos. Vocês ainda terão os gases dos veículos para poluírem o ar, mas este pequeno problema será resolvido na ocasião adequada. Nada, então, será empecilho para fazer suas cidades realmente lindas pela introdução plena da cor, aplicada apropriadamente, e apropriadamente mesclada, em todos os prédios.

Vocês não podem imaginar, dirão, com o que se pareceria uma catedral gótica se tivesse cores. Horrível, e possivelmente vulgar; monstruosa, estariam tentados a declarar. Pense numa catedral rosa, ou púrpura. Ora, toda a idéia é absurda. Realmente é assim? Não, de jeito nenhum, meus amigos.

O problema é que esta introdução de cores soa tão incomum a vocês porque vocês cresceram acostumados a terem pouca, ou nenhuma, cor. Vocês podem dizer que certas partes da terra que estão longe de terem pouca cor; que, ao contrário, são tão cheias de cores que são tidas como verdadeiros paraísos a este respeito. Isto é perfeitamente verdadeiro, mas mesmo as mais lindas regiões de seu globo terrestre são desbotadas, se comparadas com os reinos de luz do mundo espiritual. O clima, como dirão, tem muito a ver com isto. Nestes paraísos terrestres o clima é usualmente clemente, e o brilho do sol é pródigo. Isto é igualmente verdadeiro, mas não estamos falando deles.

Os reinos de luz têm cores em abundância. Os prédios, os grandes halls, os templos ou mesmo as moradias 'privadas' mais simples, são construídos de materiais nos quais as cores estão sempre presentes. Até mesmo os passeios pavimentados são coloridos. As árvores, as flores, a grama, o solo onde estes crescem e desabrocham, as águas, tanto do mar, como as dos rios ou lagos, são a revelação da cor em todos os tons, nuances e matizes.

Por últimos, nós. Nossas roupagens espirituais são a própria incorporação da cor, pois, e verdadeiramente acredito, que a variedade mais ampla e a distribuição das combinações podem ser percebidas em nossas vestimentas pessoais, refletindo, como fazem, todas as graduações extremamente sutis da progressão espiritual. A este respeito, a cor pode servir ao propósito de ser um instrumento de registro.

Vocês não têm um instrumento científico na terra que possa registrar tão acuradamente, como as cores registram, o ínfimo grau de nossa progressão espiritual, pois neste registro a cor é *infallível* naquilo que ela revela. Não existe o fato de se assumir uma cor à qual não tenhamos sido determinados, pela simples razão de não a merecermos. Quando vocês escutam sábias

peças da terra dizendo que aqueles que se comunicam nada mais são do que diabos mascarados de 'anjos de luz', eles estão expressando a mais descarada besteira e expondo a mais profunda ignorância das leis espirituais comuns e elementares.

Deixe-me dizer isto com ênfase: é totalmente impossível alguém no mundo espiritual, não importa quem seja, assumir o menor e mais leve lampejo de luz ao qual não esteja habilitado. Luz e cores significam espiritualidade; sua ausência, a falta dela. Não há exceções, nem desvios. É uma lei fundamental operante através de todo o universo espiritual; uma lei que é fixa e imutável. A cor é natural dos reinos de luz. Nos planos cinzentos e nos de treva elas estão ausentes.

Conosco, cor é luz, e a luz é vivente. Isto, admito, é difícil de alcançar, mas é passível de uma pequena elucidação. Desta forma: pegue, por exemplo, suas pedras preciosas e, particularmente, o diamante. Todas as pedras preciosas na terra valem pela sua beleza à luz exterior. Do ponto de vista puramente artístico, todas as pedras preciosas tornam-se sem valor quando não têm brilho. Elas podem ser compostas de alguma substância comum pela qual valem, mas no instante em que são trazidas à luz, tanto a artificial quanto a solar, seu brilho torna-se imediatamente aparente. As pedras, a este respeito, são mortas; não têm vida nelas pois não contêm luminosidade própria, e são obrigadas a depender somente de luz transmitida ou refletida.

Nós temos miríades de formas de pedras preciosas nestes reinos, e de beleza e brilho tão transcendentais que superam, além da concepção, qualquer coisa que tenha sido descoberta, feita ou criada sobre a terra. Cada tipo de gema, por sua vez, tem sua ampla gama de cores, desde a mais esmaecida até a mais profunda. Diamante, esmeralda, safira, rubi, topázio, para nomear as mais familiares a você, estão todas representadas aqui, mas cada pedra, não importa que seja tão pequena quanto o topo de seu dedo mindinho ou maior que sua mão espalmada, cada pedra tem em si sua perfeita luz própria.

Ela emana soberbamente sua cor sem ajuda, pois não necessita de nenhuma fonte externa de iluminação, tanto refletida quanto transmitida. Brilha e envia seus lindos raios com um esplendor incomparável, inefável. As pedras são sem jaça, *todas elas*. É impossível detectar a mancha mais microscópica em qualquer pedra. Sem preço, diria você. Indubitavelmente, são, pois não são para serem compradas. Podem, somente, ser *merecidas*.

Para usarmos como um adorno pessoal, estas jóias incomparáveis e inestimáveis são dadas a nós como parte de nossos prêmios espirituais. Constituem-se, alguns destes, acessórios maravilhosos de nossas vidas aqui que nos trazem alegria, não somente aos que as possuem, mas a todos os que as vêem nos outros. Um tanto fantástico, você talvez dissesse, ou excêntrico. Nem um pouco. Se você pudesse ter uma destas gemas nas mãos, todas as suas idéias mundanas sobre este tema sumiriam num instante. Os meus amigos terrenos que têm o dom da visão bem cultivado, e que podem realmente ver tais coisas como estas, logo poderão comprovar as minhas palavras, se tiverem visto realmente as jóias do mundo espiritual.

Enquanto estou neste assunto, o artesanato da feitura de nossas jóias é, claro, bem comparável a estas pedras brilhantes. Elas são usadas pela pessoa como parte do adorno que usa na cabeça, ou como parte de um cinto, ou suspenso por uma correntinha em torno do pescoço. E assim mais um adendo foi acrescentado ao capítulo *cor*.

Da mesma forma que acontece com suas pedras preciosas, assim é com as pedras de menor valor – nosso material de construção. A superfície de sua pedra é opaca e sem cor. O purista diria que estou errado porque a pedra terrena pode ser cinza ou bege, ao ainda avermelhada. Claro, mas e o resto das cores do espectro? Onde se pode encontrar estas, em seus trabalhos em pedra?

A superfície de nossa pedra – e entenda que estou usando aqui os termos terrenos para descrever as substâncias do mundo espiritual – a superfície de nossa pedra tem uma translucidez semelhante à do alabastro. Observando-se bem de perto, pode-se ver logo que a cor e a luz que lhe dá vida vêm da substância em si. Ela literalmente brilha, ainda que não tenha a aparência de ser *iluminada* desde o seu interior.

Minha atual dificuldade, veja, é transmitir-lhe a idéia sem ter nada com o que comparar, porque não há nada na terra que seja semelhante a nossos materiais de construção. O melhor

que posso fazer, entretanto, é tentar apresentar o que vemos quando observamos em torno, e fazer isto com os termos mais possíveis, literalmente.

A cor da pedra, então, emana, mas não conclua daí que todos os nossos prédios são resplandecentes com raios de luzes coloridas, faiscantes e iridescentes. O brilho que se percebe é de uma luz suave, gentil, delicada e dominante, e não uma corrente de luz que fere, penetrante. Quanto às cores, têm as texturas dos tons pastel como vocês os conhecem. Como os prédios são construídos entre lindos jardins com uma profusão de flores, árvores e gramados, a cor do edifício tem que combinar com seu ambiente e não sobrepujar, através do seu poder de vivacidade, os matizes da natureza em si.

Devo reafirmar que as nuances das cores em nossos edifícios são extremamente delicadas, então quando digo a vocês que temos glórias arquitetônicas como as catedrais góticas, exatamente como na terra (apesar de que usadas para outros propósitos), e que todas elas são construídas em pedra colorida, não há motivo de alarme quando eu sugiro que podem rivalizar conosco em todos os novos prédios que com o tempo serão erigidos na terra. A questão da catedral roxa, aqui não acontece! Nem aquela vermelha cintilante também!

Mais uma vez digo que não finjo profetizar, mas estou apontando a você uma tendência que é observada em nossos laboratórios daqui, isto é, que em tempo certo uma substância será descoberta ou pesquisada – ou inventada, se assim deseja – que permitirá aos construtores da terra aplicar um revestimento aos seus edifícios, mais rígido e mais durável que os atuais já conhecidos e usados. Neles será incorporado um material corante da cor que se deseja, desde as mais brilhantes cores fortes, até os mais delicados matizes.

Não importa de que material seja construído este prédio, esta substância será aplicada no final de tudo, dando uma coloração e uma textura mais bonitas a tudo. Será liso e fácil de limpar, mas na ausência de poluição não ficará encardido. Isto, meus amigos, é apenas uma previsão simples daquilo que vocês poderão fazer na terra, se aquelas 'autoridades acima de vocês' moverem-se, e pensarem algumas vezes em termos de beleza e não meramente na utilidade.

Por que não ter ambos, beleza e utilidade, em todos os seus prédios? É o que temos nestes planos mais altos e úteis do mundo espiritual. Pense apenas na diferença que poderia haver na aparência total de suas cidades e vilas se belos projetos de cores harmoniosas fossem aplicados em todos os cantos. Ainda em tempo, suas próprias casas serão beneficiadas também, pois estas novas descobertas serão para todos.

Deixaram-me dar uma espiada em alguns dos laboratórios daqui de vez em quando, e este é um item que posso revelar a vocês. Não é dos maiores, vocês diriam, mas, apesar de tudo, é algo que vai ajudar a trazer a cor urgentemente necessária para a indescritível cor cinzenta da terra – ou partes dela.

Admito francamente que, quando estava encarnado, a velha terra parecia um bom lugar para se morar, e naqueles tempos eu sabia pouco ou quase nada – quase nada! – do que se seguiria. Contentava-me em abraçar a vida na terra da forma que me permitiam e sair dela cheio das graças que fossem possíveis. Espero que tenha realizado este último. Imagino que sim, porque meus amigos daqueles tempos diriam que tive uma 'morte muito boa', significando, tanto quanto eles entendem, uma morte bastante 'piedosa'! Temos rido muito a respeito disto desde então.

Entretanto, a terra parecia um lugar agradável, e não me sentia incomodado com a falta de cores – até que vim para cá. Então percebi o que deixei para trás quando vi onde tinha chegado. É como se você fosse apreciar dois quadros, um deles todo em um monocromático cinza, e outro totalmente colorido. Tente esta simples experiência e então, amigos, terão uma idéia – uma *pequena* idéia - da diferença entre a terra e a profusão de cores em nosso mundo do espírito.

VISÕES ERRÔNEAS

As visões entre os encarnados a respeito da posição exata, ou designação própria, dos reinos onde vivo são variadas. Alguns os encaram não como um 'céu' em si, mas como um anexo, um plano externo do céu, em vez do lugar de felicidade celestial que a maioria tem em mente.

Esta concepção surge, imagina-se, do fato que nestes planos temos muito (deve ser objetado) de natureza material, pois o que poderia ser mais material que casas e prédios em geral, e jardins, e rios e mares, sem falar nas nossas múltiplas ocupações? Tais coisas não parecem combinar com a idéia deles de céu.

Não, não combinam, mas é porque a idéia comum de céu é construída em cima de bases erradas. A parte do mundo espiritual em que vivo, entretanto, seria encarada como não sendo mesmo da natureza do céu. Pois o céu é, inquestionavelmente, a habitação dos anjos e santos, e estes seres não poderiam, nem com uma imaginação extravagante, estar interessados, ou engajados, em coisas materiais como as que contei a vocês como sendo as características destas regiões em particular.

É difícil fazer outra coisa que não associar o céu com religião, porque a Igreja clama exclusividade no trato de temas como a 'salvação das almas', e isto é concernente ao céu, o lugar mais difícil de se entrar. O que realmente importa, então, é que eu – com incontáveis outros, como eu – não estou no céu, mas decididamente fora dele. Veremos isto mais tarde.

Há outra visão freqüentemente expressa sobre este tema, que é o fato de podermos ser imensamente felizes nestes reinos, ainda que dificilmente sejamos bem espiritualizados. Conforme vamos progredindo, deveremos ir deixando para trás este modo de vida e nos tornarmos altamente etéreos. Subiremos de reino a reino, sempre mais alto e mais alto. Apenas isto. E depois, o que acontece?

De acordo com alguns encarnados, nós nos tornaremos tão altamente espiritualizados que seremos forçados a ficar onde estivermos, pois para descer a um plano inferior seria muito torturante a nós. Os aspectos 'físicos' de nossos corpos, similarmente, terão uma transmutação até que chegaremos a perder toda a nossa aparência anterior, como a que nossos amigos nos conhecem, e evoluiremos até sermos seres (assim pareceremos) compostos inteiramente de luz, possuindo muito pouco de substância, dificilmente distinguíveis uns dos outros, tanto na forma quanto nas características, e despojados de todos os atributos humanos, sem traços característicos, sem graça e remotos. Deixem-me dizer enfaticamente que não é assim. Bem longe disso.

Quem dirá onde inicia o céu? Seria audacioso aquele dentre nós que aqui, nestes planos, se aventurasse a responder. Quais são os fatos? Posso apenas dar a vocês o que encontro deles, e é o que milhões de outros encontram também. Se querem dizer que estes reinos são de natureza material, então o façam por todos os meios. Vocês estarão afirmando precisamente o mesmo que nós. Somos eternamente gratos por eles *serem* materiais. Tudo é da mais gloriosa solidez em torno de nós. Excelente! É como gostaríamos!

A água é molhada e cintilantemente límpida, a luz é clara e maravilhosa. As roupas que usamos são primorosas ao toque, e as cadeiras onde nos sentamos são as mais cômodas e confortáveis. Se vamos a outro plano podemos ver que a água é mais grossa e suja, e a luz não é tão brilhante. Isto, dirão vocês, é compreensível. Mas, e se formos para outra direção? Observaremos que a água é ainda mais cintilantemente límpida, os assentos são ainda mais cômodos e confortáveis que os nossos, e a luz bem mais forte e mais bela. E assim será por todo o caminho através dos reinos de luz. Os reinos superiores são, em cada átomo, tão materiais aos seus residentes quanto estes reinos são para nós. Devo acrescentar que os reinos elevados são tão materiais a nós, dos inferiores, que fomos privilegiados por visitá-los, quanto o nosso.

Como serão os seres que habitam aquelas regiões tão altas? Certamente que não são meras massas de luz, e um pouco de tudo o mais. Intensa luz, certamente eles têm, mas é parte

de sua natureza, não toda a sua forma ou substância. Há gente na terra que declararia que não é possível olhar para estes seres e sobreviver. É puro desatino.

Todos nós, de vez em quando, vimos estas personalidades por um bom tempo, e ainda somos bem sobreviventes. Nós três, Edwin, Ruth e eu, visitamos um dos mais ilustres seres em seu próprio domínio. Foram nos mostradas bastantes partes do reino onde ele tem sua casa – e eu uso esta palavra no sentido literal. Não fomos obrigados a obscurecer nossos olhos em sua presença para prevenirmo-nos contra qualquer resplandecência de luz que nos consumiria. Sentamo-nos em cadeiras confortáveis em um aposento soberbo, de onde podíamos ver um jardim magnífico. Este grande homem falou a nós como nós – e vocês – esperaríamos que qualquer ser racional falasse.

Foi uma experiência de tirar o fôlego, claro, e, mais ainda, que se repetiu em numerosas outras ocasiões. Novamente, esta mesma pessoa nos visitou em nosso próprio reino. Ele mesmo nos buscou em nossa casa, sentou-se em nossas cadeiras e admirou nosso lar e tudo o que ele contém. Agraciou-nos com a sua presença quando tivemos um encontro social de amigos – artistas, músicos e afins. Conversou conosco, como grupo e individualmente, com cada um sobre nossos vários esforços.

Animou-nos e encorajou-nos com suas palavras, e ajudou-nos a resolver nossas dificuldades. Ajuntou-se a nós nestas pequenas reuniões sem qualquer indício, sem mesmo a menor sugestão de que, estando tão longe de seu reino, estivesse passando por uma prova terrível de resistência espiritual. Não há um só indivíduo *neste ou em qualquer outro reino de luz* que não o conheça de vista, pela voz, pela fama ilustre. Suas visitas a estes reinos são para nós ‘dias especiais e de festa’, quando ele está em suas jornadas ‘oficiais’.

Quando ele nos visita pessoalmente – e por que não, se é de sua vontade? – não pode, claro, passar despercebido pelos outros, mas o tipo ‘privado’ de sua visita encontra rápida concordância. E o que ele pode fazer, outros de menos hierarquia em espiritualidade também podem fazer – e o fazem. Neste trânsito, esta grande personalidade não perde nada de seus estupendos atributos, os quais são seus. Ele não é tão etéreo para ser, em todas as aparições, uma massa de luz. Ele é humano nestes reinos mais baixos tanto quanto ele é em seu próprio ambiente. Nós já o vimos em ambos lugares e, portanto, podemos falar baseados na experiência.

Conforme progredimos e avançamos de reino a reino, retemos nossa individualidade, e também nossa forma exterior e as características pelas quais somos reconhecidos. A luz que revela nossa elevação espiritual pode tornar-se mais intensa, mas nunca de forma a afogar, debaixo de seu poder e brilho, aquilo que seja de nossa própria personalidade. Certamente, para uma pessoa de baixa espiritualidade, o brilho da luz seria cegante, mas nós não somos habitantes daqueles reinos trevosos e nossos olhos não são incomodados por esta luz, apenas nos aquecemos nos raios da grandeza espiritual.

Quando fazemos visitas aos reinos mais elevados, alguns ajustes devem necessariamente ser feitos, mas não são a fim de prevenir para que não sejamos consumidos, ou para que não fiquemos tão deslumbrados que nossas consciências nos abandonem diante da magnitude do esplendor espiritual. Nossos sentimentos pessoais diante do que vemos podem ser subjugados, mas induzidos pelo nosso sentimento de inferioridade espiritual, pela perfeição de quem estamos encarando. Nossos corações e mentes estarão plenos, mas não sofremos nenhum desconforto corporal.

O que vemos quando vamos a estes reinos mais rarefeitos? De acordo com a maioria das religiões, não se pode ver nada a não ser algumas espécies de ‘magnificências nebulosas’ e alguma coisinha preciosa a mais. A ordem das coisas pareceria apresentar completa inatividade, exceto por uma programação de cantoria de hinos incessante, e uma eternidade de orações e ladainhas. O que vem à cabeça das pessoas, então, é que quanto mais elevado se ascende espiritualmente, menos se tem como atividade, até que chega o momento de não se fazer nada por completo, a não ser ‘elevar as vozes em cânticos’.

O que acontece com a sabedoria acumulada e a inteligência pelas quais aqueles elevados seres são renomados? Certamente, tantos atributos superlativos é um desperdício vergonhoso, se seus portadores devotam seu tempo integral aos exercícios vocalísticos

espirituais. E que concepção estranha do Pai do Universo supor-se que Ele requisite que tais serviços tão inúteis sejam rendidos a Ele. Isto não se ajusta ao Ser de Inteligência Total.

A Lógica e a sanidade nos levam a uma *outré* noção. Não é de se surpreender, pois a lógica e a sanidade estão ambas certas. Não, meus queridos amigos, o mundo espiritual é conduzido por linhas bem melhores e mais racionais que aquelas.

Todos os nossos esforços nestes planos de luz são dirigidos a propósitos úteis. Mantenha sempre isto em mente. Nós visamos servir ao nosso próximo, tanto encarnados quanto desencarnados (que é como vocês nos chamam), utilmente, e, ao servir vocês, servimos ao Pai de nós todos. E Ele nos quer no trabalho útil, trabalho que traga algum bem a alguém. Esta regra – como podemos chamá-la – se aplica a todos os reinos do mundo espiritual, mesmo nos mais elevados.

Vocês ficariam atônitos diante do colossal volume de trabalho que se desenvolve continuamente nestes reinos mais elevados. Não há tempo para se desperdiçar em demasiadas cantorias de ‘cânticos espirituais’; há muitas outras coisas importantes a serem feitas. Eu conheço pelo menos um destes personagens mais elevados, a quem uma descrição destas cantorias seria positivamente intolerável. Não é que não tenhamos as mais lindas vozes nestes planos. Mas o hino, encarado por tantos encarnados, não está nas formas mais elevadas da arte musical. Nem se deve pensar que a elevação espiritual traz em si, *ipso facto*, uma voz soberba.

A voz humana pode ser bastante agradável, e, falando musicalmente, é realmente o mais lindo de todos os instrumentos, mas, afortunadamente para todos nós, sabemos como usá-la nestes planos – e quando não usá-la! Desafortunadamente para vocês, vocês ainda não ouviram como pode ser lindo um cântico. A menos que seus talentos psíquicos tenham sido cultivados, vocês não têm acesso a isso – até que venham morar aqui.

Assim, conforme progredimos nestes reinos, não perdemos nossa individualidade nas supostas nuvens etéreas, nem nos tornamos perdidos para alguém que não seja habitante daqui. Continuaremos sendo sempre nós mesmos, nosso verdadeiro eu: refinados, com certeza, mais eterizados, mas *vocês* continuarão a ser *vocês*, e *eu* serei *eu* mesmo – ninguém mais. Vocês e eu nos reconheceremos uns aos outros; da mesma forma que vocês reconhecem todos os seus amigos, eles reconhecerão vocês.

No imenso futuro que está diante de nós, não nos afastaremos dos companheiros que são a alegria de nossas vidas. Alguns poderão progredir um pouquinho mais que os outros ao longo da estrada do progresso, mas sempre poderemos nos encontrar como antes. Nossa sabedoria e conhecimento aumentarão. Sempre haverá mil bons propósitos aos quais poderemos devotá-los.

Os reinos mais elevados do mundo espiritual não são moradia de inatividade; ao contrário, são repletos de atividades úteis.

‘O que acontece com o nosso senso de humor quando passamos para o mundo espiritual?’ é uma questão que ocorre a muitos. Fica parecendo que, através das numerosas comunicações que vieram de nós até agora, não há evidências de nenhum humor. Qual é a razão disto, vocês supõem algo? Deixem que eu me apresse em afirmar que todo o senso de humor que temos tido na terra fica completamente conosco quando passamos ao mundo espiritual.

É uma coisa estranha que entre as virtudes cardinais que já foram catalogadas, enumeradas, dissecadas e enaltecidas por diversos Padres das Igrejas, e sobre as quais também muito foi escrito pelos seus clérigos, com copiosas anotações sobre elas, não se tenha feito nenhuma menção sobre o senso de humor, a não ser através de referências oblíquas. Ele não é encontrado nem entre os ‘pecados mortais’. Por que esta omissão?, imagina-se. Certamente fazem alusões a uma ‘alegria sagrada’, seja lá o que for. Isto aponta a uma espécie de frivolidade eclesiástica que se encontra nas festas paroquiais de jardim, e das quais eu tenho lembranças vivas dos meus dias de encarnado! – isto é, humor estritamente do tipo ‘pio’.

Apesar de acontecerem muitas coisas que podem causar, e causam, muita tristeza em nossos corações, também há muitas ocasiões para risadas no mundo espiritual. Podemos encontrar muita diversão em algumas ‘sabedorias’ dos encarnados.

Há cientistas e grandes filósofos na terra cujo conhecimento e talento alcançaram renome mundial. É hábito dos encarnados que pessoas deste tipo sejam vistas como repositório de alguma sabedoria. Conseqüentemente, seus pontos de vista são buscados, sobre qualquer tema existente sob o sol terreno; entretanto, além da órbita de seu conhecimento e experiência, não importa.

Com freqüência alguns destes senhores dignificarão as colunas de alguns jornais com os frutos de sua sabedoria. Mais cedo ou mais tarde, eles são argüidos sobre sua crença no 'além', e se acreditam, se é possível haver a comunicação com os habitantes dos mundos invisíveis. Tão freqüente é a resposta: Não, não acredito que um outro mundo exista pela simples razão de que ninguém voltou para dizer que havia.

Uma resposta como esta, meus queridos amigos, pode mexer com o mundo espiritual e fazer todos os reinos gargalharem. Pois nós podemos ver o lado verdadeiramente gozado de tal declaração portentosa, e avaliar o valor do emitente na avaliação verdadeira. Os milhões de viventes daqui, pronunciados como não existentes por um indivíduo em quem tanta confiança é depositada pelo povo da terra, realmente temos nosso aspecto de humor. Pelo menos, é assim que podemos ver a coisa, ao mesmo tempo em que lamentamos a colocação e a disseminação de uma declaração tão sem sentido.

Os cientistas e os filósofos da terra não são completamente desconhecidos de nós daqui. Naturalmente, se algum deles mostra o menor lampejo de perceber a verdade da realidade do mundo espiritual, ficamos ansiosos por trazer tal homem ao progresso tanto quanto podemos, por investigações adequadas e pesquisas para que se torne uma baliza espiritual, algo assim, para os encarnados. Muito peso é colocado nas palavras que saem das bocas dos famosos da terra, que não é somente pela verdade, mas por quem falou tal verdade.

É bem peculiar que o senso de humor seja um assunto que tenha sido sempre omitido de todos pensamentos e deliberações religiosos. É como se o humor de qualquer tipo fosse exclusividade da terra e que, com a morte do corpo físico, todo o senso de humor seja brechado bem no portal do mundo espiritual, para ser tirado e abandonado para sempre. Não poderia haver erro maior do que se supor algo assim.

Se o senso de humor é parte natural de nossa composição na terra, então o levaremos conosco para o mundo espiritual na nossa passagem e acharemos muitos meios e oportunidades para usá-lo. Pela religião, de uma forma ou outra, ser tão inseparavelmente ligada nas mentes terrenas com a 'vida depois da morte', não se pode pensar em nenhum momento que o humor possa entrar no planejamento das coisas celestiais em seus mínimos detalhes. Seria uma grande degradação supô-lo 'sagrado'. Quando muito, deve haver aquela 'alegria sagrada' a que já me referi.

Quadros que mostram anjos vestidos de roupagens faiscantes, dotados de enormes asas e com as faces demonstrando nenhuma emoção, deram ao mundo uma noção inteiramente falsa. Mesmo o termo 'anjos e santos' é espiritualmente proibitivo, e tira de seus exaltados personagens sua intensa humanidade e seus cálidos sentimentos, substituindo-os por uma espiritualidade remota, fria, solitária.

Vocês lerão aqui e ali, nas comunicações que vêm de nós, o quanto nós ouvimos os sons de risadas em torno de nós. Algo deve ter causado estas risadas, já que não temos cabeças ocas para rirmos por nada. Não nos damos a ataques histéricos e explosões. Não, nosso riso é genuíno porque tem uma causa genuína. Temos muito do que rir e, não raro, o motivo comum é nós mesmos. É algo que, cedo em nossas vidas nestas paragens, aprendemos a fazer. Aqui está a realização do desejo do poeta: que pudéssemos nos ver como os outros nos vêem. Ao fazermos isso, se tivermos um agradável senso de humor desenvolvido, acharemos campo amplo para a sua expressão.

Que forma toma o nosso senso de humor? Esta, temo, é uma questão que é virtualmente impossível de ser respondida, pela mesma razão que vocês achariam impossível descrever a um habitante de outro mundo o que provoca o seu bom humor. O humor é uma disposição mental, as causas que o fazem surgir podem ser fugazes ao extremo. Isto pode ser dito: freqüentemente as pessoas da terra nos dão motivos para rir, quando, com toda a honestidade

e seriedade, fazem pronunciamentos sobre nós do mundo espiritual que, apesar de terem aparentemente significação profunda para vocês, para nós são decididamente divertidos.

Eis um exemplo: É costumeiro, entre os que nos conhecem e falam conosco regular e naturalmente, designarem nosso status ou qualidades espirituais referindo-se às nossas 'vibrações' particulares. Se formos de alguma elevação espiritual, tornamo-nos pessoas de 'alta vibração', enquanto que, no caso inverso, pessoas dos reinos mais baixos serão de 'baixa vibração'. O próprio processo e os procedimentos da comunicação serão também sob 'altas' ou 'baixas' vibrações, de acordo com as circunstâncias.

A referência a alguma alma ilustre dos mais elevados reinos do mundo espiritual como sendo de 'alta' vibração, atinge-nos como uma mistura pitoresca do quase-científico com o puramente inimaginável. É um método de avaliação espiritual que jamais usamos, nem pensamos nisto, durante nossos contatos uns com os outros nestes planos. Apesar de poder responder ao seu propósito de alguma forma, e servir para transmitir alguma idéia, mesmo assim é muito não-lisonjeira, para dizer o mínimo.

É, de fato, um pouquinho científico demais achar que uma personalidade maravilhosa fique inteiramente perdida – ou inspecionada, poderia dizer? – na ansiedade de se estimar o seu número de 'vibrações por segundo'. Coloquei propositalmente desta forma cruel – mas espero que não indelicada – porque estou ansioso por mostrar a vocês que não distinguimos a nossa qualidade espiritual por uma base vibracional, da mesma forma que *vocês também não o fazem entre vocês*.

No decurso normal de suas vidas na terra, vocês não perguntam 'Fulano é uma pessoa agradável?' – e eu teria como resposta 'Ah, sim, encantador, alta vibração!' Pelo menos, não se vocês forem normais.

Vamos examinar este assunto mais de perto. As vibrações altas e baixas são tomadas como significando alta espiritualidade por um lado, e baixa espiritualidade por outro. De fato, boa ou má. Quanto mais alta for, mais espiritualizado; quanto menor, menos espiritualizado.

Mas o que acontece quando este cômputo vibracional é transferido para o som musical? Como provavelmente sabem, os instrumentos musicais são afinados a outros adotando-se uma certa nota como padrão. Com aquela nota apenas, todas as outras são afinadas completamente. A nota que é usada desta forma é medida pelo seu número de vibrações por segundo. Quanto mais alta a nota, maior o número de vibrações.

Uma nota em *altíssimo* será de alta vibração. Conforme descemos na escala, as vibrações tornam-se mais lentas, ou há menos delas, ou mais baixas – até que tenhamos as notas de baixo profundo que são tão indispensáveis para a música em geral. Eis aqui uma questão para *você* responder. Se uma alta vibração significa *alta* espiritualidade e uma baixa vibração significa *baixa* espiritualidade, uma nota alta é, portanto, *boa*; e uma nota baixa é, portanto, *má*? Deve haver certamente *alguma* relação entre uma pessoa que vibra numa contagem baixa e a nota musical que faz a mesma coisa.

O que poderia haver de mais agradável do que todas as notas de um cantor baixo? A maioria gosta daquelas notas, e imagina o quanto um cantor pode descer na escala! E os instrumentos baixos de uma orquestra, tão vitalmente necessários na música? Seriam essencialmente maus, de uma forma ou outra? Se forem, seriam deploravelmente azarados os seus tocadores. Ser compelido a tocar um instrumento de baixa vibração pareceria ser uma tarefa muito desumana, de tal forma a se procurar ver sua rápida abolição. Onde também, estaria o órgão sem os seus pedais de notas profundas? A música estaria incompleta sem ele, e soaria bem pesada.

As notas musicais são medidas por seus ciclos, suas vibrações por segundo. É um método satisfatório de se obter unidade de afinação. Mas na terra a medida por vibrações está em grande parte confinada aos sons musicais. É uma pena que tenham-na adotado medir nossa estatura espiritual no mundo espiritual. Penso que merecemos coisa melhor, algo mais digno, mais amigável e afetuoso, e mais verídico. É como se vocês tivessem seus dedos em nossa pulsação espiritual da mesma forma que seus doutores tomam as suas pulsações espirituais para saberem de vocês, medicinalmente falando. Se o batimento do pulso estiver em um número correto, tudo estará bem – uma boa vibração!

Bem, bem, meus amigos, não devemos levar este assunto seriamente demais. Se vocês puderem ver o lado agradável dele, talvez o lado engraçado, então peguem as evidências de que eu não perdi completamente meu senso de humor desde que cheguei aqui. Apesar de não ser humor do tipo mais elevado (alta vibração?), se eu pus um sorriso em sua face nestes tempos tenebrosos da terra, melhor, e talvez, com este exemplo, fui digno disto.

Lembrei-me de um contemporâneo amigo meu, um pastor de grande renome, e extremamente popular. Sua popularidade estava baseada em – ou foi alcançada por – um fenômeno não usual. Em algum momento durante seus sermões, ele, invariavelmente, fazia com que sua congregação risse. Não era uma risada hilariante, mas adequada ao lugar e à ocasião, mas era, sem dúvida, risada.

Isto era visto como algo tão extraordinário que sua fama logo se espalhou. Nunca pareceu ser nada que necessitasse de uma censura eclesiástica, para a ampla congregação que ele granjeou possivelmente atuava como um paliativo, e o pastor e seu pessoal seguiam seu caminho muito felizes. E por que não, orar? Por que as risadas devem ser rigorosamente banidas ou excluídas da religião?

A verdade é que a religião organizada precisa relaxar a tensão à qual submeteu seus seguidores. Ser seguidor tornou-se um ato taciturno. Há pouco calor nos serviços e menos verdade no que é disseminado de lá do púlpito, apesar de que sobre este não falaremos agora. Humor não é pecado. Rir de forma certa é uma das melhores coisas do mundo – e do céu – para um homem. Ai, há tão pouco disso na terra nestes tempos, porque as pessoas estão sentindo a grande corrente das angústias e dores passadas, e as atuais frustrações.

Mas a leveza de coração *retornará* aos nossos amigos na terra. Sem antecipar o que terei de dizer mais tarde aqui, vocês não devem supor que somos insensíveis ao terrível temporal de tristeza e problemas pelo qual a terra passou. Muitos deles foram inevitavelmente trazidos para estes planos. Já que esta gente chegou num porto seguro, quando finalmente viajaram para estes reinos no final da jornada terrena, nós usamos nossos melhores métodos para trazer de volta a verdadeira alegria de viver, da qual foram privados pelas bestialidades da terra.

Pessoas que haviam esquecido por anos até o que era sorrir acharam-se com seus corações aquecidos e suas mentes confortadas e elevadas, e, aos poucos, descobriram que seu senso de humor, que pensavam estar perdido para sempre, voltou em pleno vigor. Alegro-me em dizer, na verdade, que a risada celestial que eles ouviram, vinda de seres realmente humanos e cheios de bondade e alegria no coração, fez o que a fria e dura religião jamais havia feito.

Estas pessoas não estavam interessadas na noção de anjo geralmente aceita, o tipo convencional de espiritualidade frígida, mas eles viram que o ministério livre e amistoso de almas bondosas e amorosas era uma expressão de humanidade em seu nível mais alto.

Muitas vezes nós rimos, no melhor dos humores, com as almas mais ilustres dos reinos mais elevados, e não deve haver dúvida de que eles podem rir, e riem, então não é 'grande crime nem contravenção' se nós, gente infinitamente menor, fizermos o mesmo. Mas nós não podemos trazer sempre nossos sorrisos conosco quando chegamos para falar com vocês na terra. Devemos primeiro sempre ter certeza da nossa audiência, por causa da noção errada de que risadas e espiritualidade não andam de mãos dadas.

É uma pena que esta idéia errônea criou raízes, mas é assim. Se algum de nós apresentasse algo que fizesse vocês rirem, deverá, quase certamente, ficar marcado como baixo e frívolo, com quem seria melhor não manter qualquer contato.

Entre nossos amigos especiais que nos conhecem muito bem, e a quem conhecemos bem, o caso é um pouco diferente. Mas para um propósito geral, a regra é que não devemos apresentar nada que possa ser interpretado erroneamente como leviandade. É conseqüente que surja a questão sobre o nosso senso de humor. A seriedade tem seu lugar próprio, tenho que dizer, e não deveremos ir além do que o bom senso sugere e ordena o bom gosto.

Como as coisas estão agora, deveremos sofrer a reputação desmerecida de sermos um grupo de pessoas sem humor, sem a menor noção daquilo que seja gostosamente divertido. Se falamos com a iluminação que é natural a um simples ser humano – e há seres humanos nas

regiões mais elevadas do mundo espiritual! – nossas palavras são condenadas como lixo trivial. Por mais sublime que seja a verdade que possamos dizer, se não for moldada com elegância e disposta com grandes qualidades retóricas, e não for declamada com uma voz da qual tenham sido expurgados todos os traços de amizade honesta em favor da oratória, então vai ser dito que nada veio do mundo espiritual que não fosse extremamente baixo e de um nível desprezível.

As pessoas não nos querem com somos, mas com elas pensam que devemos ser, e isto impõe uma certa tensão em alguns de nós – de fato, para muitos de nós. Queremos ser normalmente nós. Não queremos afetar um tom de voz ou uma forma de comportamento que nos é estranho. Amamos rir. Temos muito tempo para sermos sérios, como vocês têm. Podemos enviar nossa literatura quando a ocasião demanda, apesar de que há muitos que a negam firmemente.

Podemos ter estas imposições arbitrárias impostas sobre nós, mas quando vocês finalmente vierem para este mundo do espírito, ficarão profundamente agradecidos ao perceberem que a risada não é somente permitida, mas encorajada, e que ao virem até nós aqui vocês trouxeram com vocês seu senso de humor. Nunca temam, terão muitas oportunidades para exercitá-lo.

BELEZA

Se é desejável mais cor na terra, como eu sugeri a vocês anteriormente, também é necessário que haja mais beleza.

Houve um tempo em que os homens cobriam-se com ísate*. Se isso servia para afugentar os seus inimigos ou para repelir os maus espíritos, não tem importância. O que importa é que a cor foi introduzida na vida dos homens nos primórdios. Foi um passo na direção certa. (*uma planta também chamada de flor-dos-tintureiros – NT)

Quando o homem primitivo, como ele é chamado, fez seus toscos desenhos sobre as paredes de suas cavernas, as primeiras tentativas de se auto-expressar através da arte do desenho, isto também foi um movimento na direção certa. Quanto o mundo avançou desde aqueles dias tão distantes? Progrediu muito nas coisas puramente materiais, e num passo bem rápido. Mas espiritualmente? Isto é uma outra história.

A terra nunca esteve 'fora do alcance' do mundo espiritual. Naqueles tempos remotos, a inspiração, de um tipo ou outro, vinha à terra com regularidade. Os sábios seres dos reinos mais elevados foram e são responsáveis pelo envio à terra daquelas mensagens telepáticas, como tais transmissões de pensamentos foram nomeadas, para serem usadas para o benefício e a melhoria do homem. Não é necessário se dizer a vocês que elas não foram sempre empregadas desta forma.

O progresso constante continuou. Apenas ponha sua mente no passado e pense nas grandes mudanças que aconteceram desde aqueles primeiros dias. Lá, no passado, havia milhares de pessoas passando para o mundo espiritual com doenças e enfermidades que, para as noções modernas, pareceriam estranhas, porque, apesar de ainda existirem hoje, a ciência médica deu passos tão enormemente largos que os doutores podem rapidamente aliviar as aflições e efetuarem as curas, como diriam, da noite para o dia, onde seus ancestrais pereciam miseravelmente.

Sim, de fato, o progresso material tem sido grande e bom, mas enquanto por um lado o homem trabalhou na pesquisa médica para preservar e prolongar a vida de seus irmãos, por outro perverteu as suas 'descobertas' – que é outra forma de indicar sua inspiração – para a destruição do homem, ao colocar seu conhecimento na fabricação de armas letais de vasto poder explosivo, onde as vítimas podem ser contadas às centenas de milhares – e ao somarmos, milhões - de almas. Assim o progresso espiritual foi enfrentado e subjugado por este 'bom' progresso material. Este é um exemplo, mas é, de longe, o pior. Os restantes são insignificantes, perto deste.

Se vocês pudessem dar uma olhada em algumas regiões da terra para verem como eram nos dias que se passaram, ficariam chocados pela grande beleza, se compararem com o que podem ver agora. As pessoas se vestiam de roupas coloridas de uma espécie pitoresca e o estilo de arquitetura era delicioso de se ver, se bem que havia muitas partes negras em todas as cidades – um estado dos fatos que não é inteiramente desconhecido de agora.

Na inspiração que vem do mundo espiritual, toda ênfase sempre está e deverá estar na beleza, no que concerne àquilo que podemos chamar de belas artes. Os pintores de antigamente fizeram o que puderam, de acordo com as suas limitações. O pintor, em comum com o escultor, o músico, e os seus similares, tinham que começar em algum lugar. Eles não nasceram assim. Dos rabiscos das primeiras tentativas nas paredes das cavernas, ele teve que ser gentilmente levado pela inspiração aos mais profundos e aos mais amplos canais.

Não se deve pensar que aquela inspiração é dada somente aos piedosos e aos santos, aos ascetas, aos reclusos ou sonhadores. A inspiração é transmitida do mundo espiritual para a terra, onde tiver a sua melhor chance de ser percebida, aceita e atuada sobre a verdade e na direção certa. Seria uma perda de tempo e de esforços tentar dar ensinamentos espirituais a um homem que fosse um fanático religioso, tão convicto de seu fanatismo que nada pudesse movê-lo de sua teimosia de pensamento, e que, ainda mais, manteria a crença de que todos os 'espíritos que se manifestam' de qualquer jeito são 'demônios disfarçados'. Um lugar bem

melhor que esse pode, seguramente, ser achado para o suave envio das verdades do mundo espiritual.

Os primeiros pintores, então, deram, sincera e energicamente, seus melhores esforços para pintarem *o que eles realmente viam*. Suas realizações estavam sempre abaixo de suas ambições e de seus esforços, mas ele continuava a trabalhar, freqüentemente com materiais inferiores, continuava a perceber os impulsos do mundo espiritual e, com eles em seus calcanhares, e assim era, ele progrediu do mais ou menos rude e impreciso ao mais avançado e fiel à realidade.

Sendo assim, vocês devem sempre lançar seus olhos nas pinturas dos mestres antigos, e talvez vocês então, por sua bondade e gentileza, relembrem o que acabei de discutir com vocês, e não condenem aqueles mestres da pintura do passado. O que eles fizeram, fizeram-no com toda a honestidade de propósito e por razões que foram espiritualmente sublimes. Não tinham experiência, seus materiais eram pobres, ou mesmo freqüentemente, ausentes. Todos aqueles pintores estão no mundo espiritual, e a qualidade de seu trabalho atual está tão longe daqueles primeiros esforços encarnados quanto a luz está da escuridão.

O mesmo se aplica a muitos outros departamentos dos esforços humanos. Mas a tendência foi a de desviar do caminho que seria melhor seguir, e ir por outras avenidas menos atraentes, simplesmente porque o homem tem a liberdade de exercer seu livre arbítrio. Às vezes ele sai um pouco da via, num pensar teimoso, na ânsia de seguir por si mesmo. É assim que é visto do ponto de vista do mundo espiritual. Não é tanto um passo regressivo, mas um passo ao lado. A tentação tem sido a de tornar tudo mais ornado, como você verá nas artes, na arquitetura e música, por exemplo.

Conforme o tempo passou, mudanças ainda maiores foram feitas até que, chegando aos nossos dias, o horrendo foi entronado, o culto ao feio foi iniciado. O que poderia ser mais feio que os prédios que parecem alojamentos, construídos quadrangulares, sem a ajuda do menor ornamento, exibindo filas de aberturas, - janelas abertas?

A música composta no que chamam de idioma 'moderno' é selvagem, e a arte da pintura degenerou em muito nos pesadelos borrados puramente pueris, enquanto os desenhos são freqüentemente uma imitação dos rascunhos sem estilo de um novato. Como isso aconteceu? Onde está a inspiração?

De acordo com o que acabei de dizer, estes artistas são inspirados pelo mundo espiritual. Isto é perfeitamente verdadeiro, e a afirmação ainda vale. A inspiração pode vir de qualquer parte concebível do mundo espiritual, elevada ou baixa, iluminada ou trevosa. Todas as formas de arte tenebrosas são inspiradas pelos reinos inferiores, e por *nenhum lugar mais*. O que o homem escolhe fazer de sua própria volição não altera o caso. Se ele escolhe degradar sua arte, seus espíritos inspiradores da degradação vão se alegrar com isso. Por outro lado, se ele se decide escutar apenas os seres sublimes dos reinos mais elevados, sua arte será tão pura quanto ele puder realizar. Há uma vasta diferença entre o que é pobremente executado pela falta de meios, conhecimento e experiência, e o que é deliberada e próspera tentativa de transmitir o que é obsceno, artisticamente falando.

Vocês podem questionar como é possível que tais formas assustadoras de arte recebam qualquer encorajamento de seus companheiros encarnados. A resposta, como vemos daqui do mundo espiritual, está no fato que as pessoas não são honestas consigo mesmas. Ninguém saberá desta desonestidade porque suas razões ou motivos ficarão em segredo por tanto tempo que eles queiram que fique. É muito diferente no mundo espiritual. Aqui, os nossos motivos têm seus efeitos imediatos, e os homens devem ser honestos com eles mesmos, pois não podem fugir disto. É inútil fazer pose ou fingir, ninguém será enganado por simulações e falsidades. Com vocês é diferente, conseqüentemente com suas artes degradadas.

Há também a vaidade e a presunção a serem considerados. Há pessoas que gostam de adotar ou patrocinar uma nova forma de arte como sendo algo extraordinário que só eles, em virtude de suas mentalidades superiores, são capazes de compreender e apreciar, e desvendar belezas ocultas que gente inferior não pode perceber. Isto é, em todos os sentidos, um embuste. Infelizmente, isto é aceito nas camadas superiores em resposta a uma suposta 'demanda popular'.

Na música, dirão estas ‘autoridades’, nunca se sabe quando e onde pode surgir um gênio. Considerem as experiências do passado, onde compositores foram condenados desumanamente por seus contemporâneos, para serem depois saudados calorosamente e aclamados com mestres pelas gerações posteriores. Não podemos desperdiçar nenhuma chance que aparecer, acrescentarão as autoridades, para descobrir e promover um potencial gênio. O público deve ouvir seu trabalho, se for um músico; ou que se permita observá-la, se for uma pintura. O público deverá ser o juiz. Esta forma faz com que a autoridade se iluda – e as pessoas da terra. Este tipo de atitude não existe nem pode existir nestes planos – pelo que somos eternamente gratos.

O alvo destes simulacros dos artistas, clamarão eles, é encontrar um novo meio de expressão, ou, utilizando o antigo meio, achar novas formas de arte. Isto é o anunciado, e o resultado é a abominação. É necessário um verdadeiro gênio para se descobrir uma nova forma de arte, e estas pessoinhas estão longe de o serem. Novas formas de arte são a inspiração direta do mundo espiritual. Serão enviadas somente quando as autoridades do mundo espiritual considerarem apropriado e ajustado que seja feito. Os instrumentos por quem qualquer forma nova de arte será apresentada para a terra vão ser examinados e testados primeiro.

Então como vocês saberão que é uma nova forma de arte, e que ela deriva dos lugares certos? Você saberão, meus amigos, através de um teste simples – a beleza dela. A terra é fundamentalmente primitiva nas artes, apesar de ser extraordinariamente primitiva em outros aspectos, seus métodos de estabelecerem argumentos e discórdias internacionais, por exemplo.

A história revela as diferentes fases que a música, por exemplo, atravessou, e não é muito difícil apontar os verdadeiros gênios que ajudaram a música em sua estrada. O mesmo se aplica à pintura. Vocês entenderão, claro, que quando eu falo de inspiração, não estou me refiro às peças distorcidas, horríveis e tilintantes, ditas musicais, e aos borrões horríveis, estes são trabalhos de inspiração malévola. Há muita imitação acontecendo nestes casos, para o culto de atração de outras cabeças ocas.

Então, vocês vão me lembrar, a terra é livre e não se pode fazer nada. O mundo espiritual também é livre, muito mais livre do que jamais a terra pôde ser, mas de alguma forma *nós* dirigimos as coisas! – até a forma que indubitavelmente vocês chegaram agora. Mais uma vez, não vamos levar as coisas com muita seriedade, e com isso quero dizer que não precisamos nos angustiar sem necessidade. Muito justificadamente devemos ter bom humor sobre este caso, uma forma de agir que recomendo que percebam.

Podem estar certos disto: as obras primas sobreviverão, as imitações de arte perecerão. Se estes chamados artistas e compositores pudessem perceber o quanto são ridículos, se eles não fossem levados tão a sério, o que lisonjeia sua vaidade tola e os encoraja a perpetrar mais horrores artísticos, eles logo cessariam de atrapalhar a terra e isto, por sua vez, nos pouparia de bastante trabalho quando eles finalmente chegam no mundo espiritual.

Estes ‘artistas’ e ‘compositores’ que foram iludidos na crença de seus poderes notáveis e gênios incomparáveis, e que vêm para cá com suas noções absurdas e carregados de ilusões sobre si mesmos, levam o maior choque quando chegam ao grande despertar. Pensando que são maravilhosos transmissores de tudo o que é belo na arte, e acreditando serem ferramentas divinas para a criação de tudo o que é nobre, descubrem que, no lugar de serem homens com estofo artístico, são homens de palha artística.

Percebem também que seu trabalho não tem lugar no mundo espiritual, onde a beleza absoluta é predominante nos reinos de luz. O artista logo aprenderá que não temos nestes planos árvores com troncos vermelhos, galhos amarelos, folhas azuis, nem quaisquer outras distorções desta natureza. Eles aqui devem pintar as coisas como as vêem, *como elas são*, e não distorcidas como uma fantasia desordenada faça-os ver, nem uma fraude tola os leva a perpetrar.

O músico, também, se ele for realmente um músico, aprenderá rapidamente que suas monstruosidades musicais terrenas não aparecerão por aqui nem por um instante. Ele terá que aprender que sua música deverá se ajustar dentro de certas leis naturais, e que enquanto ele não se desviar delas, seu campo de composição é aparentemente ilimitado – pelo menos, o seu

gênio dificilmente alcançará os limites da composição musical. Ele, também, perceberá que as leis da música são também as leis da beleza. Nenhum chiado prolongado com dissonâncias perturbadoras da alma, nenhuma série de notas e compassos que não se harmonizam determinando uma melodia, nenhuma disposição fantástica de peça instrumental que não tenha a vantagem ou a qualidade de ser realmente agradável nem a característica inerente de ser inteligente. Nenhuma destas barbaridades pode posar como música nestes reinos.

Quando chegamos a ver a terra como um todo, sem pesquisar profundamente demais nestes temas particulares como as artes, podemos ver o quanto realmente horrível a terra pode ser. Nada mais pode mostrar bem aparentemente isto que seu estilo de arquitetura. A este respeito, tem havido regressão. Deve ser dito, em atenuação, que as necessidades neste caso tiveram uma influência adversa na arquitetura doméstica.

As populações cresceram enormemente além daquilo que eram há tantas centenas de anos atrás. Conseqüentemente, o espaço vital tornou-se precioso de tal forma que cada polegada disponível deve ser usada com o maior aproveitamento. Por isso surgiram as tristes fileiras de feias habitações particulares, cada uma esmagadamente apertada e próxima de seu vizinho, cada uma matematicamente similar, sem inspiração nem respiração. Sem cor, cinzas, ou completamente sujas.

Não é maravilhoso quando um habitante de uma destas casas detestáveis vem a estes reinos e ele, – ou ela –, ao olhar para as glórias e delícias que o cercam, crê ter atingido o mais alto de todos os reinos. A transição da feiúra à beleza pura é violenta em tais casos, mas a ‘violência’ é desfrutada por completo.

Bem, nós percebemos perfeitamente todas as suas dificuldades na terra, até o menor deles, o do espaço. Mas que tentativas foram feitas para realmente superá-los? Muito poucas, isto é óbvio. Suas ‘autoridades apropriadamente constituídas’, sendo como ‘bestas móveis’, vocês nunca sabem o que virá delas em seguida. Há opiniões diferentes demais entre eles e insuficiente unidade de propósitos que se baseiem em idéias que revelem, em sua realização, uma composição e balanceamento perfeito de utilidade e beleza – a arte tectônica.

É uma arte que quase se perdeu. Nos seus dias atuais, muito freqüentemente conota nudez, severidade frígida, sem o alívio de um traço de cor. Estes, quando reunidos, não produzem beleza na soma total. A beleza de formas tem sido sacrificada para a utilidade estrita. O artesanato individual deu lugar à produção por milhões. Isto tem certa vantagem, porque por esta forma muitos podem partilhar dos avanços que, de outra forma, seriam excluídos pelo preço. Se trazer mais brilho para mais lares, então é muito melhor.

Mas há algo a ser dito. Meus informantes dos tempos antigos, que também são habitantes destes planos, dizem que em suas épocas combinavam utilidade e beleza em seus trabalhos como uma forma de ser. A regra de então era *embeleze de alguma forma*, sempre que possível. Um pequeno enfeite, feito com bom gosto, era melhor que nenhum enfeite. As melhorias, conforme eram advertidos, deveriam ser consideradas em termos do que seria agradável aos olhos, e todas as necessidades deveriam, também, ser observadas. O artesão, portanto, seguia seu caminho como um indivíduo que teria um prazer pessoal em seu trabalho, porque sabia que poderia ser identificado com o resultado e não tratado como máquina.

O avanço material na terra significou a grande expansão do comércio, que é a preocupação principal das cidades e vilas. Seria supérfluo que eu recordasse o que vai ser encontrado nelas. Quando vocês vierem visitar nossas grandes cidades do mundo espiritual, verão que não há lojas, nem placas impressas, nenhuma das familiares indicações de comércio, pois de comércio nada temos. Nem temos aqueles monstros de feiúra, as fábricas. Para se construir uma terra linda nas regiões que precisam disto, o que mais deveria haver é a vontade daqueles em cujas mãos está o governo dos encarnados.

Eu falei a vocês sobre a forma com que os antigos construtores combinavam a utilidade com beleza e, superando as falhas ou defeitos, sempre estiveram atentos àquilo que fosse agradável aos olhos. Na minha velha casa na terra havia muito revestimento. Eles eram agradáveis e me deram muito prazer. Mas também me serviram por um propósito muito mais útil. Ajudaram-me a manter os compartimentos quentes.

Houve um tempo na terra em que o homem começou a construir suas habitações um pouco mais sólidas ao fazerem-nas de pedra. Mas descobriram, no inverno, que a pedra era fria e congelava os quartos. Apesar das portas e janelas serem adequadamente seladas, mesmo assim persistiam correntes de ar frio cujo ponto de entrada parecia um mistério. A pedra fria era a culpada. Pela simples invenção de pendurar materiais nas paredes e, desta forma confinar o frio na superfície, as correntes de ar foram reduzidas.

Nas casas maiores, tapeçarias foram livremente utilizadas, como as que tenho em minha casa daqui, apesar de que por uma razão diferente. A arte do tecelão foi requisitada para prover do que era necessário, e as artes finas foram combinadas com utilidade estrita. Em algumas casas, painéis de lã foram usados para cobrir as paredes. Embora fossem lindas por si mesmas, também os entalhadores foram postos a trabalhar espraçando sua arte sobre as superfícies, com os resultados que a maioria vocês já conhecem. Podem ter deixado os quartos um pouco escuros depois que o sol se põe, mas não importa. As pessoas se recolhiam cedo naqueles tempos.

Com minha casa na terra, tive a vantagem das invenções modernas e, com esta ajuda, melhorei ainda mais os trabalhos esplêndidos daqueles antigos artífices, pois pude iluminar os cômodos tão fortemente quanto quis, e assim não sofri das inconveniências da madeira escura. Colhi benefícios enormes quanto ao meu conforto, tanto de corpo quanto mental, porque as correntes de ar gelado foram apreciavelmente reduzidas e os olhos sempre se deliciaram com o brilho dos revestimentos antigos.

Este é um pequeno incidente, claro; eu o conto apenas pelo seu interesse, e para apontar o fato de que através dos tempos a terra não ficou sem a ajuda inspirada de todos os tipos e formas, mesmo para ajudar a tornar seus domicílios terrestres um lugar mais adequado e confortável. Apontando, também, para o fato de que todas as vantagens materiais não estão exatamente em cima das linhas que os planos mais elevados desejavam. A combinação do belo com o que é útil geralmente é separada e, de fato, freqüentemente, o útil foi omitido!

Mesmo que a utilidade não tenha mais aplicações, não há razão para que o belo seja abandonado em favor do feio. Com tantas coisas lindas para escolher no mundo espiritual, escolhi ficar com o revestimento em minhas paredes, simplesmente porque é muito agradável. Não temos correntes geladas para combater aqui, mas o trabalho em madeira – isto é, o equivalente espiritual ao trabalho em madeira - não perde nada em sua beleza por causa disto. O revestimento está servindo a um propósito mais útil, e ninguém gostaria de vê-lo removido.

SERVIR

No começo do catecismo, que tive ocasião de usar quando estava encarnado, a resposta à minha pergunta sobre o porquê de Deus nos ter feito era que Ele assim fez 'para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo neste mundo, e para ser feliz n'Ele para sempre'. Está muito bem, até onde atinge.

Mas omite um ponto muito importante. A resposta é explícita ao declarar que devemos servir a Deus na terra, mas não faz menção de servi-Lo depois, no mundo espiritual. Esse serviço ficaria confinado à terra, o que aponta para uma vida gasta em completo vazio no 'além'.

Muitos diriam que 'a vida depois da morte' seria devotada à concentração de esforços de 'orações e exaltações' até que o cansaço por causa desta atitude os abatesse; presume-se que depois disso, deve-se supor ainda, não sobra nada a fazer a não ser estar feliz, apesar de que não se sabe como se chega a isso, nem se consegue tentar adivinhar. Deveremos ser felizes, e basta.

Sem dúvida, providências foram tomadas para assegurar a nossa felicidade. Talvez o mero estado de ser 'santo' seria a forma mais elevada de felicidade, ou estar permanentemente na companhia de santos e anjos nos garantiria a alegria pura, especialmente se nos ocuparmos em agradáveis discursos teológicos ou 'piedosos' seguidos, claro, mantendo estreito contato com a verdadeira Igreja à qual formalmente pertencemos na terra. Isto traria problemas complicados por causa da dificuldade de averiguar qual das centenas de Igrejas é porventura a verdadeira.

Ou talvez houvesse uma mistura delas todas, o que, por sua vez, poderia trazer mais problemas, pois se as Igrejas não conseguem concordar em suas várias doutrinas na terra, é esperado que o fizessem no céu? O homem que está acostumado a elaborar rituais e doutrinas complicadas ficaria revoltado ao pensar que o céu também abriga um membro de uma igreja que, na terra, encarava todos os rituais como superstição e as doutrinas complicadas como diabólicas.

Entre estes dois tipos tão divergentes de pensamentos e práticas religiosas, há incontáveis outras religiões caseiras, cada uma clamando uma porção do céu como sua, senão ele todo, e por algo mais que compromisso, proibindo desumanamente os membros de todas as outras denominações de terem um pequeno cantinho que seja nos reinos celestiais. Tudo isto, vocês concordarão, fazem as coisas horrendas e difíceis.

Como o catecismo não faz uma menção positiva do que se faz no céu, parece impossível pensar de outra forma: algumas complicações maiores inevitavelmente advirão. Não seria próprio sugerir que o demônio sempre acha ocupação para as mãos ociosas fazerem, pois, depois de tudo, estamos discutindo o céu!

Está tão próxima da verdade aquela resposta simples do catecismo – e tão longe está! Ninguém poderia combater a primeira parte da resposta, pois ela se relaciona com a terra. É quando se vai para a segunda parte, que 'abarca todos e todos os lugares' mas no lugar certo.

Aqui está uma simples pergunta que bem poderia estar no catecismo: Como Deus é melhor servido pelo homem? E aqui, também, está a resposta do jeito do catecismo: Deus é melhor servido pelo homem quando o homem serve a seus irmãos.

A palavra-chave do mundo espiritual, meus amigos, se eu posso me expressar assim, é servir. Por servir, não quero dizer servidão, pois esta seria a última palavra a ser aplicada em nossos serviços nestes planos. Melhor seria que *nunca* fosse aplicada.

Servir é um termo que cobre uma imensidão de atividades, ocupações, desafios e realizações. Ao servirmos, obtemos aqueles muitos galardões que aqui estão para serem obtidos. Por eles conseguimos nosso progresso espiritual. Servir não está restrito a um só caminho. Pode ser aqui ou em todos os lugares. Não há coisa melhor que possamos fazer a não ser fazer o bem a alguém. Várias vezes falei a vocês sobre o trabalho destes reinos, e sempre tentei dar a vocês um pequeno relato de nossas ocupações e recreações. Trabalho,

entre nós, significa servir, não labutar. Traz resultados tangíveis. Não podemos comprar serviços, nem somos pagos por eles. Não temos dinheiro nem seu equivalente.

‘Melhor para vocês’, ouço exclamarem, ‘vocês não estão vivendo num mundo onde, sem dinheiro ou algo que faça sua vez, vocês não podem sobreviver. Vocês não têm que trabalhar para sobreviver, e, afinal das contas, se não fizerem nada, ficando totalmente ociosos, não morrerão de fome nem acabarão em andrajos’.

Perfeitamente verdadeiro, meus amigos. Vocês estão vivendo num mundo material – e também nós, se chega a isto. Por material, claro, quero dizer um tipo sólido de mundo, como a terra. Firme ao toque e real – acima de tudo, real. Precisamente; isto é o que nosso mundo espiritual é – sólido e real. Material, de fato, como algo pode ser. Mas não precisamos discutir sobre os termos.

Nosso mundo é ainda inatingível a vocês – *da mesma forma que o de vocês é para nós*, pois podemos andar confortavelmente através da parede mais grossa que já construíram na terra como se ela não existisse, a qual *não é nada para nós a não ser uma vaga névoa*.

Relativamente, estamos em posições similares uns em relação aos outros. Estranho, não é? Vocês são vaporosos para nós, mas sólidos para vocês mesmos. Nós somos vaporosos para vocês, mas sólidos para nós mesmos. Por isso ambos podemos clamar uma divisão no uso da palavra material ao referirmos às nossas respectivas existências, a sua *temporária*, e a nossa *permanente*. E se fosse permitido emitir uma preferência, prefiro a permanente! Não encontrei ainda ninguém que deseja voltar para a terra de novo.

Centenas de anos de ensinamentos religiosos ortodoxos implantaram noções concernentes à ‘vida depois da morte’ totalmente errôneas nas mentes dos homens encarnados. Que informação a Igreja possui sobre o mundo espiritual? Nenhuma. Seus membros corajosos tentam especular, mas os frutos de suas cogitações somam quase nada.

A morte do corpo físico tem sido considerada um monstro bravo, por causa do ‘grande desconhecido’ que se segue a ela. Uma jornada tenebrosa (assim sempre foi julgada) que deve ser empreendida. Artistas e escritores afins combinaram fazer todo este empreendimento chocante, um negócio tenebroso cujo resultado é imprevisível. Morte, Julgamento, Céu ou Inferno, diz a Igreja. Esta é a perspectiva diante de todas as almas. As duas primeiras são certas; não há possibilidade de se evitá-las. As duas seguintes – Céu ou o Inferno – depende do que o homem escolher. Assim proclama a Igreja.

A vida na terra é vivida com aquele final escuro e tenebroso à vista. Alguns escolhem ignorar tudo, preferindo esperar com completa indiferença, assim eles declaram, pois podem dizer qualquer coisa. Se realmente o fazem ou não, é um tema sobre o qual alguns de nós podem lançar alguma luz. Outros ficam tão assustados ao pensarem no seu último dia na terra, que fazem de sua vida um sofrimento. Outros, novamente, envolveram o mundo espiritual em tantas crenças misteriosas e estranhas que o fizeram um lugar quase sem valor para se ir – se pudesse até ser evitado – em virtude do fato de que as mesmas crenças fizeram dele um lugar de excentricidades místicas.

Eles fariam vocês crerem que a vida aqui é uma luta contínua da alma para fazer alguma coisa ou outra. Nunca é definido claramente precisamente o quê. Pela realização desta coisa inatingível, ou pela imposição de ‘testes’ notáveis, mas inexplicáveis, a alma é ‘purgada’, enquanto isso a vítima está testemunhando uma variedade das mais estranhas simbologias que não encontrariam lugar nos planejamentos das coisas daqui. Isto é terrivelmente vago, mas assim são os conceitos originais.

As religiões orientais têm contribuído muito para a formulação de infindas idéias fantásticas relativas a estes planos lindos nos quais eu moro. Tais noções podem caber na mentalidade oriental, mas não suportam serem transplantadas para outros climas. O mundo espiritual é um mundo prático, e seus métodos são como os dos negócios. Por que não seriam? A população da terra se orgulha de tais métodos porque visam eficiência. Nós também somos eficientes – altamente eficientes, muito mais do que vocês já foram na terra, porque temos bem menos restrições de corpo e mente. Nossas restrições – se é que podemos verdadeiramente designá-las assim – simplesmente significam que obedecemos às leis naturais destes planos. Elas não são representações legais impostas pela vontade do homem.

Testemunhei a chegada nestes planos de pessoas cujo número nem posso contar, compreendendo pessoas de todas as plagas da vida terrestre. Testemunhei a ampla variedade de emoções que elas exibiram na percepção do que lhes aconteceu em suas vidas. Mas nunca cruzei com uma alma que desejasse começar imediatamente as profundas conversas decoradas sobre a alma, o que é ela, e como funcionam.

Aflição mental, tristeza e angústia, remorso, os distúrbios mentais comuns conseqüentes à visão, finalmente, da verdade, farão seus efeitos no recém-chegado naturalmente. Mas nós rigidamente impedimos qualquer coisa que não seja severamente prática em nossos serviços com tais pessoas. Onde possível, acalmamos as mentes através dos olhos, mostrando-lhes a espécie de lugar ao qual chegaram. Isto, costumeiramente, corresponde ao propósito. Há mais para ser aprendido ao se avistar uma magnífica paisagem que em uma centena de homilias sobre processos mentais obscuros como se supõe que existam no mundo espiritual. Isto é uma parte de nossos serviços, serviço este que o catecismo deixa de mencionar.

Este pequeno trecho levaria vocês a inferirem que vocês são deixados para cuidarem de si mesmos em sua chegada aqui, exceto se saltarem para o céu mais elevado, entre os anjos e os santos, onde, sem dúvida, um comitê de recepção teria tudo apropriadamente à mão para saudá-los e acrescentarem seus nomes ao rol dos eleitos. Você aí, claro, não precisaria de mais nada. Nenhum serviço, de nenhuma espécie.

Num curto espaço de tempo, você deixaria todo o seu ambiente natural e costumeiro entre seus parentes e amigos, deixando seus afazeres terrenos e, com um lançamento poderoso, pousaria entre seres sublimes, e se sentiria como um peixe fora d'água! Não faria nada porque não há nada para fazer, e seus mentores espirituais diriam que você está numa eterna bênção, com uma felicidade sem fim. Com certeza você se sentiria completamente miserável e questionaria a felicidade.

E você estaria certo. É fácil para algumas mentes decidirem onde a felicidade dos outros estará. Usualmente, decidem baseados em suas próprias predileções e gostos. Mesmo nós, neste plano de percepções claras, não somos atrevidos o suficiente para declararmos às pessoas o que deverá ser a sua felicidade. Se soubermos seus gostos e desejos, podemos guiar e advertir sobre a maneira pela qual poderão ser favorecidos e, desta forma, eles podem atingir sua própria felicidade. Mas de nenhuma forma estaremos decidindo por eles ou pronunciando o que será sua felicidade.

Foi dito que o mundo espiritual é governado pelo pensamento, que o pensamento é supremo. Algumas vezes é chamado de mundo do pensamento. Lembrando o quanto impalpável o pensamento parece ser, as pessoas têm acreditado, e não é à toa, que vivemos num estado muito próximo ao sonho, onde nada é concreto e que, tão provável quanto não, está sujeito a desvanecer até o nada, como os sonhos da terra se dissolvem. Todas as outras coisas são consonantes com esta concepção. Somos 'sombras'. Sombras, realmente! Tais pessoas não percebem que são eles que são mais fracos, pois seus pensamentos na terra não têm o poder no sentido criativo, até que sejam transformados em forma material.

Entre nós, nossos pensamentos produzem um efeito imediato porque não temos a condição terrena interpondo-se entre nosso pensamento e sua ação direta. Quando construímos, construímos mais solidamente do que vocês gostariam de fazer na terra – e permanentemente. Não temos tédio e processos demorados a cumprir antes que nossos pensamentos possam ter sua realização plena.

Não preciso apontar para a imensa carência de coisas necessárias que vocês estão sofrendo agora, em uma área tão extensa do plano terrestre. Uma condição como esta não existe por aqui. O nosso material de construção para tudo é pensamento, uma substância infalível que é durável e imperecível – até que não tenhamos mais uso para qualquer coisa que tenha sido criada. Usamos nossos pensamentos no servir porque, mais uma vez, não há condições terrenas intervenientes para impedir sua ação direta e rápida.

Não, não somos sombras vagando por aí num caminho estreito, com nada a fazer. Somos intensamente ativos, usando nossas mentes, produzindo resultados concretos a serviço de nossos irmãos. Não temos as demoras insuportáveis causadas pelas mentes dos

ineficientes. Nem temos pessoas ranzinzas tentando impor suas idéias brutas e falaciosas sobre nós. Isto não é o que entendemos como servir.

Nosso trabalho continua porque não há nada para impedir seu progresso. Não temos querelas ou disputas. Não temos obstruções. É melhor para as pessoas da terra, pois, sem dúvida, a influência disto seria logo sentida. Aqui não temos necessidade de pertencer a sociedades para assegurar nossos direitos, ou para reparar nossos erros. Sociedades deste tipo, de fato, não existem. Dependemos uns dos outros, como vocês, mesmo que não percebam plenamente.

Entre nós, servir não significa uma eterna roda de tarefas desgastantes e laboriosas. O que fazemos, fazemos com boa vontade, porque escolhemos aquela forma em particular de trabalho. Fazemos o trabalho que combina conosco, pelo qual temos uma normal aptidão ou talento, o trabalho que nos traz a maior satisfação; o trabalho, acima de tudo, que produzirá os melhores resultados proporcionais ao nosso labor, e que trará o maior benefício aos outros, direta ou indiretamente.

Nenhum serviço possível é perdido ou negligenciado ou despercebido, ou insignificante demais para ser percebido. Não importa quão pequeno possa ser o trabalho, somará no total de nossa progressão espiritual sem falta. Não temos porque lembrarmos alguém do que fizemos. Apesar de não existir um personagem misterioso como o Anjo Registrador, mesmo assim, de alguma forma e em algum lugar, nossos serviços são convertidos em substância de avanço espiritual. Não paramos para ponderar como o nosso progresso vem: estamos tão jubilosos pela realidade dele, que não nos preocupamos nossas cabeças com temas que seria problemático entendermos agora, na nossa atual condição de conhecimento.

Quantas vezes durante o decorrer de seu dia você faz uma pequena ação para outro cuja necessidade de ajuda não seja tão grande, mas que requer alguma assistência trivial? Você o assiste e continua, e todo o incidente passa de sua cabeça no espaço de segundos. Vocês tratariam, de qualquer forma, como uma coisa comum de suas existências. Galardão? – claro que não. Vocês não esperam prêmios apenas por conduzirem um companheiro para uma estrada que ele procura. Em qualquer caso, quem vai premiar vocês por um serviço tão pequeno? Quem de fato, - na terra? Servir, meus amigos, não é apenas para o mundo.

Apesar de vocês não terem em mente pagamento financeiro pelos serviços que eu mencionei a vocês, há muito que acontece e que se passa onde o dinheiro nunca entra na transação. Para colocar a verdade a vocês em poucas palavras: Quando se serve alguém sem outra intenção que não seja a de ajudar ou trazer algum bem a ele, é a substância da qual é composta a progressão espiritual. Isto não quer dizer que todos os serviços que são feitos por considerações monetárias não tenham outros galardões.

Reflita sobre as numerosas ocasiões durante a sua vida na terra quando algum pequeno acréscimo, em ajuda ou aconselhamento, digamos, àquilo pelo qual você pagou ou comprou, é oferecido de graça. Tudo parte do sistema comercial em geral, dirá você; apenas bons negócios, apenas isso. Pode ser bom negócio, mas você colhe o benefício. O que é mais importante, a pessoa que expande a bondade colhe o lucro espiritual pelo serviço francamente prestado – e ambas as partes sairão melhores. O serviço não precisa ser avaliado por dinheiro.

O homem sobre a terra dificilmente percebe a interdependência que está bem na base da vida terrena. Quando uma grande parada acontece nos serviços vitais, as pessoas sendo lançadas aos seus recursos próprios ou tendo que, forçosamente, seguirem necessitadas, e é aí que o fato do homem ser dependente de seus irmãos é completamente compreendido. O homem é muito mais dependente do seu próximo agora do que era há centenas de anos atrás. A vida tornou-se imensamente mais complicada e envolvente. A máquina da existência terrestre é tão complexa e inter-relacionada que quando uma parte comparativamente pequena dela pára de funcionar, não importando as causas, o todo acaba sendo afetado em alguma extensão, grande ou pequena.

A máquina econômica do mundo espiritual está sempre operante. Nunca pára, nem por uma fração de momento. Não há nada, nenhuma combinação de circunstâncias que poderia surgir, que poderia breçar ou parar o serviço que acontece continuamente. Temos o nosso mundo próprio para cuidar, e temos o de vocês também. Com as enormes tensões que foram

impostas ao mundo espiritual durante o recente cataclismo terrestre, não houve falhas nos serviços, nenhuma parada. Não se pode empreender uma guerra feroz e devastadora na terra sem que seus efeitos sejam transmitidos para os planos espirituais. Em muitos aspectos, nossos trabalhos foram bem mais pesados que os seus. A vocês havia só um mundo – o seu próprio –, mas nós nos preocupamos com os dois – o seu e o nosso. Nosso trabalho empregou muitos em sua execução.

Vocês vão se lembrar, não tenho dúvidas, do velho ditado sobre ‘contar as bênçãos’. Nenhum conselho poderia ser mais forte e benéfico. Como seu corolário, eu gostaria de sugerir que durante o decorrer de um dia vocês também contassem os vários serviços que foram prestados a vocês. Ficariam bastante surpresos, acho.

Aonde leva tudo isto?, vocês poderiam ficar tentados a perguntar. Em várias direções. Estou ansioso para mostrar-lhes que no mundo espiritual isto significa servir, e não apenas trabalhar. Trabalho tem um som um tanto duro, por mais honesto que o termo possa ser. Depois de uma vida de trabalhos na terra, jogar toda a canseira em mais trabalho, fora aquele deixamos na terra ao passarmos para cá, pode trazer-lhes sentimentos de desapontamento ou talvez de pura revolta.

Não trabalhamos nestes planos. Queira banir de suas mentes todas as idéias de fadiga física, toda a monotonia, todos os efeitos do tempo e das circunstâncias, conseqüentes do trabalho mundano.

Ficou evidenciado chocantemente, há pouco, quão precária pode ser a vida na terra, quando então a terra virou de cabeça para baixo e vidas foram estraçalhadas, falando figurativamente, pela guerra. Como vocês poderão saber se não acontecerá de novo, e com uma intensificação ainda mais terrível? A vida de vocês na terra é tão certa? De fato, não é não. Mas disto falaremos novamente, mais tarde, quando espero poder acrescentar umas linhas de pensamento para a sua consideração.

O ponto mais importante de nossa discussão é algo que está pronto para ser sondado. É este: o homem na terra não é realmente o pecador terrível que a religião em geral impõe que seja. Há certas exceções bem-estabelecidas que seria desnecessário que eu as mencionasse a vocês. São concernentes a uma região específica da terra, e fica entendido que eu estou falando agora de meus amigos da terra e de seus amigos, e assim por diante.

O homem sempre foi entendido como alguém que pecou muito contra Deus desde o início, e manteve seus pecados desde então, com variados graus de intensidade. As maiores guerras, pragas, fomes, inundações e outros distúrbios meteorológicos são todos ‘enviados’ – assim é que se pensa – por um Deus que tem sido tão constantemente provocado que, por fim, é imperativo que Ele deva retalhar trazendo a espécie humana para os seus sentidos, pelo bem de sua ‘alma imortal’. Alega-se que Ele assim age: infligindo grandes punições sobre as pessoas através de sofrimentos de corpo ou alma, ou ambos.

Esta crença é total e completamente errônea. Deus não pune homem algum. O homem, entretanto, pode punir-se, e assim o faz, com muita capacidade. A Igreja ensina que o homem é um ‘pecador miserável’, e os livros de orações provém abundantes evidências documentárias para provar isto. Alguns crerão nisto; outros não; e outros ainda nem ligarão para esta ou aquela opinião. Mas a Igreja não leva isto em conta, porque provavelmente não pode saber que servir a Deus não consiste meramente em agrupar pessoas em grandes grupos para alguma ‘impressionante’ cerimônia de orações e elogios em um dia na semana ou outro.

Servir a Deus significa servir ao homem. De que outra forma servi-Lo? Com cerimoniais religiosos elaborados diante de ampla assistência, com o clérigo oficiante vestido completamente com vestes ‘canônicas’, e com o coro se afinando em músicas altamente envolventes; com eloqüentes sermões e longas procissões enfeitadas? Ou na maior simplicidade de ritual, ou de fato nenhum ritual, com seus salmos intermináveis e cantorias de hinos?

Deus quer, ou precisa, ou deseja isto, ou estes dois extremos? Ou sendo praticados, Ele os aceita como sendo direito Seu, apesar de não pedir, mas fica feliz por recebê-los? É uma interpretação incorreta do Pai do Universo, espalhada por regiões bem amplas da terra, essa de

que Deus requer pesadas inundações de orações, e que tais orações, também, ao final, não passam da mais completa adulação. Esta interpretação errônea não passa de *puro paganismo*.

Antigamente, quando havia muitos deuses, sentiu-se que aqueles mesmos deuses deveriam ser aplacados a todo custo. Ocorreu, nas mentes simples daqueles tempos, que nada poderia ser mais bem aceito por qualquer deus estabelecido e respeitado que ofertar uma quantidade suficiente de sacrifícios e uma medida adequada de orações.

Os deuses precisavam da auto-humilhação de seus seguidores – e tal era obtido. Eles precisavam de um ritual de elevado grau de mistério e elaboração, e tal era obtido. Estas idéias ficaram firme e profundamente enraizadas em milhões de habitantes da terra, não importa de qual persuasão religiosa, de tal forma que agora temos o espetáculo totalmente mentiroso de um Pai Universal sendo submetido ao mesmo tratamento pelas religiões organizadas dos dias atuais, e pelos mesmos motivos e pelas mesmas razões dos ancestrais pagãos. Esta crença coloriu toda a vida religiosa da terra, ou pelo menos a parte dela conhecida por Cristandade.

Tantos erros teológicos e crenças fantásticas realmente têm sua fonte nesta noção de que o Pai deve ser aplacado. Isto altera vitalmente todo o caráter do Pai, transformando-O de Pai amoroso em um terrível Juiz e Tirano, Deus de Vingança e Ira, e fazendo ser um grande elogio qualquer homem que ele pudesse descrever como ‘temente a Deus’.

O ‘temente’, diriam a vocês, neste contexto, significa reverente ou adorador, e não ‘temeroso’. Então, porque não usar palavras claras? Não há mérito no medo. É singular que quando alguém fala de assuntos religiosos, as palavras começam a mudar seus significados de tal forma que não seria tolerável em outros campos da vida terrena. Em religião você pode dizer uma coisa, apesar de que as palavras que você realmente emprega, julgadas em sentido totalmente oposto por muitas pessoas, têm um significado diretamente oposto à palavra falada ou escrita. Pesquise os termos da Oração de Deus e encontrará um exemplo brilhante.

Não. Servir ao Pai não consiste em nenhum desempenho estranho tão amplamente crido na terra como verdadeiro servir. Os homens encarnados podem ser servidos de miríades de formas. Vocês não precisam me dizer isto! Mas não se deve dizer que alguém pode excluir o Pai completamente. Bem longe disto.

Vocês dirão que isto depende muito de quem é servido. O irmão a quem você esteja servindo pode não ser merecedor, e o serviço pode ser apenas um apoio de ações básicas. Claro, isto é óbvio. O servir que ponho em discussão com vocês tem apenas uma tradução, que é o servir originado da bondade. Este termo elimina de uma vez tudo o que não vem de motivos os mais elevados e puros.

A bondade que um homem demonstra a seus irmãos não aplaca imediatamente um Deus caprichoso e colérico. Deus, visivelmente, não fica contente com tais fatos, como os piedosos fizeram-lhes crer – contente com vocês porque foram bondosos ou, por outro lado, colérico e pronto para abater a pessoa com quem Ele não está contente.

Estas boas ações refletem-se em nós mesmos; trazem um lindo colorido às nossas vidas espirituais, nosso ser etérico fica mais brilhante e nossas roupagens adquirem ainda mais e mais lustro à sua textura. Conforme vocês na terra fazem uma boa ação em seguida a outra, assim seus corpos espirituais vão ficando cada vez mais brilhantes e vêm habitar os reinos de luz.

Os exercícios religiosos podem induzir as pessoas a pensarem que estão subindo algum grau na progressão espiritual. Podem estar certos ou podem estar errados, de acordo com variadas circunstâncias, mas não há dúvidas a respeito dos resultados espirituais de uma ação bondosa. Isto, além de qualquer questionamento, fará a eles um bem espiritual de fato. São os pequenos serviços prestados rapidamente, e freqüentemente bastante discretos e logo esquecidos pelo que os praticou, que trazem tantas riquezas espirituais.

Quantas vezes vi pessoas acordando aqui nestes lindos reinos de luz manifestando a maior surpresa de suas vidas ao se acharem onde estão, e não num calabouço escuro e profundo do inferno! Bom demais para ser verdade, pensam, porque ‘jamais professaram nada’, dirão, quando estavam na terra. Bem assim.

Mas durante suas vidas, talvez de tipo bem monótono, não se esqueceram de seus próximos. Nem a lei se esqueceu de agir, pois eles registraram neles mesmos o bem que fizeram antes que viessem morar aqui.

Este, meus amigos, é o material de que o servir é feito, e pelo qual se obtém progresso espiritual.

UNIDADE CRISTÃ

Se um viajante com sentimento religioso de outro planeta visitasse a terra em pesquisa da verdadeira religião, como ficaria confuso; como ficaria desorientado! Seria notável se, ao final de sua busca, ele partisse para seu mundo com sua sanidade incólume!

Religiosamente falando, tanto quanto em muitos outros aspectos, a terra apresenta uma visão triste a nós do mundo espiritual que podemos ver o que se passa por lá. Poderia aquela alma ilustre, que falou a um pequeno cantinho da terra há quase dois mil anos atrás, prever ou imaginar de que maneira suas palavras seriam escritas, distorcidas e, posteriormente, tornar-se-iam o material para a contenda de centenas de centenas de grupos, seitas e denominações?

A palavra 'seita' é familiar a vocês. É hábito da terra etiquetar com este título outras religiões, como um meio de mostrar a superioridade de sua própria religião e, ao mesmo tempo, expressar desprezo e desaprovação pelas outras denominações.

A Cristandade está subdividida em um número quase incontável de Igrejas individuais, com a correspondente profusão de conteúdos doutrinários desconcertantes.

Quando eu estava na terra, pertenci sucessivamente a duas denominações – as duas principais da minha terra nativa. Mesmo esta afirmação seria desafiada pelas partes concernentes, pois nenhuma admitiria que a outra era a principal. No segundo destes dois corpos, fui ordenado padre, e assim fiquei até passar para o mundo espiritual.

Antes que eu me retirasse da primeira para a segunda, atravessei a usual 'busca espiritual', vi que estava profundamente insatisfeito com as coisas como elas eram, e fui 'recebido' naquela que acreditei profundamente que fosse a única Igreja verdadeira. Isto me trouxe uma certa felicidade, ou até um contentamento mental. Só foi quando cheguei aqui, com a minha passagem, que vi que me perturbei desnecessariamente na primeira instância, porque nenhuma das duas Igrejas a quem prestei meus serviços como ministro tinha a posse da verdade. Isto levanta um ponto em particular neste tema da verdadeira religião.

Muitas pessoas na terra afirmam que nenhuma religião tem ou pode ter toda a verdade espiritual, mas cada religião tem algo da verdade nela. É, entretanto, uma afirmação que leva a grandes dúvidas. Quantas denominações religiosas há, espalhadas pela terra, que sejam denominações cristãs? Há *centenas*. Como pode alguém reconhecer a verdade em alguma, cujas reivindicações você escolheu examinar? Há algum cânone pelo qual você poderia aplicar um teste; algum critério? Estas são duas perguntas para você responder.

Você pode preferir pesar as reivindicações e as pretensões de uma contra a outra, e, então, o quê? Você crê que sua razão fará o resto? Isto é o que fiz quando fiquei insatisfeito com a Igreja à qual fui levado, e da qual meu próprio pai era o mais alto dignitário. Eu usei a lógica e a razão – pelo menos era o que eu acreditava estar usando. A respeito deste fato, o que fiz foi examinar as reivindicações de ambas partes, lado a lado, e assim cheguei à conclusão de que a 'parte da segunda parte' falou com uma autoridade que faltava completamente na 'parte da primeira parte'.

Então o que aconteceu? Prova, a prova que as pessoas demandam quando se declara que o mundo espiritual existe, e que nós, seus habitantes, podemos visitar a terra e falar com nossos amigos lá, prova deste tipo não havia. Eu aceitei a nova posição apenas na fé, e posteriormente assumi a atitude que é comum naquele corpo religioso – isto é, a de superioridade espiritual, intolerância religiosa e presunção. Eu havia chegado 'em casa', como meus correligionários estão acostumados a dizer.

Costumava-se ouvir – e vocês ainda ouvem – muita conversa a respeito da unidade Cristã. Pensei nisto nos meus primeiros tempos, e freqüentemente imaginava por que as Igrejas não pudessem se unir. Quando eu me retirei, soube da resposta – que eu achava que era: a minha era a única Igreja verdadeira, e infalível. Como poderia a verdade ajuntar-se ao erro? Todas as outras ordens religiosas estavam em estado de cisma ou heresia, ou ambos. Mesmo as santas ordens, em que eu acreditei que estava, foram denunciadas – e ainda são – como 'absolutamente nulas e completamente inválidas'.

Eu era, de fato, um leigo quando me considerei um ministro apropriadamente ordenado, por isso, apesar de meu pai ser alto dignitário da Igreja, quando me retirei e fui re-ordenado, fui compelido a olhá-lo como um leigo por força do conhecimento agora superior de que tinha a 'verdadeira fé'. Embora eu fosse um simples pastor, fiquei canonicamente 'uma cabeça e ombros' mais alto que meu pai por causa de eu ter sido, então, ordenado *validamente*.

Como agora tudo parece pobre, fraco e mesquinho. Mesmo quando fiz minha chegada imediata aos planos espirituais, senti que toda a teia de teologia que havia emaranhado minha mente, só agora o sei, estava caindo por terra sob a luz da real, *absoluta* verdade. Durante a minha separação, eu havia renunciado à sombra para me agarrar à substância (assim eu pensava), mas agora vi que tinha apenas trocado uma forma de sombra por outra.

Quando encontrei o meu pai aqui, vocês podem imaginar como foram arrebatadores nossos primeiros cumprimentos, pois a última vez que nos encontráramos foi na terra, onde a verdade sofre por todos os lados. Tão entretidos ficamos, à medida que retomamos juntos as várias conversações que tivemos na terra, e relembramos o tempo e os esforços e a paciência que devotamos à discussão das reivindicações, pelo menos das duas Igrejas. Estamos agora espiritualmente unidos na verdade suprema, além das dúvidas, disputas ou especulações.

Que todas ou a maioria das religiões da terra têm algum grão de verdade nelas, mesmo que pequeno, é uma afirmação que tem em si um grão de verdade. Se vocês examinarem umas poucas delas, perceberão isto por si mesmos. Algumas vezes isto é aclamado como um sinal da divina sabedoria e de autenticidade, se é que posso descrever assim. A verdade, declara-se, não pode ser confiada a um só corpo religioso apenas, mas é um erro dizer que todas as religiões possuam uma fração dela e que, quando combinadas, perfazem um total perfeito, e é esta combinação, ou agrupamento de toda a verdade absoluta, que acontece no céu. Não há controvérsias religiosas naquele lugar saudável porque lá estamos na presença de todas as religiões da terra, e a verdade é única, finalmente.

Como uma teoria, isto tudo está muito bem. Como um fato, está tudo errado. Certamente, vocês encontrarão algum ensinamento ou outro, em algum corpo religioso especificamente, que seja uma verdade espiritual, mas e o resto dos ensinamentos desta mesma Igreja? Por possuir aquela verdadezinha vocês devem também se submeter a uma carga de erros espirituais? Como farão para selecionar, de todo o corpo de ensinamentos de uma Igreja, aquela que seja a verdade perfeita? A única forma é não tentar – através de nada que se aproxime dos métodos ortodoxos.

Como uma alternativa, e para estarem certos de estar na posse plena de toda a verdade, vocês teriam que se tornar um membro de todas as denominações religiosas da terra, grandes ou pequenas – *centenas e centenas delas* – desta forma ficando certos de que não perderam nenhum fragmento da verdade. Isto seria manifestamente impossível, sendo a vida na terra tão curta. Mesmo assim, o problema não se resolveria, já que vocês estariam ainda incertos – para se dizer de forma suave – sobre o que seria ensino espiritual verdadeiro e o que não seria.

Não seria possível, pensem, escrever em colunas paralelas numa folha de papel bem grande os ensinamentos multiformes de todas as Igrejas, observando bem acuradamente onde os ensinamentos ou crenças são exatamente similares, ou quase o suficiente para os propósitos deste trabalho, anotando então o que é comum a todas e o mais repetido em algumas, e assim extrair um balanço e chegar a um acordo? Temo que deste jeito suas dificuldades somente aumentariam.

Tal método é do tipo que está na mente dos clérigos, quando soa o clamor pela unidade da Cristandade. Será que não seria possível, alegam eles, encontrar algum pequeno fator em comum com o qual todas as Igrejas Cristãs pudessem concordar e, sobre esta base uni-las, como nos primeiros tempos da Igreja, quando a Igreja era una e indivisa? *Era?* A Igreja esteve alguma vez neste estado perfeito?

A história e os historiadores parecem declarar que a Igreja sempre teve problemas com a heresia, e com seus membros ficando insatisfeitos com as coisas do jeito que estavam e saindo para fundar suas próprias religiões. Cismas e heresias sempre existiram. Mas não poderia ser distinguida uma Igreja, ou corpo religioso, (persisto ainda no tema) de todas as outras, como sendo a primeira, absolutamente a primeira, transmitida sem questionamento por seu fundador?

Quando eu estive na terra, pensei ter achado a primeira e a original, a Igreja única. Tudo parecia apontar para isto. Era comparativamente fácil deixar de lado as reivindicações das outras ao se ouvir a voz da Autoridade. A Igreja à qual pertenci antes sempre ostentou que não ditava cânones rígidos de crença, mas permitia que as pessoas exercitassem seu julgamento particular, pensassem e acreditassem praticamente no que gostassem. Desta forma, todas as escolas de pensamento religioso poderiam ser incluídas na base única de seu estabelecimento.

Isto, com efeito, era o que sempre tinha sido feito nesta Igreja em particular desde a sua fundação – até que a liberdade tornou-se livre demais e irrestrita, quando as fogueiras acenderam-se e, por suas precipitações e maldades, os hereges foram queimados. Eles foram mártires pela fé. Suas coroas de martírio tornaram-se, desde então, levemente manchadas aos olhos de muitos dos encarnados.

Não é um espetáculo edificante testemunhar todas estas disputas eclesiásticas, com reclamações e réplicas, acusações e acrimônia dentro da estrutura da 'Igreja divinamente instituída'.

Como nosso visitante de outro planeta veria isto? Com que sentimentos? Ele perceberia muitas coisas, assim como nós as observamos do mundo espiritual. Vemos, por exemplo, as congregações encolhendo nas Igrejas. Alguns dos clérigos também o perceberam, e aqueles, por autoridade, dizem que o mundo está se tornando rapidamente pagão e ateu.

A decadência está se estabelecendo nas Igrejas, e ninguém pode deter isto. Eles desejam saber o porquê. Pedem a umas poucas pessoas suas opiniões, elas dizem que não vão mais às Igrejas porque os serviços são, para citar uma coisa, muito enfadonhos. Uma resposta como esta tristemente surpreende os ministros, porque os cultos religiosos não deveriam ser cogitados em tais termos. Os serviços não são uma forma de recreação alegre ou iluminada. Eles são belos, e a linguagem da liturgia é inspiradora – especialmente as porções que a congregação não pode entender.

A Igreja acusa aos laicos de degeneração até virarem pagãos porque, por sua ausência congregacional, abandonaram Deus, e agora adoram o materialismo. Eles acham (alega-se isto) que as atrações mundanas atraem demais para se resistir, no único dia da semana quando deveriam voltar suas mentes a Deus, em adoração, em Sua Igreja. Abolir as atrações dominicais contrárias, dizem alguns, ajudaria a encher as Igrejas.

Será mesmo – e com freqüentadores dispostos? Isto cheira a coação incomum. E Deus requer, ou pede, coação em Sua adoração? Isto não sugere o pior paganismo – o mesmo paganismo pelo qual a Igreja condena os laicos? Os serviços que prestam hoje em dia – e não mudaram apreciavelmente desde que estive na terra – literalmente fedem a paganismo.

Aproxime-se do missal com a mente absolutamente livre, limpa de todos os preconceitos sobre a natureza e o caráter do Pai do Céu e da Terra, e examine as orações por si mesmo. O que você vê? Como se você fosse um expert analítico vendo-as pela primeira vez, o que você pode deduzir da colocação das orações? Você seria compelido a dizer que, quem quer que seja Deus a quem estão endereçando os brados e as petições, este é o Seu caráter, da forma como foi revelado pelos autores das orações.

Pela estrutura das sentenças, seus preâmbulos, seus conteúdos e suas terminações, supõe-se que os escritores devem saber e entender algo sobre a natureza do Ser a quem as orações estão se dirigindo. A sua análise deve ler assim: O Deus a quem ofertam sua adoração deve ser gratificado com muita homenagem, já que tanta tensão foi colocada sobre a palavra adoração.

É impossível se deduzir que proveito ou prazer Ele poderia retirar de tanto exagero na adulação. Está manifestadamente errado por todos os cânones de conduta espiritual conceder adoração a um indivíduo humano ou coisa sobre a terra, da forma como se faz a um deus. Que efeito, se é que há, pode fazer sobre o Ser supremo estas grandes ondas de orações elevando-se a Ele, vindas das pessoas da terra, *assumindo-se que tais orações sempre se elevem a Ele?*

Deve-se concluir que sinceramente se crê que esta oração é aceitável pela Deidade, e deve deixá-Lo favoravelmente inclinado em direção a qualquer requisição e petições que a acompanham. Parece que todas as súplicas devem ser prefaciadas com extrema adulação antes de qualquer rogo razoável, para que se considere que o pedido rogado será garantido.

Quando acontece que aquele que orou não obteve resposta, e que não há razão capaz de ser percebida para esta falha, deve-se concluir, pelo uso das frases do tipo 'Vossa vontade será feita', que a resposta à oração depende, não tanto dos méritos ou da urgência, mas da vontade particular de Deus. De onde se presume que Ele tem um certo temperamento – isto é, é caprichoso. Que Ele tem um certo temperamento incerto pronunciado, isto está evidenciado pela variedade de tópicos incluídos nas orações onde, por exemplo, busca-se proteção contra as tempestades e outros distúrbios meteorológicos variados, da fome. Um Deus verdadeiramente benevolente nunca enviaria aos Seus filhos tais calamidades, como geralmente se crê que tenham origem na Deidade.

A ocorrência da guerra, por exemplo, usualmente é atribuída à ira de Deus vindo sobre o mundo ou a nação pecadora. A ira de Deus é mencionada em algumas das orações, apesar de que tal ira pode ser certa em algumas ocasiões, assim dizem, mas nunca é uma emoção agradável ser exposto a ela, especialmente quando é a causa direta das guerras nas quais tantos milhares de inocentes são postos a sofrer. A verdadeira justiça, portanto, não parece fazer parte do caráter da Deidade, já que não pode haver justiça estrita onde os inocentes são punidos pelos culpados. Nem há evidência de estrita justiça onde se implora tanta misericórdia, e com tanta freqüência, e presumivelmente com a esperança de recebê-la. Pois, onde entra a verdadeira justiça quando a misericórdia é espalhada?

A inteligência do Ser supremo não é totalmente subestimada quando certas interpolações desapropriadas são feitas nas ordens de serviço prescritas? Os Dez Mandamentos, por exemplo, diz-se que foram emanados de Deus. Dará prazer a Ele, portanto, ouvi-los recitados em ordem numérica como parte de liturgia em Sua adoração? Se fosse meramente necessário lembrar as congregações da existência dos Dez Mandamentos, eles não poderiam ser lembrados sem a intrusão no próprio serviço de adoração? Deve-se assumir que, então, tal recital traz em si um valor de talismã, o que parecer ser uma reversão aos tempos primitivos, quando a superstição era um pouquinho mais expandida do que é hoje.

As conclusões que se tiram dos inícios de todas as orações é que Deus deve ser aplacado e apaziguado com bastante adulação, pela qual Ele tem uma fraqueza óbvia, e que elas devem terminar com referências à doutrina teológica, cujos significados obscuros devem deixar aqueles que oram em dúvida extrema quanto ao sentido do que se está dizendo. Parece que por mais sem sentido que as palavras possam ser, nenhuma oração, por alguma razão inexplicável, pode ser considerada de um valor qualquer sem que seja recitada.

O clamor de que Deus é todo amor é bastante confuso e amplamente desmentido pelos numerosos apelos implorantes contra o acontecimento de todas as formas de calamidades, das quais, supõe-se, Ele é a fonte, e ninguém razoavelmente inteligente na terra jamais foi capaz de perceber quais as suas causas justas.

Estas são algumas das conclusões que vocês poderiam esperar que fossem tiradas se lessem o missal pela primeira vez, e com a mente perfeitamente limpa de tudo o que é preconceito, calúnias ou concepções, religiosas ou não.

A religião ortodoxa é fundada sobre uma série de erros terríveis, o mais ultrajante de todos é a idéia monstruosa da natureza do Pai do Universo.

O clamor é pela unidade da Cristandade. Suponha que tenha acontecido, e agora? Resolveria todos os problemas, ou algum problema pelo menos? Houve um tempo em que a Igreja foi quase una. Aquelles dias eram melhores que os de hoje? A Igreja pode prever a ocorrência da mais horrível de todas – a ocorrência de uma guerra – que tem acontecido intermitentemente através da passagem dos séculos, mas tão persistentemente que introduziu pelo menos na linguagem os termos 'tempo de guerra' e 'tempo de paz'.

A Igreja não aprova, pela implicação ou por suas ações, a guerra? Se não, o que acontece quando seus ministros abençoam com cerimônia os muitos implementos de guerra? Não é para fazer escárnio de Deus, quando se pede Sua bênção às armas que vão ser empregadas para matar os homens?

Por que a Igreja foi dilacerada com as divisões e controvérsias e rivalidades de ferocidade suficiente para fazer com que os homens odeiem seus irmãos, para causar atos que passaram como supressão da liberdade religiosa, pelos quais o ofensor deve ser queimado na

estaca por sua 'heresia', ou por sua 'apostasia', ou por seu 'cisma', ou torturado em nome da Santa Religião? Por que a Igreja falhou, e falhou obscuramente? Estas são muitas perguntas, meus amigos, para vocês responderem, se quiserem, de acordo com seus pontos de vista.

O que é a verdade que conhecemos no mundo espiritual? O mundo espiritual, é de se conjecturar, é um lugar onde todos os problemas religiosos devem ser resolvidos. Uma conjectura correta. Então, como a unidade da Cristandade será atingida? Só há um caminho.

Deve-se pensar que, se possível fosse, alguém pudesse reunir todas as pessoas que pensam da mesma forma sobre religião, então a unidade seria conseguida rápida e facilmente. Mas as pessoas pensavam quase da mesma forma nos tempos em que a Igreja era presumidamente una e indivisa. Apesar disso, as divisões vieram, porque as pessoas começaram a pensar *não* da mesma forma. Em outras palavras, começaram a pensar diferentemente, e deve-se permitir que todos os homens, de qualquer nação ou período de tempo, devam ter a liberdade de pensar diferentemente de seus irmãos.

Claro. Ninguém questiona isto. No mundo espiritual podemos *pensar* o que queremos, mas nossos pensamentos, assim como entre vocês, são regulados e influenciados pelos nossos conhecimentos. A unidade religiosa pode nunca chegar na base do que os homens *pensam*, apesar de que possam, pelo menos por um tempo, pensar semelhantemente. Isto deve ser baseado no que eles conhecem. Deve ser baseado no conhecimento dos fatos o mais completo possível que se possa atingir.

A unidade religiosa sobre a verdade espiritual, verdade absoluta, é a única unidade que pode perdurar. Não há disputas sobre qual é a verdade, absoluta verdade, verificada e provada como sendo ela. A verdade religiosa ofertada pela Ortodoxia muito freqüentemente nada mais é que opiniões expressas pelos doutores e padres da Igreja.

A unidade baseada em opiniões não pode durar. A unidade baseada em leis naturais espirituais ficará para sempre. A ciência da matemática não é fundeada sobre fatos, verdade numérica? Quem disputará contra as tabuadas de multiplicação? Há algum cisma entre os matemáticos porque algum cientista expressou sua opinião que dois e dois são cinco? Isto vai acontecer? Nunca, enquanto a sanidade prevalecer por sobre a terra.

A religião, como é geralmente entendida, compreende, entre outras coisas, o bem estar da parte espiritual do homem, e é o mais vitalmente importante de todos os temas abaixo do sol terrestre. A religião é um verdadeiro campo de batalha de contendias, quando deveria estar no elevado grau de exatidão adquirido pelo conhecimento absoluto. Se as religiões tivessem menos de opiniões e mais de conhecimentos, os rompimentos começariam a sumir com a rapidez da névoa da manhã com a chegada do sol.

Se as Igrejas real e sinceramente desejam tornar-se unas, sua única esperança de atingirem a unidade é descobrindo a verdade espiritual e, à luz dela, retirar de todos os seus credos e doutrinas cada artigo que seja contra aquela verdade. Então não haverá mais necessidade de colocar cartas doutrinárias sobre a mesa, para todos verem. Não haverá necessidade de se buscar um mínimo fator comum sobre o qual todos possam encontrar a concordância. A verdade fala por ela mesma. Sua voz é clara e forte, e não pode ser contestada.

Quais são as possibilidades de tal unidade ser conseguida sob as condições que sugeri a vocês? Da forma com vemos as coisas no mundo espiritual, chegará o tempo em que a verdade estará difundida por sobre a terra. Tem que acontecer, eventualmente. Talvez vocês digam que desde que a Igreja foi constituída, centenas de anos atrás, os negócios tornaram-se cada vez piores, as divisões aumentaram de número e de alcance, enquanto muitas seitas religiosas estranhas surgiram em todas as partes do mundo, cada uma ostentando as mais bizarras crenças. Destas, alguém deve tomar cuidado. Elas são na maioria o resultado de mentes levemente desordenadas, e desaparecerão com o tempo.

A Igreja que surgiu primeiramente não se compara com as numerosas organizações conhecidas coletivamente com aquele nome hoje. A Igreja foi *instituída*? O fundador da assim chamada Cristandade não teve o menor interesse em fundar nenhuma Igreja. Com boa fé, ele não fundou Igreja alguma, apesar das referências a 'minha' Igreja. Ele não tinha a intenção de estabelecer Igreja, ou Capela, ou nenhuma outra forma de organização religiosa. Ele veio para

dar os ensinamentos simples para as pessoas simples, mostrando-lhes como viver suas vidas na terra, e como se comportarem em relação aos seus irmãos.

Ele lhes contou que o Deus da ira, como eles entendiam que Ele era, não era realmente Deus de ira nenhuma, mas o Pai de todo o amor. Ele falou aos seus ouvintes que a morte do corpo físico não era o fim de todas as coisas, mas o começo real da vida, uma vida nova no imenso mundo do espírito. Ele lhes contou que os dons que ele tinha e demonstrava, de curar os doentes e falar as verdades espirituais, não eram dons místicos nem mágicos, nem eram operados pelos poderes do demônio, mas que eram dons naturais que eles mesmos poderiam desenvolver e usar a serviço de seus irmãos, se seguissem o caminho certo.

Ele mostrou aos seus ouvintes como os que pranteiam alguém poderiam e podem ser confortados da única maneira possível, pois os chamados mortos não estavam mortos; estavam bem vivos, e poderiam falar em termos claros e precisos, exatamente como ele estava se expressando para a sua audiência. Isto era o certo e o próprio a ser feito, e por isso era evidenciado, entre outras coisas, pela grande consolação que tal comunicação trazia aos consternados, ao ser possível se falar mais uma vez com os que eles pensavam terem saído para sempre de suas vistas. Isto é o que o fundador da Cristandade falou aos seus companheiros. Como isto se compara com as crenças extraordinárias e não-naturais da primeira e indivisa Igreja? Estranho, de fato.

Como a Igreja atual clama ser a descendente linear daquela primeira Igreja, é simples demais ver a grande disparidade entre os ensinamentos de Jesus e a esquisita coleção de doutrinas e dogmas sustentados pela igreja de agora. Se os teóricos querem se referir à Igreja primitiva, devem ir ainda mais para trás, e isto significa uma reconstrução de suas crenças, com a conseqüente eliminação de muitas práticas religiosas que não se aproximam da verdade nem tem nenhum valor espiritual.

A Igreja deve, de fato, começar *de novo*, deixando o quadro varrido de todo o lixo teológico acumulado que foi empilhado durante a passagem dos séculos. Se eles estudassem a vida do Mestre Cristo, mesmo pelas poucas crônicas que existem, e imitassem seus métodos, eles teriam algo sólido sobre o que construir sua unidade cristã. A floresta teológica ficou escura por causa de suas árvores tão distorcidas e abundantes demais.

Houve uma época da história em que os homens desenvolveram uma paixão por reformar a Igreja. Pelo menos, é assim que chamaram. As reformas que eles introduziram eram na maioria o resultado do pensar confuso, com uma mudança muito pequena na direção certa. Mas ao arrancarem algumas crenças que foram consideradas insustentáveis, substituíram por outras igualmente sem verdade, e geralmente causaram mais ódios, não somente deles mesmos, mas das novas idéias, que os sentimentos se acirraram e o sangue fluiu, fazendo crescer a lista dos 'mártires'. Para que uma reforma destas?

A Igreja de agora se organizou mais. Está mais voltada aos assuntos terrenos, pois afetam-na eclesiasticamente, mas o grande mundo do espírito é aflitivamente negligenciado. A única instituição na terra que, em virtude de suas funções e direitos, deveria ser mais ativa na comunhão conosco, é apartada e separada de nós. *Toda a Igreja Cristã está em estado de 'cisma' com os do mundo espiritual!*

Para a grande quantidade de clérigos, o mundo espiritual é o mundo silencioso da morte. Eles não podem responder as perguntas diretas de uma alma desesperada: o que acontecerá com os meus queridos que deixaram a terra? Onde eles estão? Por que há este silêncio cruel, e porque vocês não podem, os ministros designados (*auto-designados*) da Igreja de Deus, nos dar, a nós que estamos em um pesar tão profundo, um conforto real, alguma verdade?

Nós não queremos especulações; não queremos agora ouvir sobre a misericórdia de Deus – isto não vai secar nossas lágrimas, nem fazer com que elas parem de correr. Não queremos ouvir citações das escrituras sobre a fé, nem que nos seja dado um conforto espúrio de um livro de centenas de anos de idade. Nossos queridos saíram desta vida nesta mesma semana. Por que buscar num livro tão velho, quando estamos falando de *agora*, deste momento atual no tempo, *dentro da semana da perda tão triste?*

Vocês nos dizem *bem-aventurados os aflitos, porque serão confortados*. Se insistirem em lançar este texto a nós, então digam onde está o tal conforto? Dê-nos este conforto, não uma falsificação religiosa.

Como vocês, meus queridos amigos, teriam respondido a este pranto desesperado de um coração, se vocês estivessem em meu lugar quando eu estava na terra? Como ministro da Igreja eu deveria saber responder a uma alma aflita com uma verdade. Ah, eu não podia; tudo o que eu podia fazer era pedir que a pessoa entristecida exercitasse sua fé, pediria que tivesse esperança e confiasse na misericórdia de Deus, baseado na poderosa intercessão da verdadeira Igreja.

A alma que partira não tinha sido 'fortificada pelos rituais de nossa Santa Mãe, a Igreja'? Casualmente, assim fiz quando chegou a minha vez de partir, mas não posso dizer que aqueles rituais valeram de alguma coisa!

Que palavras de consolo real eu tinha para oferecer quando alguma alma triste vinha buscar ajuda? Eu não podia dar de meu conhecimento, porque de conhecimento eu não tinha nenhum. Tudo que eu tenha pensado ou imaginado em particular, não era de minha função revelar o que passava na minha cabeça concernente à 'vida no além', mas para falar sobre os ensinamentos da Igreja e autoridade, a Igreja não tinha 'nada a declarar'.

Por mais seguro que eu me sentisse em outras circunstâncias com o dever da Igreja por trás de mim, em tais momentos como esse que estamos discutindo, percebia completamente minha impotência pela ignorância. Eu podia falar livremente e fluentemente sobre os sacramentos, sobre os ensinamentos da Igreja concernentes a isto ou aquilo. Eu podia cobrar mais fé da parte do suplicante, podia oferecer minhas preces, que posso ver agora que serviram bem pouco ao propósito, porque estavam também sobre linhas erradas.

Eu podia advertir para que outros rezassem, também, e deixar que eles encontrassem as palavras para as suas súplicas. Meu regozijo em ser membro da Única Verdadeira Igreja era, em ocasiões como esta, de alguma forma atenuado – para falar de forma ligeira – quando nos casos de necessidade espiritual real, o melhor que eu podia oferecer eram frases ocas e vazias baseadas em linhas estereotipadas, e crer que o tempo obscurece a memória e cura a dor da aflição daqueles que vieram me ver.

O fundador da Cristandade tinha mais a falar aos seus ouvintes sobre o bem estar da alma depois da morte do corpo físico do que todas as Igrejas da Cristandade hoje.

A unidade Cristã, como é encarada pelos clérigos e laicos, é um estado onde toda a terra está se adequando, mais ou menos, a um corpo único de ensinamentos, onde os membros de uma persuasão estarão de conformidade com os da outra. E a terra será melhor por causa desta união? Não, de fato, porque seria meramente uma unidade no erro.

Apesar desta unidade poder durar por um tempo longo, no fim terá que se dividir mais uma vez, e assim repetir toda a performance de divisões, cismas e controvérsias. A Igreja, na terra, nestes dias atuais, está exaurida porque não tem *nada* para oferecer a nenhum homem ou mulher pensante, a não ser doutrinas inanimadas. De fato, a Igreja é inanimada apesar da aparência de atividade que pode ser observada.

Como a Igreja deverá ser observada? Pelos resultados? Quais são? A Igreja é impotente para prevenir as guerras sobre a terra, porque não tem influência nos governos da terra. Se as Igrejas se unissem numa plataforma comum de 'Não à Guerra', qual autoridade lhes daria ouvidos? Os professores de religião aceitam a guerra como uma punição de Deus por causa da maldade do mundo. Se fosse o caso, então estaria manifestadamente errada em clamar contra ou condenar o que fora declarado como apenas uma punição divina. Tais são os tortuosos e serpenteantes caminhos dos teólogos!

A unidade Cristã tem muito mais a ver com a antiga história eclesiástica, com as ordens válidas ou inválidas, com os cerimoniais, rituais e vestimentas, com a rubrica, com os prédios e pertences da Igreja, e com os benefícios eclesiásticos e dignos cargos. Os líderes da religião são ocasionalmente observados batendo nas juntas dos laicos, mesmo que gentilmente, por eles não freqüentarem os serviços em número suficiente e também porque profanam o Sabbath, preferindo os prazeres mundanos em vez de se envolverem com a Igreja e evidenciem o quão varonil a religião é realmente.

Vista de dentro para fora, há intolerância religiosa e auto-satisfação; vista de fora para dentro – do mundo espiritual – podemos ver bem o quanto a Ortodoxia é o escárnio da verdade. Centenas de anos de ensinamentos falsos que tiveram de ser corrigidos, junto às infelizes vítimas deles, aqui no mundo espiritual. A instituição que se supõe devesse mandar seus membros completamente equipados para a jornada ao ‘além’, de fato manda todos os viajantes totalmente ignorantes do conhecimento espiritual, mal equipados em todos os pontos e, freqüentemente, paralisados de medo daquilo que está por acontecer.

Se você quer saber se as Igrejas falharam, pergunte a nós do mundo espiritual, e poderemos lhes dar uma resposta inequívoca e completa, numa só palavra: Sim. Se todas as Igrejas da terra se unissem em seu atual estado de ignorância, a falha ainda continuaria.

É costumeiro os ministros voltarem suas mentes ao passado, pensativos, àqueles dias de unidade religiosa que eles chamam de ‘a idade da Fé’. Deixem-nos voltarem suas mentes para outra direção, à idade do Fato, do fato alcançado, garantido, e provado, e deixando todas as suas especulações teológicas de lado, basearem a Unidade real sobre a verdade espiritual, porque a verdade é poderosa, e prevalecerá.

PAZ NA TERRA

Nós fizemos uma breve pausa em nossos trabalhos, e estávamos gozando o que nos nossos dias terrenos chamávamos de 'dia de folga'. Quando digo 'nós', quero dizer o pequeno grupo composto de alguns artistas e músicos, todos eles mestres de seus ofícios; meu superior religioso, que foi um príncipe da Igreja; meu pai, que também foi um notório prelado em seu tempo, mas de uma denominação oposta à minha; e, finalmente, meus bons amigos e atuais colegas, Edwin e Ruth. Nós formamos um grupo muito agradável de companheiros.

Ele faria aos corações dos defensores da unidade religiosa na terra um enorme bem, por observarem meu pai e meu anterior superior em completa união! Tornaram-se amigos unidos nestes planos, e freqüentemente encontram-se debaixo do meu telhado. Na verdade, meu pai expressou, em muitas ocasiões, sua gratidão a meu chefe de outrora, por ter cuidado de mim no final de minha vida terrena, quando ele ficou, como se fosse, *in loco parentis* (no lugar dos parentes – NT).

Na ocasião da qual agora estou falando, todos nós abandonamos temporariamente os trabalhos, não que tenha sido – apresso-me em acrescentar – por qualquer causa de desafeto, mas por um plano pré-estabelecido dispusemos assim nossas variadas atividades e fizemos a provisão necessária para nos comprometermos entre nós, a fim de que pudéssemos gozar um tempo de lazer juntos, de acordo com os nossos desejos e caprichos. E assim fizemo-nos disponíveis de todas as formas, entramos em contato com outros amigos, e passeamos aqui e ali sem nenhuma meta em especial, a não ser a de gozarmos nossa recreação.

Os músicos e pintores, apesar de ser a música e a arte seu trabalho principal, também dirigem seus trabalhos para outros caminhos. Conseqüentemente, estão cheios de tarefas e alvoroçados com os compromissos, como nós.

Agora estávamos sentados em cadeiras confortáveis, sob as árvores no gramado de minha casa, respirando o ar perfumado, com os lindos jardins em torno de nós, livres de todos os encargos, conversando alegremente sobre uma ampla gama de assuntos, e trocando experiências de todos os tipos. Seu alcance é grande, com podem imaginar, no meio de um grupo tão variado cujas atividades terrestres e do mundo espiritual são tão diversificadas.

De toda a nossa reunião, talvez o pior ficou para os músicos, porque foram chamados para nos proverem de música para o nosso entretenimento. Os pintores, entretanto, em virtude de sua profissão, clamaram por um afastamento de qualquer atividade ativa e logo ficaram extremamente satisfeitos por esta força! Como um deles lembrou, ele se sentiria deliciado em pintar um retrato de nós ali, naquela hora, mas levaria um certo tempo, porque um quadro não se pinta num momento, teríamos que providenciar alguém que fizesse nossos trabalhos por nós, enquanto isso ficaríamos confortáveis o quanto possível, na preparação de uma sessão extremamente longa, já que ele era bem vagaroso em seu trabalho, e tendia a ficar ainda mais lento quando trabalha na presença de outros!

Para nossa distração, os nossos amigos clérigos ofereceram-nos uma série de sermões sobre numerosos assuntos, todos eles foram resolutamente recusados *sem* nem agradecermos. Pareceu, entretanto, que os músicos eram os que estavam em maior desvantagem entre todos nós, mas eles se divertiram sinceramente, apesar de tudo.

Nós estávamos assim sentados, quando os rápidos olhos de Ruth perceberam dois homens à distância, evidentemente vindo em nossa direção. Conforme vinham chegando, paravam aqui e ali para olharem as flores, até que finalmente ficaram próximos o suficiente para que os identificássemos. Um deles era uma autoridade cuja característica mais marcante era seu cabelo muito preto.

Eu já apresentei este homem e sua companhia constante a vocês bem no começo destes escritos como o Caldeu e o Egípcio. Desde os meus primeiros dias nos planos espirituais, eles têm sido os meus amigos mais bondosos, sempre prontos para ajudar e aconselhar em qualquer ocasião, e dar a mim o benefício de sua experiência, obtida ao longo de uma longa,

muito longa, vida no mundo espiritual. Fui logo cumprimentar nossos dois visitantes, que eram bem conhecidos de todos de nosso grupo.

Ficamos naturalmente deliciados diante das palavras que eles devem ter escolhido para um momento como este de sua visita. Meus amigos levantaram-se juntos quando da aproximação de nossos visitantes, e houve uma ampla troca dos mais cordiais cumprimentos. Enquanto isso, Ruth e um dos homens desapareceram dentro da casa, reaparecendo logo depois com uma cadeira especial que reservávamos para convidados como estes. Era uma sólida poltrona de carvalho, lindamente entalhada, e era a predileta. Com muitas expressões calorosas, o Caldeu sentou-se nela, com Ruth à sua direita e o Egípcio à sua esquerda.

O Caldeu viera, disse, tanto a negócios quanto por prazer. Ao mencionar a palavra negócios, nossos amigos fizeram um movimento de retirada, pensando que ele gostaria de discutir algum assunto sem outros ouvintes. Mas o Caldeu nem queria ouvir falar sobre isto e fez com que sentassem de novo.

Ele entendia, disse ele, que muito falatório já tinha acontecido durante nossa reunião e que, portanto, ele sentia que mais um pouco não faria nenhum mal. O Caldeu, acrescento, é um homem cujo senso de humor é afiado, e estar em sua presença é sempre um tônico mental. Ele é uma testemunha viva do fato de que os que habitam os mais elevados planos não perdem sua cordialidade nem o humor.

Era uma pena, disse, que nós recusamos a excelente oferta de nossos colegas de escutarmos um sermão ou dois, como ele podia ver, acrescentou, já que todo o grupo não pioraria por um tiquinho extra de tom espiritual!

Depois de mais algumas amabilidades, o Caldeu voltou-se para mim e falou dos nossos esperados escritos, dos quais este é a realização. Ele, então, fez uma sugestão, que talvez eu pudesse inserir um capítulo sobre o tema que ele tinha para oferecer. Expressei minha vontade e prazer de ser sempre que possível servil a ele. Ele falou de seu contentamento, e continuou a delinear para mim o assunto que queria discutido. Eu deveria usar as minhas palavras, ele meramente daria um resumo.

Escutamos com interesse enquanto ele enunciava os vários pontos de sua narração. Alguns de nosso grupo, que não eram tão familiarizados com os assuntos terrestres como outros de nós, ficaram tristes com o que o Caldeu recontou. Finalmente o assunto foi exposto, e a conversação tornou-se nossa novamente. Nosso grupo reassumiu seu temperamento leve, depois da gravidade do discurso de nosso visitante, e sendo chamados a ficarem o maior tempo que pudessem, nossos dois visitantes ajustaram-se a nós em nosso convívio aprazível, ao qual a alegria e a riqueza de experiências do Caldeu somaram muito. Assim continuamos.

Bem, antes que o nosso grupo de cada um em sua oportunidade particular e sem preâmbulos, aqui está o que me ofertou para ser discutido com vocês.

Em cada dia, de cada semana, de cada ano na terra, se faz uma proclamação que é reputada como tendo sido proferida há muito, muito tempo atrás por uma hoste Angélica num cantinho da terra: *“Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”*.

Por quantas centenas de anos esta sentença tem sido expressa? E em quantas ocasiões a paz na terra tem sido perturbada? As páginas dos livros de história estão manchadas com o sangue dos seres humanos derramado em incontáveis guerras que assolaram a terra, cada vez mais intensas, cada uma delas produzindo um número cada vez maior de vítimas. Com a multiplicação das descobertas científicas por todos os lados, parece ser inevitável que, onde seja possível, estas descobertas tornem-se mortais com o advento da guerra. As armas de guerra, de alguma forma, pararam de ser usadas individualmente e viraram instrumentos de matança por atacado, cujas vítimas são contadas aos milhares de milhares.

Estes são assuntos sobre os quais vocês, meus bons amigos, ficaram bem informados através de sua própria experiência amarga no passado recente, e desta forma coloco-o diante de vocês, não para gastar seu tempo nem testar sua paciência ao falar sobre alguma coisa da qual estão completamente cientes, mas porque uma afirmação completamente óbvia algumas vezes é aconselhável para se fazer com que um tema fique perfeitamente claro.

A vida na terra tornou-se arriscada. Meus amigos têm, sem dúvida, se perguntado por que, aparentemente, esta guerra existiu na terra e, mais ainda, por que as guerras não podem

cessar para sempre? Vocês terão a resposta de seus irmãos, que isto é precisamente o que os líderes de todo o mundo estão agora diligentemente tentando fazer.

Agora, aqui quero fazer uma declaração que é clara e inequívoca, tão obstinada e inflexivelmente indisputável quanto as palavras puderem fazer entender. É uma verdade espiritual, de profundidade com a qual poucos líderes na terra se importaram em considerá-la com algum grau de seriedade real, mas que, todavia, pode ser encontrada nos missais e incorporada nos serviços de pelo menos uma Igreja Pomposa. É esta: *Não matarás*. Olhem em seus livros de oração, e verão que está colocada em quinto lugar, *quinto*, na lista dos Mandamentos de Deus!

Qual é a lei governamental da vida terrena do homem a este respeito? Em outras palavras, o que o mundo espiritual diz? Diz o que acabei de dizer a vocês, mas em nenhuma lista das proibições espirituais ela aquinhoa um lugar mais alto que quinto.

Com que direito o homem da terra assume para si o poder de 'vida e morte', como é chamado? É costume na terra legitimarem a mortandade de seres humanos através da passagem de decretos. (Vocês testemunharam pelo menos um país que distribuiu estas legalidades por instruções verbais, ou documentos curtíssimos escritos à mão). Então é que, ao incorporarem às leis de um país a permissão oficial de matar seres humanos, este ato torna-se direito e apropriado, não é assim? Não importa se o caso é concernente a um indivíduo ou é concernente a toda uma nação como uma força militante. É natural dos governos – e muitas Igrejas ajudadas pelo Estado – olharem as pessoas sobre quem assumiram autoridade, considerando-as somente relacionadas ao mundo terreno.

A terra é essencialmente – para eles – o mundo real, o mundo material. Isto é vida, a única vida que é conhecida, mas pouco entendida. A morte do corpo físico é, claro, inevitável, concordarão com isto, mas não têm nada com ela. É tarefa da Igreja cuidar disto da forma que acharem melhor, sujeitar-se a qualquer controle e influência que o estado possa exercer em sua direção, e a nomeação de seus ministros e dignatários.

Pode haver uma combinação nominal da Igreja e do Estado, mas o último tem pouco ou nenhum interesse no primeiro. A Igreja fica bem para os pios e os outros de mente religiosa, e os membros do corpo governamental podem dizer algumas orações formais antes da abertura dos procedimentos oficiais. Faz-se por costume, e muito pouca significação é colocada na ação. Eles podem orar pela orientação de suas deliberações, mas, no final, preferem confiar em seus próprios julgamentos.

Por todas as leis espirituais, da forma com que estamos familiarizados com elas no mundo espiritual, é errado legalizar-se de qualquer forma o poder de terminar o período natural da vida de qualquer pessoa sobre a terra. Para se empregar os termos de parte de um decreto que foi responsável pela desunião eclesiástica em minha terra nativa, 'nenhum príncipe, pessoa, prelado, estado ou potência espiritual ou temporal' tem o direito de 'exercer uma forma de poder, jurisdição, superioridade, autoridade, preeminência ou privilégio' sobre a lei espiritual, na qual *Não matarás* ocupa uma *posição proeminente*.

O que a lei da terra diz com relação ao aplicado ao indivíduo e todas as nações? No caso do indivíduo, ela diz efetivamente: Esta pessoa cometeu uma infração à lei ao matar outra pessoa. Nós, portanto, não temos mais uso para ele neste mundo. Nada sabemos, entretanto, sobre as leis do próximo mundo, mas o próximo mundo deve buscá-lo e levá-lo. Ele é mau demais para o *nosso* mundo. Nós o julgamos e o consideramos culpado. Deus fará o mesmo, embora encomendemos esta alma à misericórdia de Deus. Ostensivamente. Fazemos isto como um impedimento a outros, mas na verdade queremos nos livrar dele, porque é a maneira mais barata e mais satisfatória de lidar com ele.

No caso das nações, é costume resolverem-se desavenças e argumentações internacionais, onde as palavras e as negociações falharam, recorrendo-se às armas. As nações encontram-se umas às outras conforme as circunstâncias determinam, e as forças armadas das nações, o que quer dizer, os seus cidadãos, que são seres humanos, começarão a matar um ao outro pelos meios que podem ser satisfatórios ou disponíveis, ou de acordo com as exigências do lugar e do tempo.

Este método de lidar com as disputas internacionais, falhando todos os meios pacíficos, é um costume estabelecido através de um período de anos tão longo que não se tem a data de seu início real. As forças armadas têm o poder dado a elas de matarem os inimigos do estado. Vocês vêem, meus amigos, estou colocando literalmente o método usado pelos governantes de seu mundo para resolverem as questões da terra. Que é este: vão à guerra, e matem, matem, matem. Cacem o inimigo, e matem-no.

Antes que eu dê mais um passo, vocês exclamarão: 'Está tudo bem, mas o que era para ser feito? Você viu por si mesmo – ou, pelo menos, presumimos que viu – a quais extremos fomos forçados no início das recentes hostilidades. Tentamos preservar o mundo de se tornar um enorme estado escravo, e seus habitantes de toda espécie de bestialidade. Representamos o *justo*, em oposição ao *poder*. Tivemos que defender nossas vidas e lares, e tentar manter a salvo um mundo decente para nós e para nossos filhos'.

Esta é a sua situação, como seria descrita para mim. Então, deixem-me dizer a vocês que com ela nós, do mundo espiritual, temos a maior simpatia. Que vocês estiveram batalhando com o pior mal que já assolou a terra não se discute, e qualquer homem que faça diferente estará completamente enganado.

Não se esqueçam, meus amigos, que nós vimos mais deste mal que vocês, apesar de que vocês estiveram bem no meio desta luta. Nós pudemos perceber que forças, *invisíveis* a vocês, e na maioria dos casos, jamais sonhadas por vocês, estavam trabalhando, esforçando-se no lado do erro. Mas deixe-me dizer novamente que ainda é erro – e sempre será – o homem matar o companheiro-homem, por qualquer razão que seja. Quaisquer que sejam as razões, quaisquer que sejam as provocações, ainda é erro. Não podemos ir contra a Lei de Deus, que é a lei espiritual.

Há um velho ditado com o qual vocês estão bastante familiarizados, que diz que dois pretos não fazem um branco. É uma verdade eterna, e nenhuma descoberta nova, ou qualquer outra revelação futura pode alterar ou dispor dela, ou de alguma forma abalá-la. Mas no caso da guerra, tornou-se ordem dizer que o fim justifica os meios – uma doutrina perigosa.

Como acontecem as guerras? Os livros de história informarão a você sobre as situações políticas que finalmente levaram à eclosão de cada guerra. Não é uma leitura feliz, e revela completamente a cegueira espiritual da terra. Alguns dirão que só se os ensinamentos da grande alma que é chamada de Príncipe da Paz fossem postos em prática, absolutamente e sem falha, então as guerras terminariam para todo o sempre na terra.

Como isto seria feito? Através da influência das Igrejas? Isto pareceria ser o caminho óbvio. Mas e as contravenções que foram, e são, feitas em nome de Deus ou em nome daquela Santa religião? A História também conta sobre elas. Os heréticos nunca foram queimados nas estacas? Verdade, era o braço secular que realmente fez a queima, *não*, é claro, a Igreja. Esta última apenas condenava. Isto é o que a Igreja queria que vocês acreditassem. A Igreja, entretanto, poderia ter clamado contra estas barbaridades, mas não o fez, porque pensava que nada poderia ser horrível demais para se punir um herege.

A Igreja tinha uma jurisdição poderosa. Ela não pode fazer nada agora, a não ser expressar uma condenação moral, o que ela raramente faz. Quando a faz, não é atendida. A Igreja deve curvar-se ao Estado – o que é, talvez, exatamente como quando as fogueiras são lembradas.

Ao voltarem-se às Escrituras por um código de comportamento moral, vocês devem ter em suas mentes as interpretações diversificadas destas Escrituras que resultaram na desunião Cristã. Dirão, talvez, que o Mandamento *amai-vos uns aos outros* não precisa de interpretação, e estariam inegavelmente certos. Este tema da interpretação bíblica já foi discutido com vocês em outras ocasiões.

Tudo o que vou dizer agora sobre este ponto é que as escrituras não contêm tudo o que o grande mestre disse, e que grande quantidade de seus ensinamentos não estão contidos entre as capas do livro que é universalmente usado na terra neste momento. Se o texto completo fosse mantido e as omissões repostas, talvez uma história muito diferente pudesse ser contada sobre a subsequente jornada espiritual através dos tempos.

Guerras sob quaisquer designações devem ser espiritualmente condenadas para sempre, sejam punitivas, agressivas, ou por outras causas que não é necessário enumerar. Em muitas direções a terra é espiritualmente cega, mas em nenhuma é tão desesperador quanto quando se recorre às armas como meio de resolver disputas. Aqui vocês vêem os resultados dos ensinamentos da Igreja, ou a falta deles.

Se a Igreja possuísse alguma verdade espiritual, esta grosseira subestimação da vida humana na terra nunca teria se enraizado e resistido por séculos, como aconteceu. As leis concernentes à vida humana na terra são baseadas em teologia crua e no erro. As leis de uma nação devem ser respeitadas no sentido de que devem ser obedecidas, mas nenhuma nação tem o poder, falando divinamente, ou o direito de um mandato de encurtar, em um só segundo de tempo, a posse natural da vida do homem na terra. O conselho das nações pensa de outra forma, mas nisto estão desastrosamente errados.

Permitam que me volte agora para outro aspecto deste assunto. Vocês devem saber que nenhuma pessoa de qualquer posição social ou status espiritual fica negligenciado por nós no momento da passagem, aconteça esta passagem tanto na terra, no ar, sobre ou sob as águas.

Se podemos nos aproximar, o indivíduo fica sob a sua própria condição ou estado espiritual. Se podemos nos aproximar e oferecer nossa assistência, assim faremos, sem falha. Nossos passos podem ser rejeitados ou desprezados; a alma que se vai pode estar tão embebida de maldade que torna a aproximação impossível. Todavia, alguém estará por perto para fazer o que seja humanamente impossível. Se observamos que nada podemos fazer, retiramo-nos relutantemente.

Em tempos normais na terra, nosso trabalho segue calmamente quando a passagem das pessoas para estes planos segue a rotina regular em seus números costumeiros. Com o advento da guerra moderna, estes números aumentam prodigiosamente e sua taxa de entrada a estes reinos aumenta muito. Para tantos homens que ficaram na terra, estas almas, civis ou soldados, 'partiram para o além', e isto é apenas o que pode ser dito, pois o que lhes aconteceu ou como estão se sentindo, nenhum homem sabe, nenhum homem pode adivinhar. Esta é a atitude geral daqueles que não têm nenhum conhecimento espiritual real.

No começo destes escritos, eu contei a vocês sobre as mudanças que ocorreram neste e em outros reinos em consequência das duas guerras, e também mencionei a imensa quantidade de trabalho extra que deve ser feito quando irrompem guerras como estas na terra. Vimos o último conflito assustador do ângulo que é impossível ao encarnado.

Nós, nestes planos, temos visto, entre outras coisas, o ódio repugnante que foi inspirado pelos planos desprezíveis dos homens maldosos, ódio, além do mais, que tem sido enviado para o mundo espiritual pesadamente sobre os vilões que estiveram abrigando-o em suas almas tenebrosas. Falarei destes um pouco.

Lembro vocês que nossos trabalhos de servir aumentaram tanto que a palavra 'colossal' torna-se quase insignificante para se definir sua magnitude. Quantas pessoas, diriam vocês, passaram para estes planos e cuja passagem foi causada por esta última guerra? O seu número tem sido moderadamente computado pelos crônicos terrestres como sendo trinta milhões. Isto é uma afirmação incompleta.

Para muitos foi um alívio aos horrores inexpressáveis, barbaridades e torturas, cometidos contra eles pelos seguidores do mais maldoso de todos os homens dos tempos modernos. Seus seguidores não eram menos maldosos, mas a principal inspiração das abominações era ele, inspirado pelos reinos mais tenebrosos do mundo espiritual.

Estes reinos trevosos são habitados por quem? Não são habitados por pessoas que anteriormente habitaram na terra. Não foi o mundo espiritual que os fez serem o que são, nem quem os colocou onde estão – a escuridão mais profunda. É a vida deles na terra que os ajustou àquele lugar. Alguns deles foram mandados para lá prematuramente pelas leis do plano terrestre; outros foram para lá eventualmente pela passagem natural; e as guerras ajudaram a aumentar estes números. Portanto, eu pediria que se lembrassem de que é a vida terrena que causou a descida espiritual destas almas, não a vida subsequente no mundo espiritual.

A última grande guerra aconteceu por um transbordamento destas sucumbidas almas em direção ao plano terrestre onde, tudo invisível a vocês, viram que, com esforços combinados, poderiam facilmente inspirar as cabeças dos homens maléficos e seus partidários e assecas.

Esta guerra horrível não foi enviada por Deus como uma punição dos pecados da terra. Isto é uma ficção inventada pelos clérigos estúpidos, cujo entendimento sobre o 'Pai' de amor é visto sob sua teologia pagã e crua. Acreditar e afirmar que Deus infligiu tais punições torturantes aos homens encarnados é uma difamação da mais grosseira descrição, já que O arrasta para o nível de um deus pagão tribal.

Os instrumentos de maldade encarnados tomaram o caminho da ruína e seguiram adiante, via abaixo. Deveria se perguntar: se estas pessoas na terra foram inspiradas pelos habitantes dos reinos trevosos do mundo espiritual, como puderam ser tão bem sucedidos, até este ponto? Por que seu sucesso inicial não foi seguido de uma vitória final completa do mal?

A resposta é que estas criaturas infames estão interessadas em seus instrumentos encarnados apenas para conseguirem o cumprimento de seus desejos, e é parte do plano deles que seus instrumentos sejam levados à queda no final. Não é da vontade deles providenciar a vitória para ninguém, mas apenas usá-los enquanto servirem a seus propósitos. Seu propósito último é levar à ruína todos os que lidaram com eles, tragando outros ao seu próprio nível baixo e obscuro.

Aparentemente, eles mesmos afundaram tão baixo que lhes é impossível afundar ainda mais. Não têm nada a perder, e muito a ganhar no prazer diabólico que a visão da queda humana lhes proporciona. As condições terrestres foram tais que esta enorme erupção do mal das regiões tenebrosas foi possível. Passo a passo, o plano malévolos foi elaborado, com resultados que não é necessário relembrar.

Depois de grande as forças do mal foram banidas, e agora?, o que restou? Vocês estão em paz? Muitos de vocês – de fato, a maioria – dirão que estão longe disto, pois por todos os lados e em todas as partes da terra há o desassossego e tumulto econômico. Naturalmente, esperarão decorrer algum tempo antes que se possa fazer um retorno completo às condições de vida as quais vocês imaginam como sendo pertinentes ao 'tempo de paz'.

Tantos anos de energia sendo devotados inteiramente às perseguições de guerra desnudaram a terra de muita coisa de que agora ela precisa extremamente, também nas necessidades mais simples, como o conforto usual. Mas, colocando-se isto à parte, por agora há muito desassossego. Isto não surpreende. As nações da terra estão exauridas do ponto de vista militar, tanto quanto estão exauridas em seus corpos físicos por causa dos anos de labuta, tensão e desnutrição. Os nervos desafiados fazem os pavios curtos. Mas há outras razões para este desassossego. Chegaremos a elas num instante.

Eu pediria a vocês que refletissem sobre o que mencionei com respeito ao quinto Mandamento. Vocês testemunharam um grupo de homens malévolos sendo trazidos às barras da justiça terrena para responderem por seus crimes monstruosos contra toda a terra. Que eles devessem ter sido presos é justo e apropriado. Os escritores sobre o tema deram como suas opiniões que somente o tempo poderia provar se isto foi bom ou mau.

Como observamos as coisas do mundo espiritual, o grupo de nações acertou ao quererem que estes seres desumanos fossem trazidos diante deles, e condenados diante de todo o mundo. O veredicto de culpado foi apropriado. Nenhum outro traduziria a justiça verdadeira – da qual a terra sabe tão pouco. Mas as pessoas deste reino e de todos os reinos de luz sobre nós e abaixo discordam absoluta e completamente com a condenação de certo número deles de serem despachados para os planos do espírito.

O que foi feito, fora de qualquer questionamento e dúvida? A terra se livra destes homens, e vocês sentem que podem respirar mais livremente agora. Vocês sentem que a raiz do problema foi desenterrada, e sistemática e finalmente destruída. Os arquiperpetradores não estão mais na terra e não podem mais fazer mal algum. Não podem? *Não podem, realmente?*

O que foi feito, realmente, então? Isto: em vez de manter todos estes monstros da iniquidade ou, como muitos deles, não os deixando ir para os reinos trevosos pelas próprias mãos, mantendo-os onde vocês soubessem onde eles estão, onde vocês pudessem sempre

encontrá-los, e onde não poderiam fazer mais maldades; em vez de mantê-los em confinamento cerrado, *os líderes da terra libertaram-nos*. Eles estão nestes planos do mundo espiritual, *livres*.

Livres para exercerem seus desejos malévolos sobre qualquer um que possam encontrar. Livres para se unirem, como o fizeram na terra; livres para retornar à terra invisíveis a vocês, e lá instigarem todos os modos de problemas onde possam descobrir quem os ouça com seus ataques. Estão livres para perambularem pela terra inteira despercebidos e, pelo peso de seu número, trazer cada vez mais e piores, infinitamente piores, desastres sobre a população da terra.

Por que as Igrejas falharam tanto, em não darem ao mundo as verdades espirituais, para que todos estes cataclismos horríveis fossem banidos para sempre da face da terra? É porque eles não conhecem as verdades, e, o que é consternador a nós daqui, eles *não querem* conhecê-las.

As autoridades na terra instituíram pelo menos uma de suas leis civis sobre o conceito errôneo sobre a natureza da 'vida após a morte'. Nós, no mundo espiritual, temos que esperar, impotentes, enquanto uma convenção de autoridades internacionais cometa uma asneira fatal. O que importa, dizem estas pessoas realmente, desde que estes criminosos detestáveis estejam todos fora da terra, onde não mais nos incomodem? A morte é a penalidade suprema, a pior punição que poderia ser imposta a tais criaturas sub-humanas que não se preocuparam com a santidade da vida humana. Portanto, que lhes seja dada a morte. Deus não lhes dará a misericórdia, apenas eles serão condenados a passarem a eternidade no Inferno, seu destino certo e direto.

Que loucura supor que eles tenham sido confortavelmente, claramente e *finalmente* despachados, porque suas vidas foram cortadas por sentença judicial. Se a terra soubesse um pouquinho das verdades espirituais, as guerras teriam cessado há muito tempo, mas o homem dá um passo errado atrás do outro, e comete esta última besteira culminante.

Não é meu propósito, peço que entendam, aparentar ser 'alarmista', nem é minha intenção exagerar o caso presente, ou futuros. Meus velhos amigos, acho, me conhecem melhor que eu pensava. O que estou tentando mostrar-lhes é a forma pela qual, por anos, a terra como um todo passou num estado de ignorância espiritual, e o caos resultante.

A religião, quando chamada apropriadamente, não é para ter prédios de Igrejas, e serviços agradáveis e pitorescos, com luzes e ornamentos, com órgãos e coros: algo para se fazer no domingo, e pouco pensado no resto da semana, exceto pelos profissionais religiosos, os clérigos.

A verdadeira religião não é para ter exercícios piedosos e orações grandiloquentes pronunciadas em voz afetada e falsa, contendo pouco do que tenha valor prático espiritual. A religião organizada deveria saber a verdade sobre os dois mundos, o mundo da terra e o mundo espiritual. Em vez disso, profere repreensões moderadas e tolera o que é patentemente errado. Ensina e prega um monte de erros espirituais tão longe da verdade que parecem fantásticos e absurdos.

A Igreja tentou suprimir a luz onde ela brilhava emanando vislumbres da verdade, e preferiu seguir da velha maneira, calcada em erro. Seria algum milagre que a terra com os ensinamentos da Igreja, tenha feito coisas e dito coisas que no tempo certo levado aos desastres terrestres?

Quando certos homens malévolos iam ser ejetados da terra, a Igreja proclamou alto e bom som que isto estava contra o Mandamento que está em *quinto* lugar na lista? Ela preferiu manter um silêncio rígido e indiferença completa. Se aquele é um Mandamento de Deus, não pode haver argumentação sobre ele. A Igreja, a uma só voz, deveria ter condenado a violação a ele, neste e em todos os casos. A Igreja tem muitas vozes – todas diferentes.

Supõe-se que todos os homens maus, ou mesmo uma parte substancial deles, depois de sua passagem, tenham 'virado uma nova página', apesar de ser sem sentido que tenham virado anjos, pelo menos que mostrassem alguns sinais de arrependimento?

Seria o topo da idiotice pensar assim. A verdadeira natureza de seus desencarnes serviu, em muitas vezes, para intensificar seus ódios, e agora desejam buscar vingança quando e onde

for possível. Os líderes estão aqui, no mundo espiritual, uma finíssima *concentração de maldade*.

Talvez alguém perguntará: Por que Deus não impediu isto? A resposta é: pela mesma razão que Ele não impediu a eclosão da guerra na primeira vez. O homem comete suas egrégias asneiras, e clama por Deus para limpá-las. A Igreja reza por uma orientação, e não providencia canais por onde possa vir. Isto não é o ápice da loucura e da ignorância?

A terra tem andado – e anda – na escuridão, orgulhosa de suas conquistas, suas descobertas materiais, seus avanços sociais; orgulhosa dos descobrimentos científicos e seus nobres esforços pelo bem estar do homem. Bem, vocês não podem andar para sempre na escuridão sem, um dia, colidirem com algo pesado, provocando um acidente e ferimentos. Conforme as coisas se tornam mais intrincadas, também os obstáculos e as armadilhas tornam-se mais freqüentes e numerosos. Finalmente, uma tragédia vai acontecer. É assim que a terra tem se movimentado todos estes anos. Para esta última eclosão, se é que posso assim chamar, o material inflamável foi sendo acumulado por longos anos. No final, precisava de uma faísca para queimar, e a faísca veio.

Há uma frase que foi constantemente lembrada a vocês no passado, ligada aos seus serviços domésticos. Foi encarada com escárnio por alguns, mas todos, ou uma grande parte de vocês sofreu sob a conotação daquela frase. A frase é: *transferindo a carga*.

É o que a terra fez. Foi mudar a carga de maldade para nós no mundo espiritual, já que não foi só o fato de vocês mandarem os homens malévolos apenas, mas *nós*, nestes planos, teremos que ajudar a acertar as coisas com vocês.

Que direito tem a terra de evadir-se de suas responsabilidades e mandá-las para os ombros de pessoas do mundo espiritual? Em que lei divina se baseia este procedimento, que quando um indivíduo comete uma ofensa em particular ele deve ser ejetado da terra para os planos espirituais? Toda a terra não ficaria horrorizada se, supondo-se que tal coisa pudesse ser remotamente possível, nós mandássemos de volta para a terra cada pessoa que, no mundo espiritual, julgássemos indesejável para viver nestes planos?

Poderíamos limpar rapidamente os reinos trevosos de seus habitantes por estes métodos diretos e, assim, abolirmos para sempre os reinos tenebrosos, reinos dos quais não temos o menor orgulho, dos quais a terra não tem razão para regozijo, porque estão somente habitadas por pessoas que viveram um dia na terra. Como a terra gostaria que jogássemos de volta toda aquela maldade que foi despachada para nós aqui? Contudo, certas espécies de cidadãos indesejáveis são forçosamente jogadas para estes planos em conseqüência de certas leis mundanas.

As autoridades da terra acreditam profundamente que assim fazendo, com marcante esperteza, removeram uma fonte de maldade de seu meio para um lugar onde não poderá ser operante ou exercer sua influência. Que loucura indescritível acreditar que seja, realmente, o caso! Que estupenda estupidez! Que monumental auto-satisfação! E não há ninguém para falar alguma coisa contra esta besteira e loucura e auto-satisfação, a não ser uma porção de pessoas cuja voz, apesar de peremptória, não é escutada.

Não há uma alma que esteja em comunicação direta conosco que pudesse apontar para isto, com extrema precisão e exatidão, como sendo uma terrível afronta à lei espiritual, onde, por decretos de uma nação, as autoridades possam tomar em suas mãos e terminar abruptamente a vida terrena de uma pessoa.

E assim, meus amigos, pela sabedoria superior dos líderes da terra, e por levarem a termo as sentenças judiciais, as pessoas da terra estão desejando em vão que superem finalmente as forças do mal, quando, a bem da verdade, o que foi feito é causar uma concentração de todo o mal no mundo espiritual. Aqueles homens malvados estão aqui, não se enganem a respeito disto. Eles estão vivos, não se enganem a este respeito também. Toda a terra teme pelo futuro, de como ele poderá ser; visualizando outro e infinitamente pior derramamento de sangue, perda de vidas humanas, derrubada de casas, a destruição e a desolação de cidades e vilas em uma escala terrificante, e os diabólicos resultados e conseqüências de um vasto poder de aniquilação. As pessoas da terra têm muita razão de ficarem apavoradas.

Assim – um leitor amigo pode exclamar a mim – você que falou muito, talvez possa dizer qual é o remédio para tudo isto? De fato, posso. É um dos remédios, simples em si mesmos, que são muito eficazes se aplicados apropriadamente. Mas a aplicação do remédio deve ser feita calmamente, compreensivamente, alguém diria, cruelmente.

É ele: *toda a terra deve fazer uma mudança completa e radical de mente e coração*. E o que precisamente quero dizer com isto?, podem perguntar a mim. Apenas isto. Cada alma na terra deve chegar à percepção completa do fato de que, através do seu breve período na terra, sua tarefa é seu próximo, assim como este é a tarefa dele. Como um antigo escritor expressou: não faça aos outros, o que não queres que te façam.

Um nativo de algum país acha que todos os de fora são estrangeiros. Está errado. Não há estrangeiros no mundo espiritual. Podemos ter pertencido a qualquer nação na terra: aqui, pertenceremos a um só plano, o enorme mundo do espírito.

Por que seu mundo, infinitamente menor, divide-se nestes apertados ‘compartimentos estanques’ das nacionalidades?

A terra pensou, principalmente, que era bom para si mesma, tendo então tropeçado e tropeçado, erigindo barreiras falsas e distinções em sua vida social e, através de organizações religiosas contendoras, disseminou a falsidade espiritual entre seus povos. Se a terra deseja a paz, deve dar um novo começo, aprendendo a verdade espiritual, e isto deve ser feito nos planos elevados, onde estão investidos os governos das nações.

O homem deve saber que apesar do mundo espiritual e o mundo da terra serem corpos separados, mesmo assim são inter-relacionados, e muito intimamente. Ele deve perceber que nós do mundo espiritual podemos e nos comunicamos com nossos amigos na terra, e que da forma que nos comunicamos, também os maiores, os mais poderosos, os das mais altas esferas da existência espiritual se comunicam, e de seus imensos tesouros desembolsam ricos estoques de sabedoria e inteligência. Estes seres elevados estão prontos e ansiosos para ajudar os líderes da terra em todas as suas dificuldades e tentativas para que, pela aplicação de medidas adequadas e apropriadas, a eterna paz e a prosperidade sejam espalhadas por toda a terra, com segurança para o futuro dos tempos.

Mas como aconteceria a mudança de mentes e corações, se os líderes das nações estão espiritualmente cegos? Há muito egoísmo na terra, meus amigos, e quase nada de *abnegação*. Uma mudança de sentimentos é revolucionária, mas apenas tais métodos revolucionários salvarão a terra das calamidades futuras.

As guerras aumentaram em violência, intensidade, e proporções a cada ressurgimento; elas não diminuem em seus poderes de infligir a devastação, desolação e ruína. Deve vir um tempo em que o ‘ponto de saturação’ será alcançado. Muitos da terra expressaram a opinião de que aquele tempo já chegou. Com a chegada da próxima guerra, afirmam, o mundo será aniquilado pelo poder estupendo da nova força destruidora. Se a terra sobreviver, acrescentam, algo deve ser feito.

Desta forma, a luz está começando a penetrar nos lugares onde está mais escuro e onde ela é mais necessária – entre os líderes das nações, porque são *eles* que espalham as guerras na terra, quaisquer que sejam as causas ou provocações. A congregação dos homens malévolos no mundo espiritual, que foram mandados para cá pela terra, não está impotente ou inativa. Estão extremamente ativos e poderosos. Cabe às pessoas da terra não lhes dar oportunidades ou canais para a frutificação de seus intentos maldosos. Enquanto os líderes ensaiam pôr em prática os fugazes planos para a paz na terra, os malévolos estão fazendo o que podem para romperem tais planos, para interporem seus poderes malévolos de todas as formas possíveis.

E onde, pode ser perguntado, estão os ‘anjos de luz’ durante tudo isto? Estarão parados, inativos, impotentes para estancar o jorro de maldade, impotentes para fazerem algum bem à terra? Não, não estão inativos, de forma alguma. Mas se as pessoas do mundo espiritual podem influenciar as mentes dos líderes da terra e seus subalternos, ficam com os últimos.

Tentamos impingir ativamente sobre suas mentes o caminho correto a ser seguido. Alguns nos ouvem, e estejam completamente convencidos de que os pensamentos que ‘vieram às suas mentes’ são a solução sã e salvadora dos problemas em particular. O que acontece?

Tais pessoas são a minoria; uma voz, talvez, clamando na selva – e que selva! Pode ser ouvida – há verdadeiros profetas na terra – mas seguramente não serão atendidas. Há outras influências trabalhando, teorias a serem testadas, interesses a serem protegidos e servidos a todo custo, dinheiro a ser pensado, regras mesquinhas e modos tortuosos de procedimentos a serem observados, e prejuízos, orgulhos, e pura idiotice causando obstruções.

De fato, não; as pessoas do mundo espiritual jamais abandonarão seus irmãos na terra, cuja necessidade é mais imperativa agora que jamais foi através da passagem dos tempos e da história. Se apenas um homem pudesse atender as vozes dos reinos superiores do espírito de quem falei. É de se lamentar quando vemos a terra deslizando mais para o fundo e cada vez mais fundo, para o pântano da desordem do mundo.

Grandes dias de oração no mundo, meus amigos, pouco ou nada valem. O que está se pedindo?, diriam vocês. Orientação, talvez? Apenas isso. Se a orientação é dada, o que acontece? Quem presta atenção a ela? Esta orientação já foi dada sem referência a nenhuma assembléia de personagens importantes numa grande exibição de fervor religioso. Orar por misericórdia, porque a Igreja proclama que todos os habitantes da terra são ‘pecadores miseráveis’, e recitar orações longas e muito impróprias não produzirá resultado algum. Seria melhor se estas pessoas importantes fossem encontradas em seus próprios aposentos, com seriedade em seus corações e com a resolução profunda e sincera de resolver agir sobre suas impressões totalmente desrespeitosas de preconceito ou prevenção, e orar: “Grande Pai, através de Seus enviados de luz, mostra-nos o que fazer, e seja lá o que for, prometemos cumprir infalivelmente”.

Isto, meus amigos, produziria muito mais resultado que todas as solenidades exageradas de qualquer ‘rodada de oração’ – e tal oração, também. O Pai do Universo gosta que Seus filhos o bajulem? Vocês gostariam, meus amigos, vocês que têm os seus próprios filhos e a quem são tão devotados, que eles o bajulassem? Claro que não. Vocês ficariam revoltados com o espetáculo e imaginariam o que teria acontecido a eles – ou com vocês – para que eles se comportem assim.

Então, diriam vocês, seja franco de forma masculina e feminina, e em termos simples, não afetados, como os que empregariam entre vocês mesmos, em casa, enderecem-se ao Pai de todos nós, e peçam que Ele ajude a velha terra sair de seus problemas profundos e misérias. Nós uniremos nossos esforços que são sinceramente direcionados a uma meta de paz na terra aos homens de boa vontade. Porque a verdadeira paz não vem em termos de assinaturas em documentos. Com a boa vontade universal, a paz está à vista.

A terra já derrotou as forças do mal com a ajuda incansável e voluntariosa de seus amigos invisíveis do mundo espiritual, mas a terra, através de suas atuais besteiras tocou o poder do mal de seu mundo para o nosso. Baniu o mal de forma física, mas ele ainda permanece ativo na forma espiritual, ganhando mais força em sua carreira maldosa. Ajudem-nos, então a ajudá-los, para prevenir qualquer erupção do mal na terra. Estas forças do mal não nos atingem neste ou em outros reinos de luz, mas podem feri-los, feri-los terrivelmente, e trazer de volta a abominação e a desolação na terra.

E agora, meus amigos, o tempo de encerrar estes escritos chegou. Cobrimos juntos um espaço da estrada, e espero que a jornada que fizemos desta forma não tenha sido tediosa a vocês. Se há coisas que não discutimos, é por causa do espaço, apesar de ilimitado nos reinos espirituais, é muito limitado quando visitamos a terra e falamos por meio de palavras impressas em papel! Devemos, portanto, cortar nosso casaco de acordo com nosso tecido.

Que a tranqüilidade e a prosperidade estejam para o seu deleite, é o profundo desejo de todos nós destes planos, e que, com a ajuda de Deus, através de Seus poderosos, apesar de invisíveis, ministros, sejam restituídas a vocês. E em todos os seus esforços em direção a este final feliz, eu diria:

Benedicat te omnipotens Deus

(Que Deus Onipotente o abençoe)

